

CARLOS MARIGHELLA

MINIMANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO

VERSÃO ORIGINAL - EDIÇÃO ESPECIAL



adandê





CARLOS MARIGHELLA

MINIMANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO

VERSÃO ORIGINAL - EDIÇÃO ESPECIAL



adandê



MOVIMENTO DE
UNIDADE POPULAR



CARLOS MARIGHELLA

MINIMANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO

VERSÃO ORIGINAL - EDIÇÃO ESPECIAL



adandê



MOVIMENTO DE
UNIDADE POPULAR

Copyright 2024 © *Todos os direitos para todos*

Organização, pesquisa e revisão:

Editorial Adandé e Movimento de Unidade Popular (MUP)

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Gato Preto CC

Impressão e acabamento:

Cooperativa Uhuru

Este livro é uma iniciativa militante e autogestionária, produzido pelo Editorial Adandé, em conjunto com o Movimento de Unidade Popular (MUP), com o objetivo de colaborar para a formação teórica de lutadores e lutadoras do povo e com a difusão do pensamento socialista e revolucionário. O compartilhamento ou a reprodução total ou parcial desta obra é permitida e incentivada para fins não-comerciais e desde que citados os autores.

1ª edição, novembro de 2021.

2ª edição, abril de 2024.

Editorial Adandé – Casa da Resistência

Rua César Martins da Silva, 35, Centro.

CEP 44001-508 – Feira de Santana, Bahia.

editorialadande.com

[instagram.com/editorialadande](https://www.instagram.com/editorialadande)

[facebook.com/editorialadande](https://www.facebook.com/editorialadande)

Movimento de Unidade Popular – MUP

casadaresistencia.org/mup

[instagram.com/movimentounidadepopular](https://www.instagram.com/movimentounidadepopular)

[facebook.com/movimentounidadepopular](https://www.facebook.com/movimentounidadepopular)

SUMÁRIO

- 8 -

MARIGHELLA, O PROFETA ARMADO

- 20 -

MINIMANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO

- 78 -

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE AS GUERRILHAS NO BRASIL

- 95 -

**QUESTÕES DE ORGANIZAÇÃO –
CARACTERÍSTICAS DE NOSSA ATUAL ESTRUTURA**

- 105 -

**A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA E A FRENTE UNIFICADA –
OPERAÇÕES E TÁTICAS GUERRILHEIRAS**

- 124 -

SOBRE PROBLEMAS E PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS

- 131 -

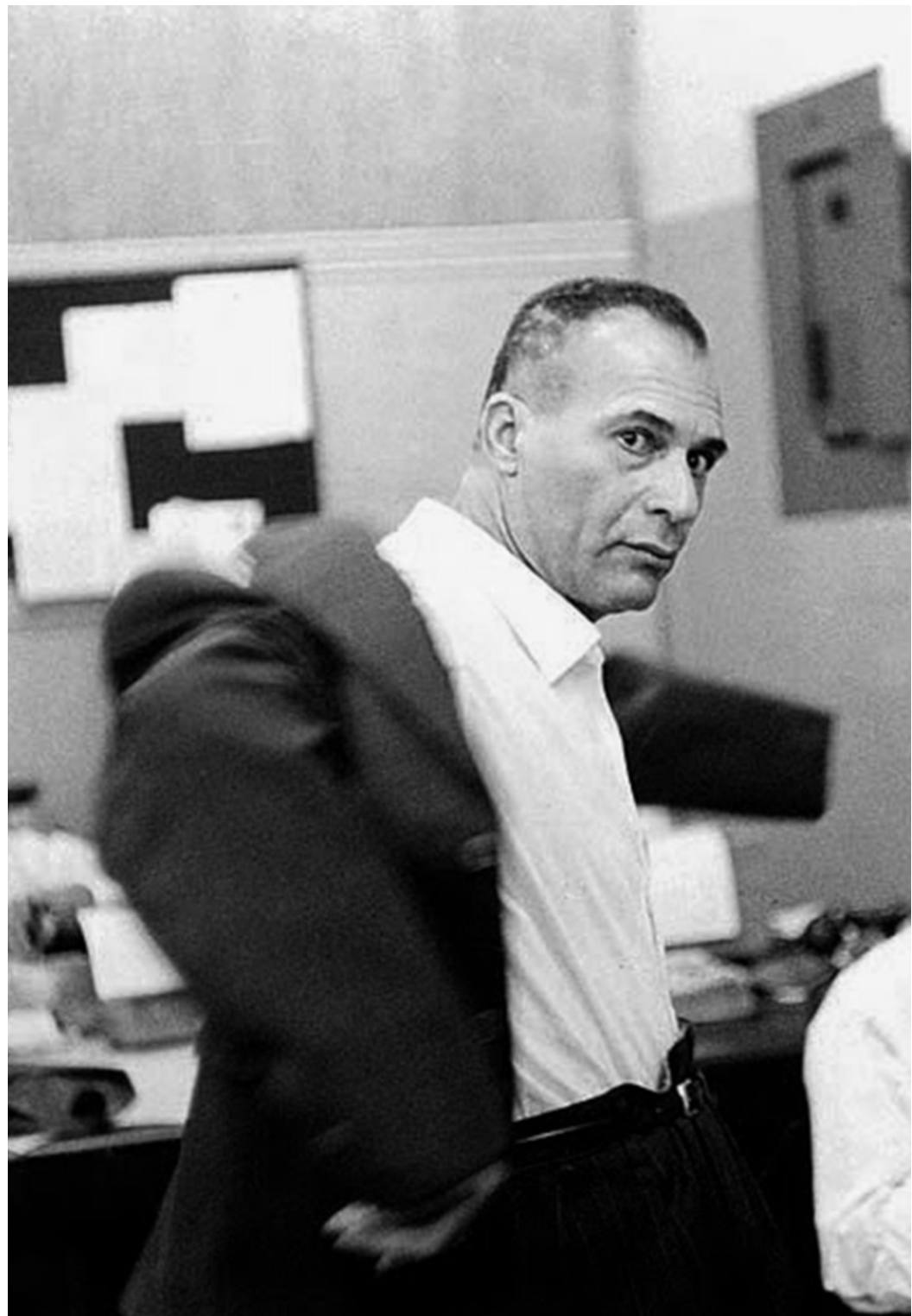
O PAPEL DA AÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA ORGANIZAÇÃO

- 147 -

PERSPECTIVAS DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

- 154 -

ENTREVISTA À REVISTA FRONT



MARIGHELLA, O PROFETA ARMADO

*Movimento de Unidade Popular**

Carlos Marighella é a figura histórica mais simbólica da resistência revolucionária contra a ditadura militar fascista em nosso país. Sua vida é também a melhor síntese da nossa formação social e das lutas do povo brasileiro. Nascido em 5 de dezembro de 1911, na Baixa dos Sapateiros, em Salvador, foi o primeiro filho de Augusto Marighella, um operário italiano com influências anarquistas de Ferrara, região da Emília-Romagna, e de Maria Rita do Nascimento, uma mulher negra descendente de escravizados haussás sequestrados na região do Sudão Central, atual norte da Nigéria, de onde vieram parte dos negros islamizados que protagonizaram a Revolta dos Malês em 1835. Homenageado nas artes, cantado em músicas, retratado no cinema ou reivindicado como referência por diversas tendências de esquerda, a trajetória do revolucionário baiano é tema também de diversas pesquisas e livros, mas o significado de Marighella tem sido muitas vezes tratado de forma mistificada. Homem de ação, comunista disciplinado, revolucionário de corpo e alma, parte da memória construída sobre o dirigente guerrilheiro que fundou a Ação Libertadora Nacional, a ALN, é muitas vezes um esforço deliberado para retirar de seu legado o conteúdo e a atualidade do programa revolucionário e socialista pelo qual lutou e entregou sua vida.

Este livro, com a versão original do mítico texto do *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, além dos textos político-militares escritos pelo guerrilheiro baiano e sua última entre-

* O Movimento de Unidade Popular (MUP) é uma organização popular revolucionária baseada na ação direta, na autogestão e na autodefesa do povo pobre e trabalhador, que desenvolve programas comunitários em favelas, bairros populares e ocupações. Artigo escrito em novembro de 2021 e revisado em abril de 2024.

vista, é parte de um fundamental trabalho de pesquisa e recuperação dos textos políticos e documentos originais de Carlos Marighella e da ALN, realizado pelo *Editorial Adandé*, que permaneceram em grande medida mais de 50 anos em esquecimento, e que deram origem aos livros da coleção *Pensamento Marighella*. O texto do Minimanual, até ser publicado em sua íntegra nesta coleção, circulou por bastante tempo em versões reescritas ou traduzidas a partir do espanhol, francês e inglês. Com esta edição especial, que marca a colaboração entre o Editorial Adandé e o Movimento de Unidade Popular, afora o objetivo de difundir o texto original do Minimanual, buscamos também contribuir para recuperar a atualidade do pensamento de Carlos Marighella e da estratégia revolucionária da ALN, que compõem parte de nossas principais referências para a construção de um programa popular e revolucionário no Brasil de hoje.

Recuperar a atualidade de Marighella é uma dupla tarefa. É primeiro um trabalho político-teórico que tem como objetivo central popularizar os escritos originais do dirigente guerrilheiro e da organização que fundou, desmistificando a figura de Marighella e a apropriação oportunista de sua memória, estabelecendo a partir da batalha no campo da teoria, o verdadeiro significado do seu legado, sintetizado como *Pensamento Marighella*. Em segundo, é uma tarefa político-social, uma batalha pela atualidade de um programa revolucionário para o Brasil, que parte igualmente de um balanço crítico da estratégia de massas e político-militar para a revolução brasileira proposta por Carlos Marighella e pela Ação Libertadora Nacional, como principal organização revolucionária armada que enfrentou a ditadura militar brasileira.

Reivindicar a continuação histórica da linha revolucionária no Brasil é, portanto, também reafirmar hoje o *Pensamento Marighella*, adaptando para nossas condições atuais o conjunto de métodos forjados no fogo da luta armada pela geração anterior. O conceito organizacional de democracia revolucionária, a leitura antidogmática e antisectária necessária para construir os necessários instrumentos orgânicos, a centralidade da ação contra as variantes do teorismo e do burocratismo, a intransigência de classe e a firmeza no combate

ao colaboracionismo, a busca pelo equilíbrio entre a ação de massas e o papel da vanguarda que se determinam pelas condições históricas, o profundo caráter anti-imperialista de nossa luta de libertação que se conjuga necessariamente com o objetivo socialista, a unidade popular como elemento fundamental e produto da aliança operário-camponesa, com a participação ativa da juventude revolucionária e dos setores médios que aderem à causa do povo, a dimensão tática da luta nas cidades e a guerra revolucionária como objetivo estratégico que se produz a partir da formação das colunas guerrilheiras no campo como base fundamental para a construção de um exército popular de libertação, imprescindível para a tomada do poder pelo povo em armas e a construção do socialismo no Brasil, são ensinamentos programáticos que, em grande parte, mantêm a validade do projeto revolucionário da ALN.

Essa referência fundamental, que se soma as diversas experiências de resistência revolucionária dos povos em luta que reivindicamos, nos aponta o caminho para realizar nos dias atuais as tarefas necessárias para a nossa libertação. Marighella nos ensinou que: “É um círculo vicioso. O movimento de massas avança, em seguida é detido pelo golpe militar. Passa-se algum tempo de ditadura, mais ou menos duradouro, que nada resolve para o povo. Vem a desmoralização dos ditadores. Surgem os líderes burgueses que pleiteiam eleições e democracia para salvar o país (...). O movimento de massas cresce mais uma vez. Em seguida vem um novo golpe militar e tudo recomeça. [...] É que por meio de eleições ou pela via pacífica jamais o povo brasileiro se libertará. Não há outro caminho para os trabalhadores senão conquistar o poder pela violência e destruir o aparelho burocrático-militar do Estado, substituindo-o pelo povo armado.” (*Mensagem aos Operários do Brasil através da Rádio Havana, 1967*).

Nossos desafios hoje, relativos à mobilização popular e organização de base, a radicalização das lutas do povo através de um programa reivindicativo para a construção das frentes de massas coordenadas em torno da ação direta popular e de uma orientação combativa, e em concomitância, a corporifi-

cação de uma vanguarda forjada no enfrentamento real, capaz não somente de produzir teoria e propaganda, mas também de impulsionar o necessário nível de organização político-militar, ligando a partir da realidade concreta e da ação criativa o programa reivindicativo com o programa revolucionário, que aponta de forma palpável como transformar a realidade da nossa gente, acumulando força e organização para uma ruptura revolucionária e a construção do socialismo como consequência da guerra popular, se resumem como apenas uma grande tarefa, que é a de construir o que chamamos de *programa popular revolucionário*. Um programa que parte das necessidades reais de sobrevivência e mais básicas de nosso povo, articulando uma saída anticapitalista e uma alternativa de poder do povo como horizonte, derrotando a barbárie capitalista, seu Estado e seu aparato burocrático-militar para abrir o caminho da nossa libertação e de uma nova uma sociedade, socialista e baseada na justiça.

REFAZER O PERCURSO DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

“É difícil explicar o destemor de Marighella. Qualquer pessoa que houvesse sofrido a violência que ele sofreu teria tido uma transformação defensiva em sua personalidade. Mas ele não. Tenho a impressão de que ele pessoalmente nunca sentiu medo de outra pessoa. Andava por qualquer lugar, com seu corte de cabelo sempre esquisito (moicano). Quando as pessoas o encaravam, fitava-as com seu olhar intenso e elas se retraíam. Movia-se como se o mundo inteiro lhe pertencesse. E todos deviam precatar-se de que isso era verdade. Alguém do Candomblé diria que Xangô ou Ogum vivia encarnado nele. Não só era destemido: infundia coragem. Era impossível sentir medo na companhia dele. Aquela extraordinária energia agarrava você também...”, com essas palavras, o

professor Wilson Negão*, ex-presos político e combatente da ALN, nos define o revolucionário baiano, que foi alçado pelo regime à condição de “inimigo número 1” da ditadura militar-empresarial e se tornou uma referência para a esquerda revolucionária em todo o mundo.

Carlinhos, como era conhecido pelos amigos de infância, se destacou nos estudos secundários e desde muito cedo se interessava por poesia e temas sociais. Em 1932 é detido após escrever versos contra Juracy Magalhães e em 1934 já como estudante de Engenharia Civil adere ao Partido Comunista do Brasil (que passaria a se chamar Partido Comunista Brasileiro apenas em 1961). Participando ativamente da estrutura partidária do PCB, se transfere para o Rio de Janeiro no ano seguinte, tornando-se responsável pelo setor de propaganda do partido, é preso e torturado em 1936 pela polícia especial de Filinto Müller durante o governo Getúlio Vargas. Passa a viver na clandestinidade e se muda para São Paulo também cumprindo tarefas do PCB, é capturado novamente em 1939 e passa por prisões em Fernando de Noronha (PE) e na Ilha Grande (RJ), até ser anistiado em 1945. Com o fim do Estado Novo e a derrota do nazifascismo, o PCB volta à vida legal e participa das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte de 1946. Marighella é eleito deputado pela Bahia, tornando-se um dos 14 membros da bancada comunista.

Eleito quando ainda estava preso para o Comitê Central, o baiano se torna também o principal dirigente do PCB em São Paulo, sendo responsável por coordenar o trabalho sindical e a mobilização operária, depois assumindo a Comissão Agrária do partido. Sempre muito fiel à disciplina partidária e a liderança de Luís Carlos Prestes, o “Cavaleiro da Esperança”, após uma série de críticas aos métodos do trabalho de mas-

* Wilson do Nascimento Barbosa, em *Escritos Estratégicos* (Maria Antônia Edições; GMARX; 2019). Historiador e economista, rompeu com o PCB em 1966 e participou do processo de formação do Agrupamento Comunista, depois ALN. Preso em 1969 no Uruguai, foi entregue à ditadura brasileira e libertado em 1971 junto com os 70 presos políticos trocados pelo embaixador suíço Giovanni Bucher, capturado pela VPR. Viveu como exilado no Chile e na Suécia, depois seguiu para o continente africano onde trabalhou no governo socialista da FRELIMO.

sas do partido é punido com um afastamento temporário. Em 1952, é enviado para uma viagem à China maoísta, passando depois pela URSS. Com a crise desatada após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e a divulgação do famoso relatório de Khrushchev com acusações e falsificações sobre Stalin em 1956, o PCB passa por um processo de luta interna que termina com a expulsão de parte do Comitê Central em 1957, na cisão que daria origem ao PCdoB. Marighella, nesse momento, ainda se mantém ao lado das posições prestistas da direção do PCB.

A partir de 1961, a renúncia de Jânio Quadros abre uma nova situação no país, tem início a campanha da legalidade para garantir a posse de João Goulart. O PCB participa do apoio ao governo Jango e da campanha pelas reformas de base, mas a conjuntura se radicaliza rapidamente culminando no golpe de Estado de 1964. Uma crise profunda se instala no Partidão. Em maio, Carlos Marighella é preso por agentes do DOPS dentro de um cinema na Tijuca, no Rio de Janeiro, após enfrentar os policiais recebe um tiro à queima-roupa no peito, permanece preso por 3 meses, passa a viver a partir desse momento na clandestinidade, publicando em 1965 o livro "Por Que Resisti à Prisão". O comunista baiano critica principalmente o imobilismo do partido diante do golpe militar e a confiança do PCB nos acordos de cúpula e sua política a reboque da "burguesia nacional", em 1966 publica "A Crise Brasileira" e nesse momento também amplia seu processo de autocrítica e radicalização, influenciado principalmente pelas concepções castro-guevaristas da Revolução Cubana. Enquanto outros setores da esquerda brasileira, principalmente de ex-militares cassados ligados a Leonel Brizola e organizações como a Política Operária (POLOP), o primeiro Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e o PCdoB tentavam iniciar focos guerrilheiros ou começavam a preparar a luta armada contra a ditadura, o PCB vivia um intenso processo de disputa interna do qual jamais se recuperaria. Em 1967, após viajar para Cuba e ser desautorizado pelo Comitê Central de participar da 1ª Conferência da Organização Latino-America-

na de Solidariedade (OLAS), Marighella se demite dos cargos que ocupava na direção partidária. O debate que se estende desde 1964 por todos os organismos do partido se consuma com um golpe burocrático e a expulsão de parte do Comitê Central no VI Congresso do PCB, em dezembro de 1967. Diversas dissidências favoráveis a luta armada contra o regime vão se formando, milhares de militantes deixam o partido para pegar em armas, a “corrente revolucionária” dirigida pelo também baiano Mário Alves inicia a formação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a chamada *Ala Marighella* dá origem ao *Agrupamento Comunista de São Paulo*, que precedeu a ALN. Outras organizações armadas também vão se formando com dissidências locais do PCB, da POLOP e ex-militares, como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e os Comandos de Libertação Nacional (COLINA), ou a partir de rachas do PCdoB, como a Ala Vermelha (PCdoB-AV) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

A luta armada revolucionária contra a ditadura perdurou entre 1964 e 1974 e teve seu auge entre os anos de 1968 e 1972, até começar a ser derrotada pela máquina sanguinária de repressão do regime fascista dos generais, apoiado diretamente pelos EUA e pela burguesia. Tentativas com inspirações brizolistas como a Guerrilha de Três Passos, impulsionada pelo Movimento Revolucionário 26 de Março (MR-26) em 1965 no Rio Grande do Sul e a Guerrilha do Caparaó organizada pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) na divisa entre o Espírito Santo e Minas Gerais, entre 1966 e 1967, são logo suprimidas prela repressão. Com as organizações armadas tomando forma de fato a partir de 1968 se constituem dois campos distintos mais importantes, um a partir da influência castro-guevarista e operando taticamente nas cidades como no caso da ALN, da VPR e demais organizações que se coordenaram na Frente Armada Revolucionária, composta também pelo segundo MR-8, o PCBR, o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT) e pontualmente a VAR-Palmares, e outro sob influência maoísta que tomava como principal referência a estratégia da guerra popular

prolongada a partir do campo, com o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e a Ação Popular Marxista-Leninista (APML), que após divisões se unificou ao PCdoB. Com diferenças acerca da estratégia e diferentes leituras da luta de classes no Brasil, essas organizações se dividiam, grosso modo, entre a luta de libertação nacional como primeira etapa do processo revolucionário ou o objetivo imediato da revolução socialista como resultado da guerra revolucionária, mas confluíam quanto às tarefas de derrubada da ditadura através da luta armada e a constituição de um governo popular revolucionário.

A luta armada no Brasil, em que pese seu caráter particular, não esteve deslocada das lutas insurgentes e processos revolucionários na vaga histórica aberta na segunda metade do século XX, cujo símbolo maior é a vida dedicada à causa dos povos em luta do comandante Che Guevara. Além das revoluções socialistas na China (1949) e em Cuba (1959), processos como a vitória da guerra anticolonial na Argélia em 1962, a guerra de libertação do Vietnã contra os EUA (1955-75) e os diversos processos insurrecionais que se estenderam por toda a América Latina e a África nos anos 1960 e 1970, influenciaram a resistência revolucionária em nosso país, que teve seu ápice no biênio insurgente de 1968-69, ao ponto do próprio governo dos EUA admitir a iminência da derrubada da ditadura, mas que esbarrou nas dificuldades próprias da conjuntura enfrentada e em sucessivos erros estratégicos da esquerda revolucionária, que não podem ser julgados com arrogância histórica e cujos limites dessa apresentação não nos permitem aprofundar. Nesse sentido, o trabalho teórico empreendido pelo *Editorial Adandé* tem sido fundamental, ao realizar a partir da pesquisa histórica e do trabalho editorial de propaganda e formação, um balanço das experiências e das organizações revolucionárias, com o objetivo de formular uma teoria da violência para a revolução brasileira e, colaborando assim, com o debate estratégico sobre uma concepção político-militar atual.

UM MANUAL PARA A LIBERTAÇÃO

Como um texto produzido no fogo da luta, entre a clandestinidade, as expropriações e a propaganda armada, a partir da síntese de experiências coletivas e como demanda de um intenso período de resistência revolucionária e repressão brutal, o Minimanual não é uma obra final ou uma teoria político-militar pronta. É muito mais um ponto de partida, que reúne orientações fundamentais para a guerrilha urbana, frente que possuía na concepção da ALN, apenas um papel tático para criar as condições do trabalho estratégico no campo e possibilitar a formação das colunas guerrilheiras a partir das áreas rurais. O Minimanual teve uma tiragem inicial de 100 cópias mimeografadas, circulou pela rede internacionalista de apoio que a ALN constituiu e exerceu grande influência nos meios revolucionários internacionais nos anos 1970, com versões traduzidas já a partir de 1969 em francês, italiano, espanhol, inglês, alemão, sueco e outras línguas.

A Ação Libertadora Nacional, como resultado da cisão com o colaboracionismo e pacifismo covarde do PCB, foi formada por alguns milhares de militantes entre seus setores de apoio, simpatizantes e bases nas diversas frentes da organização, além de centenas de combatentes com formação político-militar, em todas as regiões do país. Atuando de forma clandestina e com uma lógica compartimentada, se organizou inicialmente a partir do Grupo de Trabalho Estratégico, responsável pelo planejamento da guerrilha rural, os Grupos Táticos Armados (GTAs), responsáveis pelas ações armadas nas cidades, e o setor político e de massas, com grupos de ação que faziam o trabalho de massas da Frente de Trabalho Político, e os grupos independentes, que formaram a Rede Logística de Apoio. Antes do seu assassinato na emboscada preparada pelo DEOPS/SP em 4 de novembro de 1969, na Alameda Casa Branca, em São Paulo, Marighella havia anunciado o que seria a segunda fase da guerra revolucionária, com o início da luta armada no campo. Concretamente, a estrutura que vinha sendo preparada para o início da guerrilha rural consistia em colunas guerrilheiras móveis com uma média de 50 comba-

tentes cada, que subiriam do Mato Grosso liberando cidades em Goiás, no sul do Pará e na região do Araguaia, no Maranhão. A ALN como formação orgânica temporária deveria se dissolver com as demais organizações guerrilheiras em um exercício de libertação baseado na aliança operária-campesina, expandindo a guerra revolucionária para a região da Chapada Diamantina na Bahia, o sertão de Minas Gerais, a região indígena de Dourados, hoje no Mato Grosso do Sul, o Vale do Ribeira e a região oeste de São Paulo, além do norte do Paraná. Com a continuidade combinada das ações de guerrilha urbana nas cidades do litoral e no triângulo central do país, onde estava concentrado o aparato burocrático-miliar, a derrota do regime deveria ser inevitável e o povo em armas assumiria o poder, formando um governo popular revolucionário, sob a direção socialista da vanguarda armada.

A morte de Marighella foi uma grande derrota para o processo revolucionário no Brasil. A ALN reorganizada sob a liderança do comandante Toledo, Joaquim Câmara Ferreira, que foi também o principal articulador da Frente Armada Revolucionária, com o capitão Carlos Lamarca, que havia se tornado comandante da VPR e assumido a condição de “inimigo número 1” da ditadura, tentou avançar em um novo projeto comum entre as organizações armadas para o início da guerrilha rural, mas que seria novamente abortado com o assassinato de Câmara Ferreira em 23 de outubro de 1970. A queda de Lamarca no sertão baiano em 17 de setembro de 1971, quanto já havia se transferido da VPR para o MR-8, encerrou também o ciclo de ofensiva da luta armada, com as organizações revolucionárias sob uma brutal repressão lutando heroicamente até 1974, até que a última direção da ALN caiu e as Forças Guerrilheiras do Araguaia, sob o comando de outro gigante revolucionário baiano, Maurício Grabois, foram dizimadas em sucessivas grandes operações militares do regime fascista dos generais.

Esta edição especial do *Minimanual do Guerrilheiro Urbano* se soma a uma série de publicações fundamentais do Editorial Adandé que visam contribuir para a formação de lutadoras e lutadores do povo, aprofundando e conhecendo o legado revolucionário da geração de combatentes que nos an-

tecedeu. Para construir a revolução brasileira e avançar no processo de libertação de nossa gente, é fundamental resgatar e atualizar a estratégia escrita com fogo e sangue pelos heróis do povo brasileiro que ousaram enfrentar de armas na mão um regime brutal, no qual o Estado policial de hoje, necessário para manutenção da exploração e da opressão de nosso povo, tem suas bases.

Reafirmar o Pensamento Marighella e a incontestável referência da Ação Libertadora Nacional são passos necessários em nosso caminho revolucionário, pois como nos ensinou o guerrilheiro carinhosamente chamado de comandante “Preto” pelos seus companheiros e companheiras de organização: “Todos nós, brasileiros, devemos nos preparar para combater, elaborar nossos planos na base de uma luta prolongada. [...] Devemos estudar nosso terreno, conhecer os que nos acompanham, fortalecer nossa convicção revolucionária e não querer de nosso lado os vacilantes, os insinceros, os aproveitadores. Revolução é sacrifício, é abandono de comodidades. [...] No período anterior de nossa luta, nosso povo foi muito deseducado pela linha pacífica e pela submissão que se pregou abertamente à ideologia da burguesia. Urge corrigir tudo isso. [...] É o momento de trabalhar pela base, mais e mais pela base. [...] Façamos pequenas tarefas, chame-mos os nossos amigos mais dispostos, nossos familiares desejosos de sair da situação de opressão em que vivemos. Tenhamos decisão, mesmo que seja enfrentando a morte. Porque, para viver com dignidade, para conquistar o poder para o povo, para viver em liberdade, construir o socialismo, o progresso, vale mais a disposição de ir até o sacrifício da vida.” (*Mensagem sobre o Povo Brasileiro através da Rádio Havana*, 1967).

MINI-MANUAL
do
guerrilheiro urbano

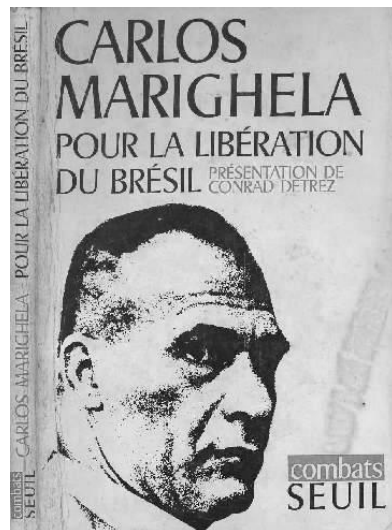
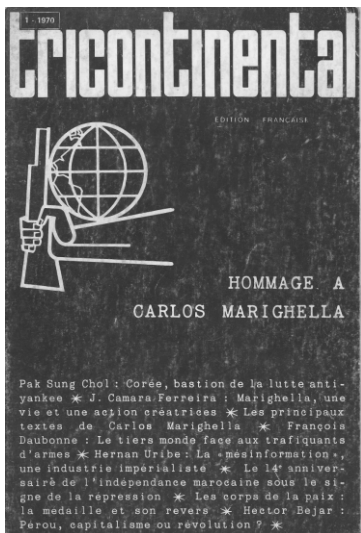
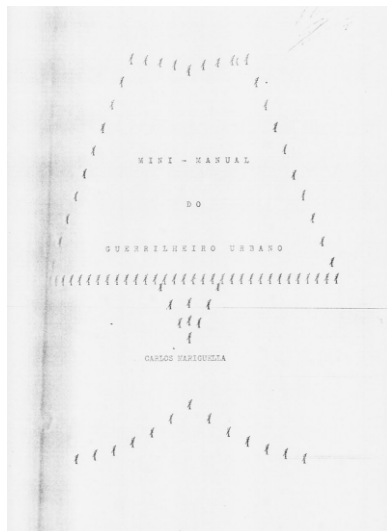
para o revolucionário urbano

A GUERRA DO VITÓRIMUNDO
SOMOS REVOLUCIONÁRIOS URBANOS

Este folheto trabalha dentro de duas homologações e primeira é a de José de São Paulo, Tercio Artista João de Carvalho, João José de Almeida, "Unicentro" e todos outros indivíduos combatentes e guerrilheiros, lutando, que trataram de suas experiências da política militar, do subdesenvolvimento, da revolução e de 1969, fazendo uma edição da reprodução da literatura militar.

A segunda, em valores culturais e econômicos, pressupõe uma análise da guerra brasileira e substituída e tornada, que não, fica e é por isso a revolução é uma realidade para os estados.

Tal como os computadores para modelos revolucionários ou como aqueles que outros países conhecem e que devem e fazer à letra.



Capas de edições mimeografadas do *Minimanual* que circularam a partir de 1969 no Brasil. Abaixo, a edição especial da *Tricontinental* de 1970 e o livro organizado por Conrad Detrez, publicado em Paris em 1969, ambas com a tradução em francês do texto.

MINIMANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO

Junho de 1969*

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Com este trabalho desejo prestar duas homenagens: a primeira à memória de Edson Souto, Marco Antônio Brás de Carvalho, Nelson José de Almeida “Escoteiro” e a tantos outros heroicos combatentes e guerrilheiros urbanos que caíram nas mãos dos assassinos da polícia militar, do exército, da marinha, da aeronáutica, e também do DOPS, instrumentos odiados da repressora ditadura militar.

A segunda, aos valorosos companheiros e companheiras, presos nas masmorras medievais do governo brasileiro e sujeitos a torturas que se igualam ou superam os horrendos crimes cometidos pelos nazistas.

* Apresentamos aqui a versão original do texto, datada de junho de 1969 e assinada por Carlos Marighella, utilizando como fontes as versões mimeografadas disponíveis no Arquivo BNM e no Arquivo Nacional. O *Minimanual* teve uma tiragem inicial de 100 cópias feitas pela ALN e ainda em 1969 foi publicado em francês no livro *Pour la libération du Brésil*, organizado por Conrad Detrez. Em 1970 foi publicado em Paris pelas *Éditions du Seuil* e proibido pelo governo francês, no mesmo ano o texto integral sairia na revista *Tricontinental* em Cuba e em 1971 na Inglaterra como *Handbook of urban guerrilla warfare*. A diretoria de Inteligência da CIA afirmaria em 1971 que “Carlos Marighella, o autor brasileiro do *Minimanual do guerrilheiro urbano*, substituiu tanto Guevara como Debray como o teórico principal da revolução violenta no hemisfério”. Com ampla circulação nos meios revolucionários internacionais, o *Minimanual* teria também versões traduzidas em alemão, sueco, italiano e outras línguas, influenciando fortemente organizações como as Brigadas Vermelhas na Itália, o IRA na Irlanda, a Organização para a Libertação da Palestina, o Partido Pantera Negra nos EUA, a Fração do Exército Vermelho (RAF) na Alemanha e outras.

Tal como os companheiros cujas lembranças nós reverenciamos, bem como aqueles feitos prisioneiros combatendo, o que temos que fazer é lutar.

Cada companheiro que estiver contra a ditadura militar e queira lutar contra ela, pode fazer uma coisa qualquer, uma tarefa por mais insignificante que seja.

Àqueles que lerem este minimanual e concluírem que não devem ficar parados, ouso apelar para que sigam as instruções nele contidas e se engajem na luta desde já. E isto porque, em qualquer hipótese e em qualquer circunstância, a obrigação de todo revolucionário é fazer a revolução.

Outro problema importante já não é o da leitura em si do presente minimanual, mas o da divulgação que dele venha a fazer-se. Tal divulgação se tornará possível se aqueles que concordem com as ideias aqui contidas se dispuserem a copiar o minimanual em folhas mimeografadas ou a imprimi-lo em folheto, mesmo que isto, em último caso, venha a exigir o emprego da mão armada.

Finalmente, o motivo por que o presente minimanual leva minha assinatura é que as ideias expressadas ou sistematizadas aqui refletem as experiências pessoais de um grupo de homens que lutam à mão armada no Brasil, e entre os quais eu tenho a honra de estar incluído.

Para que estas pessoas não ponham em dúvida o que é pregado neste minimanual e para que não neguem os fatos ou continuem afirmando que não há condições de luta, o caminho mais indicado é assumir a responsabilidade do que se diz e do que se faz. Daí a inconveniência do anonimato num tipo trabalho como este.

O importante é que haja patriotas dispostos a lutar como soldados rasos, e tanto maior o seu número quanto melhor.

A pecha de assaltante ou terrorista é uma condição que enobrece qualquer homem honrado, pois significa exatamente a atitude digna do revolucionário que luta à mão armada contra a vergonha e monstruosidade da atual ditadura militar.

Carlos Marighella

O QUE É O GUERRILHEIRO URBANO

A crise crônica de estrutura que caracteriza a situação brasileira e lhe provoca a instabilidade política determinou o aparecimento da guerra revolucionária no país. A guerra revolucionária manifesta-se através da guerrilha urbana, da guerra psicológica e da guerrilha rural.

O sustentáculo da guerrilha urbana e da guerra psicológica é o guerrilheiro urbano.

O guerrilheiro urbano é um homem armado que luta contra a ditadura militar com armas, empregando para isso meios não convencionais. Revolucionário político e ardoroso patriota, é um lutador pela libertação de seu país, um amigo do povo e da liberdade.

A área onde o guerrilheiro atua é área das grandes cidades brasileiras.

Nesses grandes centros urbanos também atuam os bandidos, comumente chamados de marginais. Muitas vezes, assaltos de marginais são tomados como ações de guerrilheiros urbanos.

O guerrilheiro urbano difere, porém, radicalmente do marginal. O marginal procura um proveito próprio com a atividade que desenvolve e ataca indiscriminadamente, não fazendo distinção entre explorados e exploradores, razão por que entre suas vítimas se encontram tantos homens e mulheres do povo.

O guerrilheiro urbano visa uma finalidade política e só ataca o governo, os grandes capitalistas e os imperialistas estrangeiros, particularmente os norte-americanos.

Outro elemento que atua em área urbana e que é tão prejudicial como o marginal é o contrarrevolucionário de direita que age como um fator de confusão, assalta bancos, coloca bombas, sequestra, assassina, e comete os mais horrendos crimes contra os guerrilheiros urbanos, os sacerdotes revolucionários, os estudantes e os cidadãos que repelem o fascismo e querem a liberdade.

O guerrilheiro urbano é um inimigo implacável do governo e sistematicamente causa prejuízos às autoridades e aos homens que dominam e exercem o poder. A tarefa principal

do guerrilheiro urbano é distrair, desgastar e desmoralizar os militares, a ditadura militar e suas forças de repressão, além do ataque e saque devastador aos bens e à propriedade dos norte-americanos, dos empresários estrangeiros e da grande burguesia brasileira.

O guerrilheiro urbano não teme dismantelar e destruir o atual sistema econômico, político e social brasileiro, pois o seu objetivo é ajudar e colaborar para que surja no país uma estrutura social e política inteiramente nova e revolucionária, com o povo armado no poder.

O guerrilheiro urbano deve assegurar a si próprio um mínimo de conhecimento político. Daí porque é necessário que procure ler trabalhos impressos ou mimeografados, tais como: *Guerra de Guerrilhas*, de Che Guevara; *Memórias de um Terrorista**; *Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil*; *Operações e táticas guerrilheiras*; *Sobre problemas e princípios estratégicos*; *Alguns princípios táticos para os companheiros que realizam operações guerrilheiras*; *Questões de Organização*; *O papel da ação revolucionária na organização*; *O Guerrilheiro*, jornal dos grupos revolucionários brasileiros.

QUALIDADES PESSOAIS DO GUERRILHEIRO URBANO

O guerrilheiro urbano caracteriza-se pela bravura e o espírito de decisão. Deve ser uma grande tático e um bom atirador. O guerrilheiro urbano deve ser dotado de muita astúcia, para compensar, por este meio, o fato de que não ser suficientemente forte em armas, munições e equipamentos.

O militar de carreira ou o policial a serviço do governo dispõe de armas modernas e viaturas e pode ir livremente a qual-

* Se refere ao livro de Avner (Avraham Stern), publicado no Brasil em 1961 (Exposição do Livro). O autor foi fundador da organização paramilitar sionista conhecida como *Stern Gang* (ou *Lehi*, acrônimo hebraico para *Lohamei Herut Israel*) derivada da ala mais radical da *Irgun*. A *Lehi* enfrentou os britânicos e se aliou ao Eixo nazifascista defendendo a criação do Estado de Israel, cometeu diversos atentados em 1947-48 após o plano de partilha da Palestina aprovado pela Assembleia Geral da ONU (Resolução 181).

quer parte, utilizando a força do poder. O guerrilheiro urbano não dispõe de tais recursos e realiza uma atividade clandestina. Às vezes é um condenado ou tem prisão preventiva, e se vê forçado a usar documentos falsos.

O guerrilheiro urbano tem, entretanto, uma vantagem sobre o militar convencional ou o policial. É que, tanto o militar quanto o policial, atuam ao lado do inimigo que o povo odeia, enquanto o guerrilheiro urbano defende uma causa justa, ou seja, a causa do povo.

Essa superioridade moral é um esteio do guerrilheiro urbano. Graças a ela, o guerrilheiro urbano pode cumprir o seu dever, que é atacar e sobreviver.

O guerrilheiro urbano precisa capturar ou desviar armas do inimigo para poder lutar. Por não possuir armas padronizadas, uma vez que as que possui são expropriadas ou lhes caem às mãos em circunstâncias bastante diversas, o guerrilheiro urbano se debate com o problema da variedade de armas de fogo e da falta de munição. Além do mais, não dispõe de locais para exercitar-se no tiro e na pontaria.

Estas dificuldades devem ser vencidas, cabendo ao guerrilheiro urbano recorrer ao poder da imaginação e à capacidade criadora, qualidades sem as quais fica impossibilitado de desempenhar seu papel revolucionário.

O guerrilheiro urbano deve ser dotado de iniciativa, mobilidade e flexibilidade, além de versatilidade e grande presença de espírito. A iniciativa, sobretudo, é uma qualidade indispensável. Nem sempre é possível prever tudo, e o guerrilheiro não pode ficar perplexo, à espera de ordens. Sua obrigação é agir, encaminhar soluções adequadas para cada problema que enfrenta, e não encolher-se. É melhor errar agindo, do que nada fazer para não errar. Sem a iniciativa não há guerrilha urbana.

Outras qualidades importantes no guerrilheiro urbano são as seguintes: ser andarilho; resistir ao cansaço, à fome, à chuva, ao calor. Saber esconder-se e saber vigiar. Dominar a arte de disfarçar-se. Jamais temer o perigo. Atuar tão bem de dia como de noite. Não se precipitar. Possuir ilimitada paciência. Manter a calma e o sangue frio nas piores condições e situações. Nunca deixar pistas ou traços. Não desanimar.

Em face das dificuldades quase insuperáveis da guerrilha urbana, não raras vezes certos companheiros enfraquecem o ânimo, afastam-se ou se dizem demissionários.

A guerrilha urbana, porém, não é um negócio de casa comercial, um emprego ou uma representação de peça de teatro. A guerrilha urbana, como a guerrilha rural, é um compromisso que o guerrilheiro assume consigo mesmo. Quando não tem condições para enfrentar dificuldades, ou sabe que não dispõe de paciência para esperar, sem enervar-se ou cair no desespero, então é melhor desistir antes de assumir o compromisso, pois, na verdade lhe faltam as qualidades elementares para tornar-se um guerrilheiro.

COMO VIVE E COMO SE MANTÉM O GUERRILHEIRO URBANO

O guerrilheiro urbano deve saber como viver no meio do povo e tomar cuidado para não parecer estranho e divorciado da vida do cidadão comum.

Não deve vestir-se com roupas que destoem da maneira habitual das outras pessoas. Trajes espalhafatosos e à última moda, para homens ou mulheres, não raras vezes são inconvenientes se o guerrilheiro urbano tem a missão de atuar em bairros de trabalhadores ou lugares onde isto não é comum. O mesmo cuidado deve haver, se o guerrilheiro urbano se desloca do Sul para o Norte e vice-versa.

O guerrilheiro urbano deve viver do seu trabalho ou de sua atividade profissional. Procurado pela polícia, e já conhecido por ela, condenado ou com prisão preventiva, deve passar a clandestinidade e as vezes viver escondido.

Em qualquer circunstância, o guerrilheiro urbano não deve revelar a ninguém sua atividade, uma vez que tal assunto diz respeito somente à organização revolucionária onde atua.

O guerrilheiro urbano deve possuir uma grande capacidade de observação, estar muito bem informado de tudo, principalmente dos movimentos do inimigo, e ser um grande pesquisador e conhecedor do terreno onde vive e se encontra ou por onde se desloca.

O fundamental e decisivo para o guerrilheiro urbano, entretanto, é que ele é um homem que luta à mão armada e dada essa condição, poucas possibilidades têm de viver muito tempo na sua profissão normal sem ser identificado.

O papel da expropriação surge então com uma clareza meridiana. É impossível ao guerrilheiro urbano subsistir e sobreviver sem a luta expropriatória.

É por isso que, dentro do quadro da luta de classes, cujo aguçamento é inevitável e necessário, a luta à mão armada do guerrilheiro urbano visa a duas finalidades essenciais:

a) a liquidação física dos chefes e subalternos das forças armadas e da polícia;

b) a expropriação do governo, bem como dos grandes capitalistas, latifundiários e imperialistas, sendo as pequenas expropriações destinadas à manutenção individual do guerrilheiro urbano e as grandes expropriações servindo para o sustento da revolução.

É claro que a luta à mão armada do guerrilheiro urbano visa a várias outras finalidades também. Mas aqui estamos nos referindo a duas finalidades fundamentais. Sobretudo quando nos referimos à expropriação. Torna-se necessário a qualquer guerrilheiro urbano ter sempre presente que só pode manter-se vivo se estiver disposto a matar os policiais e os que se dedicam à repressão, e se estiver decidido, mas decidido mesmo, a expropriar os grandes capitalistas, os latifundiários e os imperialistas.

Uma das características fundamentais da revolução brasileira é que ela, desde o primeiro momento, se desenvolve através da expropriação da grande burguesia, do imperialismo e do latifúndio, sem excluir os negociantes mais ricos e poderosos do ramo de importação e exportação.

E ao expropriar os principais inimigos do povo, a revolução brasileira procura golpeá-los nos seus centros vitais. Daí porque ataca de preferência e de maneira sistemática a rede bancária. Que dizer, desfecha seus golpes mais profundos no sistema nervoso do capitalismo.

Os assaltos a bancos realizados pelo guerrilheiro urbano brasileiro têm prejudicado os grandes capitalistas como Mo-

reira Salles e outros, as firmas estrangeiras de seguros e resseguros do capital dos bancos, as firmas imperialistas, o governo federal e os governos estaduais, todos eles expropriados até agora de maneira sistemática.

O produto destas expropriações tem sido destinado ao trabalho de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico do guerrilheiro urbano, à compra, fabrico e transporte de armas e munições para a área rural, ao aparelhamento de segurança dos revolucionários, à manutenção diária dos combatentes, dos que são libertados da cadeia à mão armada e dos que são feridos ou perseguidos pela polícia, bem como a enfrentar quaisquer problemas decorrentes da prisão ou assassinatos de companheiros pela polícia e os militares da ditadura.

Os ônus tremendos da guerra revolucionária devem recair sobre os grandes capitalistas, o imperialismo e os latifundiários, e ao mesmo tempo sobre o governo, tanto federal como estadual, pois são todos eles exploradores e opressores do povo. Os homens do governo, os agentes da ditadura e do imperialismo norte-americano, principalmente, são os que devem pagar com a vida os crimes cometidos contra o povo brasileiro.

No Brasil, o volume de ações violentas praticadas pelos guerrilheiros urbanos, incluindo mortes, explosões, capturas de armas, munições e explosivos, assaltos a bancos, à cadeia, etc., já apresenta algo de ponderável para não deixar dúvida sobre os reais propósitos dos revolucionários.

O justicamento do espião da CIA Charles Chandler, militar norte-americano que veio do Vietnã para se infiltrar no meio estudantil brasileiro, os "tiras" e policiais militares que tem sido mortos em choques sangrentos com os guerrilheiros urbanos, tudo isso atesta que estamos em plena guerra revolucionária completa e que a guerra revolucionária só pode ser feita através de meios violentos.

Esta é a razão por que o guerrilheiro urbano recorre à luta a mão armada e só pode manter-se concentrando sua atividade no extermínio físico dos agentes da repressão e dedicando as 24 horas do dia à expropriação dos exploradores do povo.

O PREPARO TÉCNICO DO GUERRILHEIRO URBANO

Ninguém pode tornar-se guerrilheiro urbano sem dar uma atenção especial ao seu preparo técnico.

O preparo técnico do guerrilheiro urbano vai desde os cuidados com seu preparo físico até o aperfeiçoamento ou aprendizagem de profissões e habilidades de todos os tipos, principalmente manuais.

O guerrilheiro urbano só ostenta boa resistência física se treinar sistematicamente. Não pode ser bom lutador se não tiver aprendido a arte de lutar. O guerrilheiro urbano deve, por isso, aprender a praticar os vários tipos de luta de ataque e defesa pessoal. Outras formas úteis de preparo físico são o excursionismo a pé, o acampamento e os exercícios de sobrevivência no mato, a escalada de montanhas, o remo, a natação, o mergulho, o treinamento para homem-rã, a pesca e a caça submarina, a caça de aves e animais de pequeno e grande porte.

É de muita importância aprender a ser chofer, piloto de aviação, dirigir barco a motor ou a vela, entender de mecânica, rádio, telefone, eletricidade e possuir conhecimento de técnica eletrônica.

Igual importância tem o conhecimento de noções de topografia, saber orientação por meio de instrumentos e recursos práticos de calcular distâncias, fazer mapas e plantas, usar a escala, calcular tempos, trabalhar com o transferidor, a bússola, etc.

O conhecimento de química e da combinação de cores, a fabrico de carimbos, o domínio da técnica de caligrafia e da imitação de letras e outras habilidades fazem parte do preparo técnico do guerrilheiro urbano, que é obrigado a falsificar documentos para poder viver dentro da sociedade que ele próprio pretende destruir.

Na parte dos socorros médicos, desempenha um papel especial ser médico ou entender de medicina, enfermagem, farmácia, drogas, elementos de cirurgia e atendimento de emergência.

A questão fundamental do preparo técnico do guerrilheiro urbano, entretanto, é conhecer o manejo de armas, tais como a metralhadora, o revólver, as automáticas, o FAL, os vários tipos de espingarda, a carabina, morteiros, bazucas, etc.

O conhecimento de vários tipos de munições e explosivos é outro aspecto a considerar. A dinamite, dentre os explosivos, precisa ser bem manejada. O uso de bombas incendiárias, bombas de fumaça e outros tipos de bomba exige conhecimentos prévios, que não podem ser dispensados.

Saber fabricar armas e consertá-las, preparar molotovs, granadas, minas, artefatos caseiros de destruição, fazer explodir pontes, arrancar e inutilizar trilhos e dormentes são requisitos do preparo técnico do guerrilheiro, que jamais poderão ser relegados a plano inferior.

O nível mais elevado do preparo do guerrilheiro urbano é alcançado no centro de aperfeiçoamento técnico. Mas para este centro de aperfeiçoamento só pode ir o guerrilheiro urbano que passou pelo exame vestibular, quer dizer, pela prova de fogo da ação revolucionária, enfrentando o combate com o inimigo.

AS ARMAS DO GUERRILHEIRO URBANO

As armas do guerrilheiro urbano são armas leves ou de fácil substituição, em geral capturadas do inimigo, compradas ou fabricadas no local.

O armamento leve tem a vantagem de ser manejado com rapidez e é de fácil transporte. Em geral, o armamento leve é caracterizado por ser de cano curto. E aí se incluem muitas armas automáticas.

A arma automática e semiautomática aumentam consideravelmente o poder de fogo do guerrilheiro urbano. A desvantagem deste tipo de arma para nós é seu difícil controle, o que redundará num desperdício de munições ou num consumo prodigioso de munição, somente compensado por uma ótima pontaria e precisão de tiro. Homens mal adestrados tornam a arma automática um sorvedouro de munições.

A experiência tem demonstrado que a arma fundamental do guerrilheiro urbano é a metralhadora leve. Esta arma, além de ser eficiente e mais fácil de camuflar na área urbana, tem a vantagem de impor um grande respeito ao adversário. O guerrilheiro deve conhecer a fundo o manejo da metralhadora, tornada agora tão popular e indispensável na guerrilha urbana brasileira.

A metralhadora ideal para o guerrilheiro urbano é a INA, calibre 45. Outros tipos de metralhadoras de calibres diferentes podem ser usadas. Sobrevém, porém, o problema da munição. É preferível, assim, que a logística industrial do guerrilheiro urbano se permita produzir uma metralhadora comum que uniformize a munição a ser usada. Cada grupo de fogo da guerrilha urbana deve dispor de uma metralhadora manejada por um bom metralhador. Os demais componentes do grupo devem estar armados com revólver 38, nossa arma padrão.

O uso do 32 é um recurso de que também lançamos mão. É preferível, porém, o 38 pois seu impacto geralmente põe o inimigo fora de combate.

Granadas de mão e bombas de fumaça convencionais podem ser consideradas armamento leve, de poder defensivo na cobertura e retirada do guerrilheiro urbano.

As armas de cano longo são de transporte mais difícil para o guerrilheiro urbano e chamam muito a atenção, por causa do seu tamanho. Entre as armas de cano longo encontram-se os FAL, os fuzis ou rifles mauser, as espingardas de caça, winchester e outras. Espingardas de caça podem ser eficientes, quando empregadas a pouca distância e à queima-roupa. Isto se dá principalmente à noite, quando uma arma de precisão pouco pode fazer, e o tiro de espingarda é suscetível de causar estragos, mesmo disparado por um homem mal treinado.

Uma espingarda a ar comprimido pode ser utilizada com vantagem para treinamento de pontaria.

Bazucas e morteiros podem também entrar em ação, mas para isso é preciso criar condições, pois seu manejo exige gente treinada.

O guerrilheiro urbano não deve preocupar-se em basear sua atividade no emprego de armas pesadas, cujos inconveni-

entes são demasiado grandes para um tipo de luta em que necessitamos de muita leveza, a fim de assegurar mobilidade e velocidade.

Armas fabricadas em casa são as vezes tão eficientes como as melhores armas saídas da indústria convencional, e até uma espingarda de cano cortado é uma boa arma para o guerrilheiro urbano.

O guerrilheiro urbano armeiro tem fundamental importância. O armeiro cuida das armas, sabe consertá-las e em muitos casos pode instalar uma oficina capaz de improvisar e produzir armas eficientes e de pequeno porte.

O operário metalúrgico e o torneiro mecânico são elementos fundamentais de que a guerrilha urbana tem que se valer para sua logística industrial, ou seja, o fabrico de armas dentro de casa.

Este fabrico, bem como os cursos de explosivos e sabotagem devem ser organizados. A matéria-prima para os trabalhos práticos destes cursos deve ser providenciada de antemão, para evitar deixar a aprendizagem incompleta, isto é, sem possibilidades de serem feitas as experiências.

Bombas molotovs, gasolina, artefatos caseiros como catapultas e morteiros para lançar petardos, granadas feitas de tubos e latas, bombas de fumaça, minas, explosivos convencionais tais como dinamite e cloreto de potássio, explosivos plásticos, cápsulas de gelatina, munições de todos os tipos são indispensáveis ao guerrilheiro urbano para o êxito de sua missão. A obtenção dos materiais necessários e da munição se fará por compra, ou tomando à força em expropriações especialmente planejadas e levadas à prática.

O guerrilheiro urbano terá cuidado de não guardar por muito tempo os explosivos e material suscetível de provocar acidentes, tratando logo de empregá-los contra os alvos a que se destinam. O armamento do guerrilheiro urbano e sua capacidade de manejá-lo constituem seu poder de fogo.

Aproveitando-se de armas modernas e introduzindo inovações no seu poderio de fogo e na utilização de certas armas, o guerrilheiro urbano pode mudar muitas das táticas de guerrilha na cidade. Exemplo disso foi a inovação feita pelos guerrilheiros urbanos do Brasil, ao introduzir a metralhadora nos assaltos a bancos.

Logo que for possível o uso em massa de metralhadoras estandartizadas, as táticas de guerrilha urbana sofrerão novas mudanças em nosso país.

O grupo de fogo que consegue padronizar suas armas e a munição correspondente, abastecendo razoavelmente os seus estoques, chega a um grau de eficiência bastante elevado.

O guerrilheiro urbano é tanto mais eficiente quanto maior é a sua potência de fogo.

O TIRO – A RAZÃO DE SER DO GUERRILHEIRO URBANO

A razão de ser do guerrilheiro urbano, a condição fundamental de sua atuação e sobrevivência é o tiro. O guerrilheiro urbano deve saber atirar bem, porque isto é uma necessidade do tipo de combate a que está devotado.

Na guerra convencional, o combate se trava em geral à distância, com armas de longo alcance. Na guerra não convencional, em que está incluída a guerrilha urbana, o combate se trava à pequena distância, muito perto mesmo. Para não ser aniquilado, o guerrilheiro urbano tem que atirar primeiro e não pode perder o tiro. Não pode desperdiçar munição, porque não a possui em grande quantidade, e precisa economizá-la. Também não pode remunciar-se com rapidez, porque atua em pequenos grupos e cada guerrilheiro tem de cuidar de si mesmo. O guerrilheiro urbano não pode perder tempo e tem que ser instantâneo no tiro.

Um fato fundamental, para o qual queremos dar toda ênfase e cuja importância precisa ser até mesmo excessivamente acentuada, é que o guerrilheiro urbano não deve atirar sem parar, esgotando sua munição. Pode ser que o inimigo não esteja respondendo ao fogo, exatamente para esperar o esgotamento da munição do guerrilheiro.

E é este momento então, em que, sem ter tempo de remunciar-se, o guerrilheiro urbano enfrenta uma saraivada de balas do inimigo, podendo ser preso ou morto.

Apesar de que se vale do fator surpresa e muitas vezes nem precisa disparar sua arma, o guerrilheiro urbano não se pode dar ao luxo de entrar em combate sem saber atirar. E ao enfrentar o inimigo, deve estar sempre saltando de um lado para o outro, porque, parado será um alvo fixo e como tal bastante vulnerável.

A vida do guerrilheiro urbano depende do tiro, de sua capacidade de manejar bem a arma que traz consigo e da capacidade de não ser alvejado.

Quando falamos em tiro, não o separamos da pontaria. E isto se aprende, torna-se mesmo um ato de reflexo do guerrilheiro urbano ao fazer fogo.

Para aprender a atirar e ter boa pontaria, o guerrilheiro urbano deve treinar sistematicamente, utilizar os vários métodos de aprendizagem, fazer tiro ao alvo, mesmo nos parques de diversão, e até em casa com uma espingarda de ar comprimido.

O tiro e a pontaria são para o guerrilheiro urbano como água e ar para o ser humano.

O aperfeiçoamento na arte de atirar produz um tipo especial de guerrilheiro urbano, que é o franco-atirador, categoria de combatente solitário, indispensável para as ações isoladas.

O franco-atirador deve saber atirar a curta e a longa distância e suas armas são apropriadas a um e outro tipo de tiro.

O GRUPO DE FOGO

Para atuar, o guerrilheiro precisa estar organizado em pequenos grupos. Um grupo que não ultrapasse o número de quatro ou cinco guerrilheiros urbanos é o que se denomina um grupo de fogo. Um mínimo de dois grupos de fogo, rigorosamente compartimentado e estanques, articulados e coordenados por uma ou duas pessoas, é o que se denomina uma equipe de fogo.

No grupo de fogo deve haver a maior confiança entre os seus componentes. O que atira melhor e sabe manejar a metralhadora é o que dá cobertura definitiva às operações.

O grupo de fogo planeja e executa as ações de guerrilha urbana, obtém e guarda as armas, estuda e corrige as táticas que emprega.

Quando há tarefas do comando estratégico, estas tarefas têm preferência. Não pode haver, entretanto, grupo de fogo que não tenha iniciativa própria.

Por isso mesmo, é preciso evitar qualquer rigidez na organização, a fim de permitir o máximo de iniciativa ao grupo de fogo. A antiga hierarquia, à moda da esquerda tradicional em nossa organização, está quebrada.

Isto significa que, ressalvada a preferência para as tarefas subordinadas ao interesse estratégico, qualquer grupo de fogo pode decidir um assalto a banco, um sequestro, um justicamento, seja de agente da ditadura, figura identificada da reação ou espião norte-americano, pode realizar qualquer tipo de propaganda ou guerra de nervos contra o inimigo, sem necessidade de consulta ao comandamento geral.

Nenhum grupo de fogo deve ficar parado à espera de ordens de cima. Sua obrigação é agir. Qualquer guerrilheiro urbano solitário, desejoso de constituir seu grupo de fogo e passar à ação, pode fazê-lo e entrosar-se com a organização.

Esta maneira de atuar elimina a necessidade de saber quem está realizando as ações, pois a iniciativa é livre e a única coisa que interessa é que aumente consideravelmente o volume da atividade do guerrilheiro urbano, para desgastar o governo e obrigá-lo a ficar na defensiva.

O grupo de fogo é o instrumento de ação organizada. É dentro dele que se forja e tempera o guerrilheiro urbano.

Com o grupo de fogo se torna possível executar operações e táticas guerrilheiras e conduzi-las ao êxito.

O comandamento geral conta com os grupos de fogo para a execução das tarefas de interesse estratégico, e isto em qualquer ponto do país. Em contrapartida, ajuda os grupos de fogo em suas dificuldades e necessidades.

A organização é uma rede indestrutível de grupos de fogo e de coordenações, de funcionamento singelo e prático, com um comandamento geral que também participa do fogo; pois em tal organização nada se admite que não seja pura e simplesmente a ação revolucionária.

A LOGÍSTICA DO GUERRILHEIRO URBANO

A logística convencional pode exprimir-se pela fórmula CCEM, que quer dizer: C – comida; C – combustível; E – equipamento; M – munições.

A lógica convencional refere-se a problemas de abastecimento de um exército ou forças armadas regulares, dispondo de viaturas, de bases fixas e de uma logística industrial.

O guerrilheiro urbano, ao contrário, não dispõe de um exército, e, sim, de grupos armados de uma pequena organização intencionalmente fragmentária. Não possui viaturas nem bases fixas. Sua logística industrial é muito precária e deficiente, e, apesar de necessária, nem sempre pode ser instalada, mesmo sob o aspecto rudimentar de uma indústria de armas dentro de casa.

Enquanto a logística convencional visa a abastecer os meios de guerra dos gorilas, meios estes voltados para reprimir a rebelião rural e urbana, a logística do guerrilheiro urbano se destina a sustentar as operações e táticas inerentes a guerra não convencional, desencadeada contra a ditadura militar e a dominação norte-americana no país.

Para o guerrilheiro urbano, que parte da estaca zero e não dispõe inicialmente de nenhum apoio, sua logística expressa-se pela fórmula MDAME, que quer dizer: M – mecanização; D – dinheiro; A – armas; M – munições; E – explosivos.

A logística revolucionária exige a motorização como um dos seus pedestais. A motorização, entretanto, é inseparável do motorista. O guerrilheiro urbano motorista é tão importante quanto o guerrilheiro urbano metralhador.

Sem aquele e sem este, as máquinas não funcionam, e tanto o automóvel quanto a metralhadora ficam reduzidas a coisas mortas.

Um motorista experimentado não se forma de uma hora para a outra, e é necessário começar a aprendizagem cedo. Todo bom guerrilheiro urbano é obrigado a ser motorista. Quanto ao veículo, o guerrilheiro urbano é obrigado a expropriar os de que necessita.

Quando já dispõe de recursos, o guerrilheiro urbano pode combinar a expropriação de veículos com outros meios de adquiri-los.

Dinheiro, armas, munições e explosivos, tanto quanto o automóvel, tem que ser expropriados. E isto obriga o guerrilheiro urbano a saquear bancos e casas de armas, e a apoderar-se de explosivos e munições, onde quer que os encontre.

E nenhuma dessas operações se reduz a uma finalidade só. Mesmo quando se trata de dinheiro, as armas portadas pelos guardas devem também ser tomadas.

A expropriação é o primeiro passo para a organização de nossa logística, que assume ela mesma um caráter armado e mobilidade permanente.

O passo posterior do guerrilheiro urbano é reforçar e ampliar sua logística, recorrendo para isso a emboscadas e armadilhas, onde o inimigo é surpreendido, e suas armas, munições, viaturas e demais recursos são capturados.

Dispondo de armas, munições e explosivos, um dos problemas mais sérios de logística do guerrilheiro urbano, em qualquer tempo e situação, é ter esconderijos para depósitos do material, e encontrar meios apropriados de transportá-lo e colocá-lo em qualquer lugar onde seja necessário. Isto tem que ser feito, mesmo quando o inimigo já está vigilante e bloqueia passagens.

O conhecimento que o guerrilheiro urbano tem do terreno e os ardis que emprega, ou é capaz de empregar, bem como os guias especialmente preparados e recrutados para essa missão constituem os elementos básicos para a solução desse eterno problema de logística do revolucionário.

A TÉCNICA DO GUERRILHEIRO URBANO

No seu sentido mais geral, a técnica é o conjunto dos meios de que se vale o homem para executar qualquer atividade.

A atividade do guerrilheiro urbano consiste na guerrilha urbana e na guerra psicológica na cidade e, portanto, sua técnica é a técnica da guerrilha urbana e da guerra psicológica.

A técnica do guerrilheiro urbano possui cinco componentes fundamentais, que são os seguintes:

- a) uma parte relativa às características especiais que apresenta;
- b) uma parte relacionada com os requisitos que se harmonizam com essas características, requisitos representados por uma série de vantagens iniciais sem as quais o guerrilheiro urbano não consegue êxito em sua atividade;
- c) uma parte concerne aos objetivos certos e definidos das ações empreendidas pelo guerrilheiro urbano;
- d) uma parte que diz respeito aos tipos e à natureza das modalidades de ação do guerrilheiro urbano;
- e) uma parte que se ocupa do método empregado pelo guerrilheiro urbano para conduzir as ações postas em prática.

CARACTERÍSTICAS DA TÉCNICA DO GUERRILHEIRO URBANO

A técnica do guerrilheiro urbano apresenta as seguintes características:

- a) é uma técnica agressiva, ou por outras palavras, ela tem um caráter ofensivo. Como se sabe, a defensiva é a morte para nós, que somos inferiores ao inimigo em potência de fogo, não dispomos de recursos nem da força do poder, e não temos como nos defender de uma ofensiva ou de um ataque concentrado dos gorilas. E é esta a razão por que jamais nossa técnica urbana se destina a estabelecer ou defender qualquer base fixa ou a permanecer em qualquer ponto esperando o cerco da reação para repeli-lo;
- b) é uma técnica para o ataque e a retirada, com a qual preservamos nossas forças.
- c) é uma técnica visando ao desenvolvimento de uma guerrilha urbana cuja função consiste em desgastar, desmoralizar e distrair as forças inimigas, permitindo a eclosão e a sobrevivência da guerrilha rural, esta sim destinada a desempenhar o papel decisivo na guerra revolucionária.

AS VANTAGENS INICIAIS DO GUERRILHEIRO URBANO

A dinâmica da guerrilha urbana consiste no entrechoque violento do guerrilheiro urbano com as forças militares e policiais da ditadura. Nestes entrechoques, a superioridade pertence à polícia. A inferioridade está com o guerrilheiro urbano.

O paradoxal é que o guerrilheiro urbano é o mais fraco, e no entanto, cabe a ele atacar.

As forças militares e policiais, por sua vez, respondem ao ataque, mobilizando e concentrando recursos infinitamente superiores para a perseguição e a destruição do guerrilheiro urbano.

Este só pode fugir à derrota se contar com as vantagens iniciais e souber explorá-las até o fim, para compensar suas deficiências e fraqueza material. Tais vantagens iniciais são as seguintes:

- 1) deve apanhar o inimigo de surpresa;
- 2) deve conhecer o terreno da operação melhor que o inimigo;
- 3) deve ter maior mobilidade e velocidade do que a polícia e as demais forças da repressão;
- 4) seu serviço de informação deve ser melhor que o do inimigo;
- 5) deve dar mostras de um espírito e de uma capacidade de decisão tão elevados que de nosso lado todos se sintam encorajados e nem aos menos pensem em vacilar, enquanto do outro lado o inimigo ficará aturdido e incapacitado de qualquer reação.

A SURPRESA

Para compensar sua fraqueza geral e sua inferioridade em armas diante do inimigo, o guerrilheiro urbano recorre à surpresa. Contra a surpresa o inimigo nada pode se opor, rende-se perplexo ou é aniquilado.

Desencadeada a guerrilha urbana no Brasil, a experiência revelou que, para obter êxito em qualquer operação, o guerrilheiro urbano sempre se baseou na surpresa.

A técnica da surpresa fundamenta-se em quatro requisitos essenciais:

a) conhecemos a situação do inimigo que vamos a atacar, em geral através de informações precisas e de observação meticulosa, enquanto o inimigo desconhece que vai ser atacado e ignora a situação do atacante;

b) conhecemos a força do inimigo que vai ser atacado e o inimigo desconhece nossa força;

c) ao atacar de surpresa, economizamos e preservamos nossas forças, enquanto o inimigo não pode fazer o mesmo, ficando ao sabor dos acontecimentos;

d) somos nós que escolhemos o lugar e a hora do ataque, delimitamos sua duração e estabelecemos seu objetivo. O inimigo permanece ignorante de tudo.

O CONHECIMENTO DO TERRENO

O guerrilheiro urbano possui no terreno o seu melhor aliado, e para que isto se dê tem que conhecê-lo palmo a palmo.

Ter o terreno como aliado significa saber utilizar com inteligência seus desníveis, seus altos e baixos, seus cotovelos, irregularidades, passagens normais e secretas, áreas abandonadas, matagais, etc., tirando daí o máximo proveito para o sucesso das ações armadas, fugas, retiradas, coberturas, esconderijos.

Os pontos de estrangulamento, funis, gargantas, ruas em obras, postos de controle da polícia, zonas militares e interditadas, bocas de túneis e túneis que o inimigo pode fechar, viadutos de passagem obrigatória, esquinas policiadas ou vigiadas, faróis ou sinais luminosos, tudo isso tem que ser exaustivamente conhecido e estudado para evitar erros fatais.

O problema para nós é encontrar passagem e saber onde e como vamos nos esconder, deixando o inimigo às tontas nas áreas cujas particularidades ignora.

Familiarizado com as ruas, becos, vielas, meandros e recantos dos centros urbanos, suas trilhas e atalhos, seus terrenos baldios, seus bueiros, esgotos e grandes edifícios em construção, o guerrilheiro urbano atravessa seguro o terreno irregular e difícil que a polícia desconhece e onde pode ser surpreendida a qualquer momento numa emboscada fatal ou numa armadilha.

Dominando o terreno, o guerrilheiro o percorre a pé, de bicicleta, automóvel, jipe ou caminhão e jamais será apanhado.

Agindo em pequenos grupos de reduzido número de pessoas, poderá reunir-se a uma hora e em local determinados de antemão, prosseguindo no ataque, com novas operações guerrilheiras, ou fugindo ao cerco policial e desorientando o inimigo com uma audácia sem precedentes.

Para a polícia é um quebra-cabeças indecifrável procurar no labirinto do terreno do guerrilheiro urbano aquilo que à polícia não é dado ver, reprimir o que não pega e cercar o que não encontra.

A experiência mostra que o guerrilheiro urbano ideal é o que atua em sua própria cidade e que conhece bem suas ruas, bairros, problemas de trânsito e demais peculiaridades.

O guerrilheiro de fora, que vem para uma cidade cujos meandros não conhece, é um ponto fraco, e se lançado em certas operações, pode colocá-las em perigo. Para evitar falhas graves, é preciso fazê-lo conhecer bem itinerários e ruas.

MOBILIDADE E RAPIDEZ

Para assegurar uma mobilidade e rapidez que a polícia não possa superar, o guerrilheiro urbano necessita dos seguintes requisitos:

- a) motorização;
- b) conhecimento de terreno;
- c) corte ou interrupção dos meios de comunicações e transportes do inimigo;
- d) leveza de armamento.

Realizando sistematicamente operações que duram poucos minutos e afastando-se do local com veículos motorizados, rapidamente o guerrilheiro urbano bate em retirada, escapando à perseguição.

O guerrilheiro urbano deve conhecer o caminho de cor e salteado, e nesse sentido treina de antemão os itinerários, para evitar entrar em becos sem saída, encontrar engarrafamentos ou ficar parado nos sinais luminosos ou faróis do departamento de trânsito.

A polícia persegue o guerrilheiro urbano às cegas, sem saber o caminho por onde está sendo feita a retirada. E enquanto o guerrilheiro urbano foge em velocidade porque conhece o terreno, a polícia se vê na contingência de perder a pista, desistindo da perseguição.

O guerrilheiro urbano deve lançar suas operações em locais distantes das bases logísticas da polícia. Uma vantagem inicial deste modo de operar é nos colocarmos a uma razoável distância da perseguição, o que facilita a fuga.

Além desta precaução necessária, o guerrilheiro urbano precisa preocupar-se com o sistema de comunicação do inimigo. O telefone é o primeiro alvo a ser atingido, dentro da técnica de privar o inimigo da menor possibilidade de ser avisado, inutilizando seus meios de comunicação.

Mesmo que seja avisado da operação guerrilheira, o inimigo depende do transporte moderno para seu apoio logístico, e suas viaturas podem ser levadas a perder tempo no meio do trânsito tumultuado das grandes cidades. É claro que o emaranhado traiçoeiro do trânsito é uma desvantagem para o inimigo, como também o é para nós, se não estivermos na dianteira.

Quando queremos ter uma margem de segurança e estar certos de que não estamos deixando nenhuma pista para o futuro, podemos adotar os seguintes recursos:

a) provocar “fechadas” propositais de outros veículos, ou simular enguiços e panes aparentemente casuais, mas nesses casos tais veículos não devem ser legais nem possuir placas verdadeiras;

b) obstruir o caminho com árvores derrubadas, pedras, buracos, falsos avisos de trânsito interrompido ou desvio de trânsito e outros meios indicados pela astúcia;

c) colocar minas de fabricação caseira no trajeto da polícia, utilizar gasolina ou lançar molotovs para incendiar as viaturas;

d) disparar rajadas de metralhadoras ou até mesmo de armas como a FAL contra o motor e pneumáticos dos empenhados na perseguição.

Guiando-se pela arrogância típica do policial e das autoridades militares fascistas, o inimigo procura combater-nos com armas e equipamentos pesados e com manobras aparatosas, diligências de homens armados até os dentes.

O guerrilheiro urbano deve responder a isso com a leveza de seu armamento de fácil transporte, para fugir sempre, com o máximo de rapidez, jamais aceitando a luta aberta. O guerrilheiro urbano não tem outra missão senão atacar e retirar.

Estaríamos fadados à mais estúpida das derrotas, se nos sobrecarregamos com pesadas armas e com o tremendo peso da munição necessária a abastecê-las, perdendo o dom precioso de nossa mobilidade.

Quando o inimigo nos combate com a cavalaria, nós não levamos desvantagem se estivermos motorizados. O automóvel corre mais do que o cavalo. De dentro do carro podemos também alvejar o policial montado, derrubando-o a tiros de metralhadora e revólver ou com bombas molotovs e granadas.

Para um guerrilheiro urbano a pé, por outro lado, não é difícil fazer pontaria contra a polícia a cavalo. Além do mais, cordas esticadas nas ruas, bolas de gude, rolas de cortiça são métodos eficientes para jogar no chão um e outro. A grande desvantagem da cavalaria é que ela oferece ao guerrilheiro urbano dois alvos excelentes: o cavalo e o cavaleiro. Apesar de mais veloz do que a cavalaria, o helicóptero não apresenta melhores chances na perseguição. Se a cavalaria é por demais lenta em comparação com o automóvel do guerrilheiro urbano, o helicóptero é por demais veloz. Deslocando-se 200 quilômetros horários, jamais conseguirá acertar do alto um alvo perdido entre a multidão e os veículos das ruas, nem po-

derá aterrizar na via pública para perseguir quem quer que seja. Ao mesmo tempo, em qualquer tentativa de voo a baixa altitude, será extremadamente vulnerável ao tiro do guerrilheiro urbano.

A INFORMAÇÃO

As chances que o governo tem de descobrir e destruir os guerrilheiros urbanos são tão menores quanto maior e mais concentrado é o potencial dos inimigos da ditadura no meio da massa popular.

Essa concentração dos opositores da ditadura é que desempenha um papel importantíssimo na informação dos passos da polícia e de homens do governo, enquanto sonega a eles as informações de nossas atividades.

O inimigo pode também ser embaraçado com informações falsas, e isto é o pior, pois lhe produz um desgaste tremendo. De qualquer maneira, as fontes de informação do guerrilheiro urbano são potencialmente maiores do que as da polícia. O inimigo é observado pelo povo, mas não sabe quem entre o povo dá informações ao guerrilheiro urbano.

Os militares e a polícia são odiados pelas injustiças e violência que cometem contra os populares, e isto facilita a obter informações do povo em prejuízo da atividade dos agentes do inimigo. A informação que provém mesmo de uma parcela ínfima de apoio popular representa um potencial extraordinário na mão do guerrilheiro urbano.

Para nós, entretanto, o fundamental é criar o serviço de inteligência e lhe dar um caráter organizado. O guerrilheiro urbano precisa saber o necessário sobre os planos e os movimentos do inimigo, onde estão os recursos da rede bancária, como são transportados, os meios de comunicação e iniciativas secretas do governo.

Informações certas dadas ao guerrilheiro urbano significam golpes certos no sistema da ditadura. Esta não tem defesa diante de uma informação importante que atinja seus interesses e facilite nosso ataque destruidor.

O inimigo quer saber também que passos estamos dando, para destruir-nos ou privar-nos da capacidade de agir. Neste sentido, o perigo da traição está presente e o inimigo estimula a deleção ou infiltra espiões na organização.

Contra essa técnica do inimigo, a técnica do guerrilheiro urbano é denunciar ao povo os delatores, espiões, dedos-duros e provocadores. Quando nossa luta já é conhecida no meio da massa e já conta com simpatia, enquanto o governo é malvisto por sua truculência, corrupção e inépcia, delatores, espiões, dedos-duros e a polícia passam a ser combatidos pelos populares, lhes negam apoio, os apontam ao guerrilheiro urbano, e em muitos casos lhe dão o merecido castigo. Por sua vez, o guerrilheiro urbano não deve furtar-se ao dever de, conhecido o espião ou dedo-duro, eliminá-lo fisicamente

Este é o método correto, aplaudido pelo povo, e que diminui consideravelmente a incidência da infiltração ou da espionagem inimiga.

Para o êxito completo da luta contra os espiões e delatores é preciso organizar o serviço de contraespionagem ou contrainteligência.

Nem tudo na informação, porém, se reduz ao problema de conhecer os passos do inimigo e evitar a infiltração dos espiões. A informação deve ser ampla e atingir tudo, mesmo as coisas mais insignificantes.

Há uma técnica para obter informação, e o guerrilheiro urbano deve dominá-la. Segundo essa técnica, a informação é obtida naturalmente como decorrência da própria vida.

O guerrilheiro urbano, vivendo no meio do povo e deslocando-se entre ele, deve estar atento a todos os tipos de conversa e relações humanas, procurando dissimular o seu interesse com o máximo de habilidade e astúcia.

Nos locais de trabalho, de estudo ou moradia, podem-se recolher tranquilamente dezenas de informações a respeito de pagamentos, negócios, planos de toda natureza, pontos de vista, opiniões, estado de espírito das pessoas, viagens, interiores de edifícios, escritórios e salas, centros de operações. etc. A observação, a pesquisa, o reconhecimento e a exploração do terreno são, por outro lado, ótimas fontes de informação.

O guerrilheiro urbano jamais transita por qualquer lugar despreocupadamente e sem a malícia do revolucionário, sempre à espreita de uma ação em perspectiva. Olhos e ouvidos abertos, os sentidos alertas, grava na memória tudo o que possa servir, no momento ou no futuro, para as atividades ininterruptas do combatente.

A leitura atenta dos órgãos de imprensa e particularmente a atenção nos órgãos de comunicação em massa, a pesquisa de dados colhidos, a transmissão das notícias e tudo o que nos chama a atenção, a persistência em ser informado e informar, tudo isto compõe o intrincado e imenso complexo da técnica da informação, que dá ao guerrilheiro urbano uma vantagem demolidora.

DECISÃO

Não basta ao guerrilheiro urbano ter a seu favor a surpresa, rapidez, o conhecimento do terreno e informação. Resta-lhe ainda mostras de espírito e capacidade de decisão, sem o que as vantagens anteriores serão anuladas.

É impossível levar a efeito qualquer ação, por melhor planificação que tenha tido, se o guerrilheiro urbano se mostra indeciso, pouco seguro e incerto. Mesmo uma ação iniciada com êxito pode vir a fracassar, se o espírito e a capacidade de decisão falharem em meio a execução prática do plano.

Quando não há espírito e capacidade de decisão, o lugar vazio é preenchido pela vacilação e apavoramento. O inimigo aproveita-se dessa falha e pode aniquilar-nos. O segredo do êxito de qualquer operação, simples ou complexa, fácil ou difícil, está em contarmos com homens decididos.

Aliás, não há operações fáceis. Todas elas devem ser executadas com os mesmos cuidados exigidos pelas mais difíceis, a começar pela seleção do elemento humano, que deve ser de um espírito e capacidade de decisão a toda prova.

De antemão, pode-se ver se uma ação terá êxito ou não pela maneira como se comportam seus integrantes no período preparatório. Os que se atrasam, se desencontram, se confun-

dem com facilidade, esquecem as coisas, não cumprem normas elementares de trabalho, possivelmente são homens pouco decididos e podem causar prejuízos. É melhor não incluí-los.

Decisão significa pôr em prática o plano traçado com uma determinação, uma audácia e uma firmeza incríveis. Um só vacilante põe tudo a perder.

OBJETIVOS DAS AÇÕES DO GUERRILHEIRO URBANO

Em sua técnica elaborada e constituída, o guerrilheiro urbano se apoia em modalidades de ação destinadas ao ataque e que, no caso brasileiro, tem os seguintes objetivos:

a) abalar o triângulo de sustentação do sistema estatal brasileiro e da dominação norte-americana no Brasil, triângulo cujos vértices são Rio, São Paulo e Belo Horizonte, e cuja base é o eixo Rio-São Paulo, onde assenta o gigante complexo industrial, econômico, político, cultural, militar e policial que detém todo o poder de decisão do país;

b) enfraquecer a ditadura, o seu sistema de guarda local ou seu sistema de segurança, dado que estamos atacando e os gorilas defendendo, o que significa colocar o governo numa posição defensiva, com suas tropas imobilizadas na defesa do complexo de sustentação nacional, sempre temerosos do ataque aos seus centros nervosos e estratégicos, e sem nunca saber de onde vem, como e quando virá esse ataque;

c) atacar por todos os lados com muitos grupos armados diferentes, de pequenos efetivos, compartimentados uns dos outros e mesmo sem elos de ligação, a fim de dispersar as forças do governo na perseguição a uma organização fragmentária por excelência, em vez de oferecer-lhes à ditadura a oportunidade de concentrar seu aparelho de repressão para destruir um sistema organizativo compacto em todo o território nacional;

d) dar provas de combatividade, decisão, firmeza, determinação e persistência no ataque à ditadura militar, para permitir a todos os descontentes seguir nosso exemplo e lutar com táticas de guerrilheiro urbano, enquanto o governo, em dificuldades e impotente para fazer cessar as operações guerrilheiras na cidade, perderá seu tempo e sofrerá um desgaste incessante, ao se ver na contingência de destacar suas tropas de repressão para montarem guarda aos bancos, indústrias, casas de armas, quartéis, prisões, repartições públicas, estações de rádios, TV, firmas norte-americanas, gasômetros, refinarias, navios, aviões, portos, aeroportos, hospitais, casas de saúde, bancos de sangue, depósitos, garagens, embaixadas, residências de personalidades destacadas do regime tais como ministros e generais, sedes da polícia e órgãos oficiais, etc.

e) aumentar gradativamente os distúrbios da guerrilha urbana, numa sequência interminável de ações imprevisíveis, e de tal modo que as tropas do governo não possam deixar a área urbana para perseguir as guerrilhas no interior, sem correr o risco de desguarnecer as cidades e ver a rebelião crescer tanto no litoral como no fundo do país;

f) obrigar o exército e a polícia, com seus comandantes, chefes e subordinados, a trocarem o relativo conforto e tranquilidade dos quartéis e dos descensos rotineiros por um estado de alarma e crescente tensão de nervos, na expectativa do ataque ou em busca de pistas que se esvaem como fumaça;

g) evitar a luta aberta e combates decisivos com o governo, limitando a luta a ataques curtos e rápidos com resultados fulminantes;

h) assegurar para o guerrilheiro urbano o máximo de liberdade de manobras e de ação, jamais renunciando o emprego da violência armada, e prosseguindo firme na orientação de ajudar o desencadeamento da guerrilha rural e apoiá-la na constituição do exército revolucionário de libertação nacional.

SOBRE OS TIPOS E A NATUREZA DAS MODALIDADES DE AÇÃO DO GUERRILHEIRO URBANO

Para atingir os objetivos anteriormente enumerados, o guerrilheiro urbano, em sua técnica, é obrigado a recorrer a modalidades de ação de natureza diferente e o mais possível diversificadas.

Ao recorrer a esta ou aquela modalidade de ação, o guerrilheiro urbano não o faz arbitrariamente.

Umhas ações são simples, outras são complexas. O guerrilheiro urbano sem experiência deve ser lançado gradativamente em ações e operações que vão do simples ao complexo. Começa pelas pequenas missões e tarefas, até tornar-se um guerrilheiro urbano experimentado.

Antes de qualquer ação, o guerrilheiro urbano tem que pensar nos meios e pessoal de que dispõe para levá-las a efeito. Operações e ações que exigem preparo técnico do guerrilheiro urbano não podem ser executadas por quem não o possui.

Tomados estes cuidados, as modalidades de ação que o guerrilheiro urbano pode levar a efeito são os seguintes:

- a) assaltos;
- b) incursões e invasões;
- c) ocupações;
- d) emboscadas;
- e) táticas de rua;
- f) greves e interrupções de trabalho;
- g) deserções e desvios de armas, capturas e expropriações de armas, munições e explosivos;
- h) resgate de presos;
- i) justiçaamentos;
- j) sequestros;
- l) sabotagem;
- k) terrorismo;
- m) propaganda armada;
- n) guerra de nervos.

ASSALTOS

O assalto é o ataque armado que realizamos com o objetivo de expropriar recursos, libertar presos, capturar explosivos, metralhadoras, e outros tipos de armas e munições.

Os assaltos podem ser à plena luz do dia ou podem ser assaltos noturnos. Os assaltos realizados em pleno dia são aqueles cujos objetivos não podem ser atingidos em outra hora, como por exemplo, no caso de transporte de dinheiro para os bancos, que não funcionam à noite. Em certos casos, o ataque noturno é mais vantajoso para o guerrilheiro urbano. E o ideal é que todos os assaltos fossem à noite, quando as condições para a surpresa são mais favoráveis e a escuridão facilita a fuga e o não reconhecimento do pessoal que opera.

O guerrilheiro urbano, porém, deve preparar-se para atuar em quaisquer condições, tanto do dia como da noite. Os alvos mais vulneráveis aos assaltos são os seguintes:

- a) estabelecimentos de crédito;
- b) empresas comerciais e industriais, incluindo as do ramo de armas e explosivos;
- c) estabelecimentos militares;
- d) delegacias e postos policiais;
- e) estabelecimentos penais;
- f) propriedades do governo;
- g) meios de comunicação de massa;
- h) firmas e propriedades dos norte-americanos;
- i) viaturas do governo, incluindo as militares e policiais, caminhões e viaturas blindadas, carros pagadores, trens, barcos e aviões.

Os assaltos a estabelecimentos são de uma natureza, pois aqui estamos diante de prédios ou edifícios, que constituem alvos fixos.

Os assaltos a estabelecimentos são concebidos como operações guerrilheiras, variando segundo se trata-se de bancos, casas comerciais, indústrias, quartéis, delegacias, prisões, estações de rádio, depósitos de firmas imperialistas, etc.

Os assaltos a viaturas, carros-pagadores, carros blindados, trens, navios e aviões são de outra natureza, pois se tratam

de alvos móveis. A natureza da operação varia conforme a situação e a oportunidade, que dizer, segundo estão parados ou em movimento.

Carros blindados não resistem a minas, mesmo os carros blindados militares. Estradas obstruídas, armadilhas, ardis, fechadas de outros veículos, bombas molotovs, disparos de armas pesadas são meios eficientes de assaltos a veículos.

Viaturas paradas, aviões no chão, navios ancorados podem ser tomados e dominados os seus tripulantes ou guardas.

Aviões em voo podem ser desviados de rumo, em operações guerrilheiras ou ações solitárias.

Navios e trens em movimento podem ser assaltados ou tomados em operações guerrilheiras, para nos apoderarmos de armas e munições e impedir o deslocamento de tropas.

O ASSALTO A BANCO – MODALIDADE POPULAR DE ASSALTO

A modalidade mais popular de assalto é o assalto a banco. O guerrilheiro urbano iniciou no Brasil o tipo de assalto organizado aos bancos como operação guerrilheira. Hoje, tal tipo de assalto é largamente usado e tem servido como exame vestibular do guerrilheiro urbano na aprendizagem da técnica da guerra revolucionária.

Na técnica do assalto a banco surgiram inovações importantes, que garantem a fuga, a retirada do dinheiro e o não reconhecimento do pessoal que opera. Citamos entre essas atirar nos pneus das viaturas para impedir a perseguição, fechar as pessoas no banheiro do banco, fazer sentar no chão; imobilizar os guardas bancários e tomar-lhes as armas, forçar a abrir o cofre ou a caixa-forte, usar disfarces.

As tentativas de colocar alarmas nos bancos, defendê-los com guardas ou usar meios eletrônicos de procedência norte-americana não dão resultados, quando o assalto é político e executado segundo a técnica do guerrilheiro urbano. Essa técnica tende a empregar recursos novos para enfrentar as

mudanças de táticas do inimigo, vai lançando mão de uma potência de fogo que cresce dia a dia, torna-se mais astuciosa e audaciosa, e emprega um número cada vez maior de revolucionários, tudo isso visando assegurar o êxito de operações planejadas até os últimos detalhes.

O assalto a banco é uma expropriação típica. Mas tal como acontece a qualquer tipo de ação expropriatória armada, o revolucionário sofre uma dupla concorrência: a) a concorrência do marginal; e, b) a concorrência do contrarrevolucionário de direita.

Esta concorrência é fator de confusão, levando o povo à incerteza. Cabe ao guerrilheiro urbano evitar que isso aconteça, e para tanto deve recorrer a duas maneiras: a) renunciar ao emprego da técnica dos marginais, qual seja a violência desnecessária, a apropriação de bens e objetos das pessoas do povo; e, b) utilizar o assalto como meio de propaganda, no próprio momento em que ele se realiza, e difundido posteriormente materiais, circulares, cartazes e todo tipo de noticiário esclarecedor dos fins e propósitos do guerrilheiro urbano, ao expropriar o governo, as classes dominantes e o imperialismo.

INCURSÕES E INVASÕES

Incursões e invasões são ataques rápidos a estabelecimentos situados nos bairros ou mesmo no centro da cidade, tais como pequenas unidades militares, delegacias, hospitais, etc., para causar danos, retirar armas, punir e aterrorizar o inimigo, fazer represálias ou resgatar prisioneiros feridos que estejam em tratamento sob vigilância policial.

Incursões e invasões também são feitas em garagens e depósitos para danificar veículos e depredar instalações, sobretudo quando são firmas e propriedades dos norte-americanos.

Quando realizadas em determinados trechos de estradas e em bairros longínquos, as excursões e invasões podem servir para forçar o inimigo a deslocamentos aparatosos, mas totalmente inúteis, por nada mais ser encontrado no local e não haver o que combater.

Levadas a efeito contra certas residências, escritórios, gabinetes, arquivos ou repartições públicas, tem a finalidade de fazer a apreensão ou a retirada de papéis secretos e documentos capazes de denunciar trapaçãs, compromissos e a corrupção dos homens no governo, suas negociatas e transações criminosas com os norte-americanos. Incurções e invasões dão melhores resultados se efetuadas à noite.

OCUPAÇÕES

Ocupações são tipos de ataque levados a efeito, quando o guerrilheiro urbano se instala em determinados estabelecimentos e lugares para uma resistência temporária ao inimigo ou para realizar algum tipo de ato de propaganda.

Ocupações de fábricas e escolas durante as greves ou em outros momentos tem a finalidade de protesto ou de desviar a atenção do inimigo. Ocupações de emissoras tem a finalidade de propaganda.

A ocupação é uma modalidade de ação de grande efeito, mas para não ocasionar perdas e danos materiais em nossas fileiras, precisa-se contar sempre com a possibilidade de retirada.

Esta deve ser meticulosamente planejada e posta em prática no momento oportuno. A ocupação é sempre temporária, e quanto mais rápida, melhor.

EMBOSCADA

Emboscadas são ataques típicos de surpresa, onde o inimigo é apanhado ao atravessar uma estrada, ao dar uma batida policial, ao tentar cercar uma casa ou um sítio.

O inimigo pode ser atraído a esses lugares com um aviso falso e cair numa armadilha.

O fim principal da luta de emboscada é capturar armas do inimigo e puni-lo com a morte.

Emboscadas para deter trens de passageiros tem por finalidade a propaganda, e quando são trens que conduzem tropas o objetivo é aniquilá-las e tomar suas armas.

O guerrilheiro urbano franco-atirador é um tipo de combatente especialmente apropriado para a luta de emboscada, pois se esconde facilmente nas irregularidades do terreno, nos telhados e altos edifícios em construção e apartamentos. Das janelas e lugares invisíveis pode atingir com certa pontaria o alvo escolhido.

A emboscada causa estragos devastadores entre o inimigo, deixa-o enervado, inseguro e temeroso.

TÁTICAS DE RUA

As táticas de rua são empregadas para combater o inimigo na rua, utilizando contra ele a participação das massas.

Os estudantes brasileiros aplicaram contra as tropas da polícia em 1968 excelentes táticas de rua, tais como lançar manifestantes na contramão do trânsito, utilizar estilingues ou bодоques e bolas de gude como arma contra a cavalaria.

Outras táticas de rua consistem em construir barricadas, arrancar pedras do calçamento e atirá-las contra a polícia, lançar objetos como garrafas, tijolos, pesos de papéis e outros projéteis do alto de edifícios de apartamentos e escritórios para atingir os policiais; utilizar edifícios em construção como redutos de fuga, esconderijos e pontos de apoio para ataques de surpresa.

É preciso também que saibamos responder às táticas do inimigo. Quando as tropas da polícia aparecem armadas de escudos, para se defenderem dos projéteis que lhes são atirados pela frente devemos passar a agir com duas equipes: uma que ataca o inimigo de frente, outra que ataca pelas costas, retirando-se uma quando a outra entra em ação, a fim de evitar atingir a primeira com os projéteis mandados da segunda.

Da mesma maneira é importante saber às táticas de cerco policial. Quando a polícia destaca alguns de seus homens para ir no meio da massa prender algum manifestante, um grupo mais numeroso de guerrilheiros urbanos deve cercar o grupo de policiais, tomar-lhe as armas e castigá-los, e ao mesmo tempo dar fuga ao prisioneiro. A esta operação dos guerrilheiros urbanos dá-se o nome de cerco dentro do cerco.

Quando o cerco da polícia é feito a estabelecimentos de ensino, fábricas, locais de assembleias de massas e outros pontos, o guerrilheiro urbano não deve render-se nem deixar-se apanhar de surpresa. Para levar a prática o seu cerco, o inimigo é obrigado a transportar policiais em viaturas e carros particulares e ocupar pontos estratégicos na rua até invadir o edifício ou local visado.

O guerrilheiro urbano, por sua vez, jamais deve frequentar qualquer edifício ou local e nele reunir-se, sem antes conhecer quais as passagens de fuga, meios de furar o cerco, os pontos estratégicos ocupados pela polícia e os caminhos que inevitavelmente desembocam no local e serão percorridos pelas viaturas policiais. E deve responder ao cerco, ocupando outros pontos estratégicos de onde pode atingir o inimigo.

Os caminhos percorridos pelas viaturas policiais devem ser minados em pontos de passagem obrigatórios ou de estacionamento forçado. Com as explosões das minas, as viaturas voarão pelos ares. Os policiais devem ser atraídos à armadilha onde sofrerão perdas ou serão vítimas de emboscadas. O cerco deve ser furado através de rotas de fuga desconhecidas da polícia.

O rigoroso planejamento da retirada é a maior garantia de frustração de qualquer tentativa de cerco por parte do inimigo.

Quando o lugar não oferece condições para um plano de fuga, o guerrilheiro urbano deve abster-se de utilizá-lo para reuniões, assembleias ou qualquer outra coisa, pois, se o fizer, não conseguirá sair do cerco que o inimigo provavelmente lhe tratará de impor.

As táticas de rua revelam um novo tipo de guerrilheiro urbano, ou seja, o guerrilheiro urbano que participa das manifestações de massa. Este é o tipo que denominamos de guerrilheiro urbano manifestante, e que comparece às passeatas e outras formas de demonstração popular com missões determinadas. Tais missões consistem em jogar pedras e projéteis de todos os tipos, usar gasolina para incendiar, alvejar policiais com armas de fogo, capturar armas dos policiais, sequestrar agentes do inimigo e provocadores, fuzilar com certeza pontaria os tiras espancadores e chefes de policiais que

vem em carros particulares com chapa fria, para não despertar a atenção.

O guerrilheiro urbano manifestante ocupa-se em conduzir grupos de massa à passagem de fuga, em caso de necessidade, coloca minas, atira bombas molotovs, prepara emboscadas e explosões. Cabe ainda ao guerrilheiro urbano manifestante iniciar o cerco dentro do cerco, revistar viaturas do governo, carros oficiais e veículos da polícia, antes de derrubá-los e incendiá-los, para verificar se carregam armas e dinheiro, e nesse caso expropriá-los.

Os franco-atiradores são muito bons para as manifestações de massa e juntamente com o guerrilheiro urbano manifestante desempenham um papel importante.

Escondidos em pontos estratégicos, os franco-atiradores obtêm êxito completo, utilizando espingardas de caça, metralhadoras, etc., cujos disparos e rajadas mais facilmente põem o inimigo fora de combate.

GREVES E INTERRUPÇÕES DE TRABALHO

A greve é a modalidade de ação empregada pelo guerrilheiro urbano nos locais de trabalho e estudo, para causar prejuízos ao inimigo com a cessação das atividades dos que trabalham ou estudam.

Sendo uma das mais temíveis armas dos explorados e oprimidos, o inimigo emprega contra ela uma potência de fogo gigantesca e uma violência incrível. Os grevistas são levados à prisão, sofrem espancamentos, e muitos acabam assassinados. O guerrilheiro urbano deve preparar a greve de modo a não deixar pistas e rastros que identifiquem os cabeças da ação. Uma greve tem sucesso quando é organizada através da ação de pequenos grupos, tomando-se cuidado de prepará-la em sigilo e na maior clandestinidade.

Armas, munições, molotovs, artefatos caseiros de destruição e ataque, tudo isto deve ser providenciado de antemão para enfrentar o inimigo. Para que possa haver o máximo de prejuízos, é conveniente estudar um plano de sabotagem e pô-lo em execução.

Interrupções do trabalho ou do estudo, mesmo que tenham pouca duração, causam graves prejuízos ao inimigo. Basta que surjam em pontos e seções diferentes do mesmo local, tumultuando a vida cotidiana, indo e vindo num movimento interminável, numa autêntica tática de guerrilha. Nas greves ou simples interrupções de trabalho, o guerrilheiro urbano pode recorrer à ocupação ou invasão do local, ou apenas fazer uma incursão. Seu objetivo nesse caso é manter reféns, fazer prisioneiros ou sequestrar agentes do inimigo e propor a troca por grevistas presos.

As greves e pequenas interrupções de trabalho em certos casos podem oferecer boas oportunidades para preparar emboscadas e armadilhas, com a finalidade de liquidar fisicamente os policiais torturadores e mais sanguinários. O fundamental é que o inimigo sofra perdas e danos materiais e morais, e que com isso, vá se desgastando.

DESERÇÕES E DESVIOS DE ARMAS, CAPTURAS E EXPROPRIAÇÕES DE ARMAS, MUNIÇÕES E EXPLOSIVOS

Deserções e desvios de armas são ações postas em prática nos quartéis, navios, hospitais militares, etc.

O guerrilheiro urbano soldado, cabo, sargento, suboficial ou oficial deve desertar no momento mais oportuno, carregando armas modernas e munições, a fim de entregá-las para uso e proveito da revolução brasileira. Um dos momentos mais oportunos é quando o guerrilheiro urbano militar é chamado para perseguir e combater seu irmão guerrilheiro fora dos quartéis. Em vez de cumprir as ordens dos gorilas, o guerrilheiro urbano militar deve aderir aos revolucionários, entrega-lhes as armas e munições que carregam ou os aviões militares que pilota. A vantagem de tal método é que os revolucionários recebem as armas e munições do exército, marinha, aeronáutica, polícia militar, guarda civil ou corpo de bombeiros.

ros sem maior trabalho, pois elas chegam às suas mãos trazidas nos próprios meios de transporte do governo. Outras oportunidades podem surgir nos quartéis, e o guerrilheiro urbano militar deve estar atento a isto.

Em caso de descuidos dos comandos e outras eventualidades favoráveis, tais como atitudes e comportamento burocráticos ou desleixados em serviço por parte de subalternos e do pessoal interno, o guerrilheiro urbano militar não deve esperar mais, tratando de avisar a organização e executando a deserção sozinho ou acompanhado, mas levando tudo o que possa carregar.

Incursões em quartéis e outros estabelecimentos militares, a fim de pegar armas, podem ser organizados com a informação e a participação do guerrilheiro urbano militar.

Quando não há nenhuma possibilidade de desertar carregando armas e munições, o guerrilheiro urbano militar deve partir para a sabotagem, provocando explosões e incêndios nos paíóis. Essa técnica de desertar com armas e munições, fazer incursões e sabotagem nos quartéis, é a melhor maneira de desgastar e desmoralizar os gorilas, levando-os à perplexidade.

Captura de armas é a operação que o guerrilheiro urbano realiza quando vai tomar as armas portadas individualmente pelo inimigo. Estas armas estão em geral em mãos de sentinelas ou de outras pessoas incumbidas de missões de vigilância ou repressão.

A captura das armas se faz por meios violentos ou através da astúcia e de ardis ou armadilhas. Quando se desarma o inimigo, é sempre necessário revistá-lo para ver se não está de posse de outra arma, além daquela de que é despojado. Em caso de descuido, ele pode utilizar-se da arma não apreendida para disparar contra o guerrilheiro urbano. A captura de armas é um meio eficiente para nos apoderarmos de metralhadoras, a arma mais importante da guerrilha urbana. Quando realizamos pequenas operações ou ações para a captura de munições e armas, o material obtido pode ser destinado ao uso pessoal ou ao armamento e municiação dos grupos de fogo.

A necessidade de dar potência de fogo ao guerrilheiro urbano é tão grande que a saída do marco zero muitas vezes tem que ser efetuada com a compra de uma arma, o extravio ou captura de uma arma individual. O fundamental é começar, e começar com um grande espírito de decisão e audácia. A posse de uma arma multiplica nossas forças.

Ao assaltarmos bancos, devemos ter cuidado de capturar a arma ou as armas do guarda bancário. As demais armas encontradas com o tesoureiro, caixas ou o gerente também devem ser recolhidas de antemão.

Para a captura de armas, outro meio a que podemos recorrer consiste na preparação de emboscadas contra os policiais e as viaturas em que se locomovem. Em incursões de fora para dentro, não raras vezes conseguimos capturar armas das delegacias policiais.

Expropriações de armas, munições e explosivos são operações que o guerrilheiro urbano leva a efeito quando assalta casas comerciais deste ramo, indústrias e pedreiras.

O RESGATE DE PRESOS

O resgate de presos é uma operação armada destinada a libertar o guerrilheiro urbano preso. Na luta diária contra o inimigo, o guerrilheiro urbano está sujeito a ser preso e condenado a intermináveis anos de encarceramento. Isto significa que aí não termina, como pode-se pensar, a luta revolucionária do guerrilheiro, e sua experiência, enriquecida com a prisão, deve prosseguir sendo testada nas masmorras onde se encontra. O guerrilheiro urbano preso vê o cárcere como o terreno que ele precisa dominar e conhecer para libertar-se, através de uma operação guerrilheira. Não há prisão, em ilha ou penitenciária urbana ou agrícola, que seja inexpugnável diante da malícia, da astúcia e potência de fogo dos revolucionários. O guerrilheiro urbano em liberdade vê os estabelecimentos penais do inimigo como o campo inevitável de choques guerrilheiros destinados a libertar seus irmãos de ideal presos.

Da dupla combinação do guerrilheiro urbano em liberdade e guerrilheiro urbano no cárcere resulta a operação arma-

da que denominamos resgate de presos. As operações guerrilheiras que podem ser feitas para resgate de presos são as seguintes:

a) motins em estabelecimentos penais, em colônias correccionais e ilhas ou a bordo de navios-transporte e navios-presídio;

b) assaltos a penitenciárias nas cidades ou às penitenciárias agrícolas, casas de detenção, delegacias, depósitos de presos ou quaisquer outros locais de permanência, passagem ocasional ou momentânea de detentos;

c) assaltos a trens e carros de transporte de presos;

d) incursões e invasões em locais de reclusão de prisioneiros;

e) emboscadas a escoltas que conduzem presos.

JUSTIÇAMENTO

O justicamento é a morte de um espião norte-americano, de um agente da ditadura, de um policial torturador, de uma personalidade fascista do governo envolvida em crimes e perseguições de patriotas, de um dedo-duro, delator, informante da polícia ou provocador policial.

Aqueles que vão à polícia por iniciativa própria para fazer denúncias e acusações, fornecer pistas e fazer reconhecimentos, quando agarrados pelo guerrilheiro urbano devem também ser justicados.

O justicamento é uma ação secreta, com a participação do menor número possível de guerrilheiros urbanos. Em muitos casos, para o justicamento basta um franco-atirador, paciente, solitário e desconhecido, que age na mais absoluta clandestinidade e com o maior sangue-frio.

SEQUESTROS

O sequestro é a captura e guarda em local secreto de um agente policial, um espião norte-americano, personalidade política ou inimigo notório e perigoso do movimento revolucionário.

O sequestro visa uma troca ou à libertação de companheiros revolucionários presos, ou à suspensão de torturas nos calabouços da ditadura militar. O sequestro de personalidades conhecidas por atividades artísticas, esportivas e outras notórias qualidades, mas que não manifestam nenhuma tendência política, pode constituir-se numa forma de propaganda dos propósitos revolucionários e patrióticos do guerrilheiro urbano, sempre que ocorra em circunstâncias especialíssimas, e o sequestrado venha a ser tratado de forma simpática e aceitável pelo povo.

O sequestro de norte-americanos residentes no Brasil ou em visita ao país constitui uma forma de protesto contra a penetração do imperialismo dos Estados Unidos em nossa pátria.

SABOTAGEM

A sabotagem é um tipo de ataque altamente destrutivo, que necessita de poucas pessoas e às vezes até de uma só para chegar ao resultado desejado. Quando o guerrilheiro urbano lança mão da sabotagem, a primeira fase é a sabotagem isolada. Depois surge a fase da sabotagem esparsa e generalizada, conduzida por populares.

A sabotagem bem-feita exige estudos, planejamento e execução cuidadosa. Uma forma característica de sabotagem são as explosões a dinamite, os incêndios e a colocação de minas.

Um pouco de areia, um vazamento qualquer de combustível, uma lubrificação mal-feita, um parafuso retirado, um curto-circuito, pedaços de madeira e ferro podem ocasionar desastres irreparáveis.

O objetivo da sabotagem é danificar, avariar, inutilizar e destruir pontos vitais do inimigo, tais como os seguintes: a) a economia do país; b) a produção agrícola e industrial; c) sistemas de transportes e comunicações; d) o sistema militar e policial e seus estabelecimentos e depósitos; e) o sistema repressivo militar-policial; e, f) as firmas e propriedades norte-americanas no país.

O guerrilheiro urbano deve causar prejuízos à economia do país, sobretudo em seus aspectos econômicos e financeiros, como a rede de comércio interno e externo, o setor de impostos e outros. Repartições públicas, centros de serviços governamentais, depósitos do governo são alvos fáceis da sabotagem. O setor de câmbio e o setor bancário também podem ser alvos de sabotagem por parte do guerrilheiro urbano. O agrícola e industrial, por sua vez, dificilmente escapará do guerrilheiro urbano sabotador com conhecimento perfeito da situação local.

Guerrilheiros urbanos industriais são excelentes sabotadores da indústria, pois eles – mais do que ninguém – sabem qual o ramo da indústria, fábrica, máquina ou peça mais indicada para fazer ruir uma estrutura inteira, que um leigo mal saberia avariar. Quanto ao sistema de transportes e comunicações do inimigo, a começar pelo tráfego ferroviário, é preciso atacá-lo sistematicamente com as armas da sabotagem. O único cuidado é não causar mortes e danos fatais aos passageiros, principalmente os usuários dos trens suburbanos e de longo percurso.

Atingir o trem de carga, o material rolante ou rígido, e impedir que o sistema de transporte e comunicações funcione para fins militares, eis aí os grandes objetivos da sabotagem nesse setor.

Dormentes podem ser avariados e arrancados, bem como os trilhos. Um túnel ferroviário atravancado pelo deslocamento de uma barreira que se segue a uma explosão, ou obstruído por um vagão descarrilado é um prejuízo enorme. Causar o descarrilamento de um trem de carga transportando combustível significa atingir em cheio o inimigo.

O mesmo efeito tem dinamitar as pontes ferroviárias. Num sistema em que o peso e a rigidez do equipamento rolante são excessivos, destruições e avarias levam meses para o trabalho de reparo ou de reconstrução. Quanto às estradas de rodagem, podem ser obstruídas por árvores derrubadas, veículos parados, buracos e deslocação de barreiras a poder da dinamite, pontes derrubadas por explosões. Navios podem ser avariados nos ancoradouros e portos marítimos ou fluviais ou nos estaleiros. Aviões podem ser destruídos ou sabotados

em terra. Linhas telefônicas e telegráficas podem ser sistematicamente danificadas, suas torres derrubadas e fios inutilizados.

Meios de transporte e comunicações tem que ser sabotados sistematicamente, pois a guerra revolucionária já começou no Brasil e é preciso impedir que o inimigo se movimente carregando tropas e munições. Oleodutos, armazenamentos de combustível, depósitos de bombas e munições, paióis e arsenais, quartéis, delegacias, devem passar a constituir alvos por excelência da sabotagem, enquanto viaturas, caminhões do exército e outros veículos militares e policiais precisam ser destruídos onde quer que sejam encontrados. Os centros de repressão de caráter militar e policial e seus órgãos específicos e especializados devem igualmente constituir alvo de atenção do guerrilheiro urbano sabotador.

As firmas e propriedades dos norte-americanos no país, entretanto, devem ser atingidas de forma considerável pela sabotagem, que o volume das ações contra elas supere tudo o mais que possa ocorrer contra os demais pontos vitais do inimigo.

TERRORISMO

O terrorismo é uma ação que na maioria dos casos se resume na colocação de uma bomba ou na explosão de petardos, alguns de grande poder destrutivo e capazes de produzir perdas irreparáveis ao inimigo.

O terrorismo exige que o guerrilheiro urbano tenha adquirido conhecimentos teóricos e práticos da fabricação de engenhos explosivos. O ato terrorista, apesar da aparência de facilidade na execução, não se diferencia dos outros atos e ações do guerrilheiro urbano, seu êxito depende do planejamento e do empenho da organização revolucionária. É uma das ações que o guerrilheiro urbano deve fazer com o maior sangue-frio, calma e decisão.

Apesar de em geral o terrorismo ser relacionado com explosões de bombas, há casos em que pode ser levado a efeito através de justicamentos e do incêndio sistemático de instalações, propriedades e depósitos de firmas norte-americanas,

plantações, etc. É preciso destacar a importância dos incêndios e da fabricação de bombas incendiárias, bem como do uso de gasolina na técnica do terrorismo revolucionário. Outra coisa é a importância dos saques a que a massa pode ser levada pelo guerrilheiro urbano, nos momentos de fome e grande carestia, resultantes da ganância dos grandes comerciantes. O terrorismo é uma arma a que jamais o revolucionário pode renunciar.

PROPAGANDA ARMADA

O conjunto das ações, executadas com objetivos certos e determinados, tornam-se em material de propaganda através dos meios de comunicação de massa existentes.

Assaltos a bancos, emboscadas, deserções e desvios de armas, resgate de presos, justiçações, sequestros, sabotagem, terrorismo, a guerra de nervos, estão nesse caso.

Aviões em voo, desviados de rumo pela ação dos revolucionários, navios e trens em movimento, assaltados e tomados pelos guerrilheiros, também o podem ser apenasmente para fins de propaganda.

Mas o guerrilheiro urbano não pode renunciar a montar a imprensa clandestina e ainda deve dispor de mimeógrafos a álcool ou elétricos ou outros aparelhos de impressão, expropriando-os se não puder comprá-los, a fim de produzir pequenos jornais clandestinos, panfletos, folhas soltas e selos de propaganda e agitação contra a ditadura.

O guerrilheiro urbano que se dedica à impressão clandestina de materiais facilita enormemente a incorporação de muita gente do povo na luta revolucionária, pois abre uma frente de trabalho permanente àqueles que estão dispostos a levar avante a propaganda revolucionária, mesmo que para isso tenham de agir como revolucionários solitários e arriscar suas vidas.

O espírito inventivo do guerrilheiro urbano, uma vez que exista o material clandestino de propaganda e agitação, encontra expansão e cria catapultas, foguetes, morteiros e outros instrumentos para lançar à distância os panfletos contra o governo.

A propaganda em fitas gravadas, a ocupação de emissoras e serviços de alto-falantes, as pinturas nos muros e em pontos inacessíveis são outras formas de propaganda. Ao empregá-las, o guerrilheiro urbano deve dar-lhes o caráter de operações a mão armada.

Uma insistente propaganda por meio de cartas enviadas a determinados endereços, explicando o sentido das ações armadas dos guerrilheiros urbanos, produz efeitos apreciáveis e constitui uma das formas de influir entre alguns setores da população.

Essa influência a ser exercida entre o povo por meio de todos os tipos de propaganda em torno da atividade do guerrilheiro urbano não significa que nosso esforço seja para ganhar o apoio de todos. Basta conquistar o apoio de uma parte, e isso se pode fazer através da popularização do seguinte slogan: "Quem não desejar fazer nada a favor dos revolucionários, que não faça nada contra."

A GUERRA DE NERVOS

A guerra de nervos ou guerra psicológica é uma técnica agressiva, baseada na utilização direta ou indireta dos meios de comunicação de massa e na notícia de boca em boca, para desmoralizar o governo.

Na guerra psicológica, sempre o governo leva desvantagem, pois ele mesmo impõe a censura aos meios de comunicação de massa e acaba sendo arrastado a uma posição defensiva, para não deixar filtrar nada que venha prejudicá-lo. Com isto, cai no desespero, torna-se mais contraditório e desprestigiado, perde tempo e energia num controle enervante, sujeito a ser furado a toda hora.

O objeto da guerra de nervos é desinformar, informando mentiras às autoridades, que todo mundo pode fazer, criando assim um ambiente de nervosismo, descrédito, insegurança, incerteza e intranquilidade para o governo. Os meios válidos com que o guerrilheiro urbano conta na guerra de nervos são os seguintes:

a) usar o telefone e o correio para anunciar pistas falsas à polícia e ao governo, incluindo avisos sobre a colocação de

bombas e quaisquer atos de terrorismo em repartições públicas ou outros locais, ameaças de sequestro e assassinatos, etc., para obrigar as autoridades a se desgastarem, dando crédito a notícias infundadas;

b) fazer cair nas mãos da polícia falsos planos para desviar e confundir sua atenção;

c) explorar pelos mais variados meios a corrupção, erros e deslises do governo e seus representantes, obrigando-os a se desmoralizar com explicações e justificativas pelos meios de comunicação de massa que eles mesmo põem sob censura;

d) formular denúncias às embaixadas estrangeiras, à ONU, à nunciatura apostólica e às comissões internacionais de juristas, de defesa dos direitos humanos ou da liberdade de imprensa, apresentando cada caso concreto de violações e emprego de violência pela ditadura militar, fazendo sentir que a guerra revolucionária em curso seguirá, com graves danos para os inimigos do povo.

O MÉTODO DE CONDUZIR A AÇÃO

O guerrilheiro urbano que empreende de maneira correta sua aprendizagem e iniciação tem que dar uma grande importância ao método de conduzir a ação, e nisso não pode cometer a mínima falta.

Qualquer descuido na assimilação do método e seu emprego significa desastre certo, conforme a experiência ensina todos os dias.

Os marginais cometem erros frequentes por questões de método, e esse é um dos motivos por que o guerrilheiro urbano deve preocupar-se insistentemente em seguir a técnica revolucionária e não a técnica dos bandidos. E não é somente isso. Não pode existir guerrilheiro urbano digno desse nome se ignorar o método revolucionário de conduzir a ação e renunciar a aplicá-lo rigorosamente no planejamento e execução de sua atividade.

O gigante conhece-se pelo dedo. E o mesmo devemos dizer do guerrilheiro urbano, cujo reconhecimento se faz à distância pela correção do método que aplica e absoluta fidelidade aos seus requisitos.

O método revolucionário de conduzir a ação exige forçosa e obrigatoriamente a aprendizagem e o emprego dos seguintes elementos: a) pesquisa e informação; b) observação ou paquera; c) reconhecimento ou exploração do terreno; d) estudo e tempo dos itinerários; e) planejamento; f) motorização; g) seleção de pessoal e revezamento; h) seleção da capacidade de fogo; i) estudo e ensaio da execução; j) execução; k) cobertura; l) retirada; m) desova; n) resgate ou transbordo; o) eliminação de pistas; e, p) resgate de feridos.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O MÉTODO

Quando não há informação, o ponto de partida para o planejamento da ação pode ser a pesquisa, a observação ou paquera. Este método dá bons resultados também.

De qualquer modo, mesmo quando há informação, é preciso fazer a observação ou paquera, a fim de ver se o que foi informado não está em desacordo com o que é observado e vice-versa.

O reconhecimento ou exploração do terreno, o estudo e a cronometragem dos itinerários tem uma importância tão grande que, sem eles, é a mesma coisa que dar um salto no escuro.

A motorização é em geral uma operação subestimada no método de conduzir a ação. Frequentemente, a motorização é deixada para o fim, ou seja, para as vésperas da ação principal a ser executada.

Isto é um erro. A motorização deve ser encarada a sério, precisa ser realizada com bastante antecedência e exige planejamento rigoroso, começando também pela informação, a observação ou paquera, até ser consumada com rigoroso cuidado e precisão. A guarda, conserva, manutenção e descaracterização dos veículos expropriados são particularidades muito importantes da motorização.

Quando falha a motorização, fracassa a ação principal, com graves prejuízos morais e materiais para a atividade do

guerrilheiro urbano. A seleção do pessoal impõe sérios cuidados para evitar a inclusão dos indecisos vacilantes, cujo perigo de contaminar os demais participantes dificilmente será afastado.

Deve-se evitar fazer o resgate ou transbordo levando crianças ou fazendo qualquer coisa que desperte a atenção das pessoas porventura de trânsito no local. O melhor é fazer o resgate com a maior naturalidade, e sempre em terrenos de cotovelo ou de níveis diferentes, ou dependendo de passagens estreitas, que só permitem a travessia a pé, a fim de evitar o encontro dos dois carros.

A eliminação de pistas é obrigatória e exige o máximo de cautela para encobrir sinais de dedos e quaisquer outros indícios que orientam o inimigo. A falta de cuidado na eliminação de pistas e indícios é um fator que traz o nervosismo a nossas fileiras e que o inimigo explora com frequência.

RESCATE DOS FERIDOS

O problema dos feridos na guerrilha urbana merece atenção especial. Durante as operações guerrilheiras na área urbana pode ocorrer que algum companheiro seja ferido acidentalmente ou baleado pela polícia. Quando no grupo de fogo há um guerrilheiro com conhecimento de socorros urgentes, sempre pode fazer algo de imediato pelo ferido. Em nenhuma hipótese, o guerrilheiro urbano ferido deve ser abandonado no local da luta ou deixado em mãos do inimigo.

Um dos cuidados que devemos ter é criar cursos de enfermagem para homens e mulheres, cursos em que o guerrilheiro urbano seja matriculado e possa aprender a técnica elementar dos primeiros socorros. O guerrilheiro urbano médico, estudante de medicina, enfermeiro, farmacêutico ou simplesmente iniciado em socorros de urgência é uma das necessidades da luta revolucionária moderna.

Um pequeno manual de primeiros socorros para o guerrilheiro urbano, impresso em folhas mimeografadas, deve ser também motivo de iniciativa de qualquer conhecedor do assunto.

Ao planejar e executar uma ação armada, o guerrilheiro urbano não pode esquecer a organização da logística médica.

Isto será resolvido por meio de uma clínica móvel ou motorizada. Também serve um posto volante montado num automóvel. Outra solução é utilizar um companheiro enfermeiro ou companheira, que aguarda com sua maleta de curativos em uma casa ou qualquer outro lugar, para onde deve ser levado o ferido. O ideal é possuímos uma clínica nossa bem montada, mas isto custa muito dinheiro, a não ser que empreguemos material expropriado. Quando faltam os recursos aqui apontados, é muitas vezes necessário recorrer a clínicas legais, empregando a mão armada, se for o caso, para obrigar os médicos a tratarem dos feridos.

Na eventualidade de recorrermos a bancos de sangue para a compra do sangue ou plasma sanguíneo, não deveremos fornecer endereços legais e muito menos endereços onde efetivamente possam ser encontrados os feridos sob nossos cuidados e a nossa guarda. Também aos hospitais e casas de saúde aos quais recorremos, jamais forneceremos endereços dos elementos comprometidos com o trabalho clandestino da organização. Tais cuidados são indispensáveis para eliminar qualquer pista ou rastro.

As casas onde ficam os feridos não podem ser conhecidas de ninguém, a não ser única e exclusivamente daquele reduzidíssimo número de companheiros incumbidos do transporte e tratamento.

Lençóis, panos sujos de sangue, medicamentos e quaisquer outros indícios de tratamento de companheiros feridos em combate com a polícia devem ser obrigatoriamente eliminados de qualquer local por onde tenham passado para receber assistência médica.

A SEGURANÇA DO GUERRILHEIRO

O guerrilheiro urbano vive em constante perigo, pela possibilidade de vir a ser descoberto ou denunciado.

O principal problema de segurança é ter a garantia de que estamos bem escondidos e bem guardados e que estão asse-

gurados os meios para impedir que a polícia chegue até nós ou até onde nos encontramos. O pior inimigo do guerrilheiro urbano e o maior perigo que nos ameaça é a infiltração do espião ou do delator em nossa organização.

A traição é a arma mais eficiente que o inimigo usa contra nós. Há duas espécies de traição: a dos que ficam infiltrados e denunciam à polícia sem ninguém saber e a dos que desertam para revelar ao inimigo os segredos da organização.

O espião que for apanhado dentro da organização será punido com a morte.

O mesmo acontecerá aos que desertam e vão revelar o que sabem à polícia. Uma boa segurança é a certeza de que o inimigo não tem os seus espiões e agentes infiltrados em nosso meio e de que não pode receber informações a nosso respeito, nem mesmo por vias indiretas ou remotamente próximas.

A medida fundamental para isso é ter cautela e seriedade no recrutamento. Também não se deve permitir que todos conheçam todos, nem que todos conheçam tudo. Cada um só deve conhecer aquilo que diz respeito ao seu trabalho.

Esta regra é outro ponto fundamental no ABC da segurança do guerrilheiro urbano.

A luta que travamos contra o inimigo é penosa e difícil, pois se trata de uma luta de classes.

Toda luta de classes é de vida ou morte, quando as classes são antagônicas. O inimigo quer aniquilar-nos e luta implacavelmente para descobrir-nos e esmagar-nos, já que nossa grande arma é nos ocultarmos dele e atacá-lo de surpresa.

O mal do guerrilheiro urbano é revelar-se por imprudência ou deixar-se descobrir por falta de vigilância de classe.

É inadmissível que o guerrilheiro urbano forneça seu próprio endereço ou qualquer outro endereço clandestino ao inimigo ou que fale demais. Anotações nas margens dos jornais, documentos esquecidos, cartões de visitas, cartas e bilhetes, tudo isto são pistas que a polícia jamais desprezará. Cadernetas de endereços e telefones tem que ser abolidas e não se deve escrever nem guardar papéis; evitando arquivos de nomes legais ou ilegais, indicações biográficas, mapas, esquemas e planos.

Pontos de encontro não devem ser anotados e somente guardados na memória. O guerrilheiro urbano que transgredir estas normas deve ser advertido pelo primeiro que verificar a infração, e, se prosseguir, devemos evitar trabalhar com ele.

A necessidade que o guerrilheiro tem de se movimentar constantemente e a relativa proximidade com a polícia, dadas as circunstâncias do cerco policial estratégico a que está submetida a cidade, leva-o a adotar medidas de segurança variáveis, dependendo dos movimentos do inimigo. É preciso haver, para isso, um serviço de informações diárias sobre o que o inimigo está fazendo ostensivamente, onde estão sendo dadas as batidas policiais e quais as gargantas e pontos de estrangulamento estão sendo vigiados.

A leitura diária do noticiário policial dos jornais é uma ótima fonte de informações, nesses casos. A lição mais importante para a segurança do guerrilheiro é que em nenhuma hipótese devemos permitir na organização o menor sinal de afrouxamento no cumprimento das medidas e regras de vigilância. A segurança do guerrilheiro deve ser mantida também e principalmente em caso de prisão.

O guerrilheiro preso nada pode revelar à polícia que prejudique a organização. Nada pode dizer que traga como consequência a prisão de outros companheiros, a descoberta de endereços e esconderijos, a queda de armas e munições.

OS SETE PECADOS DO GUERRILHEIRO URBANO

Ainda que o guerrilheiro urbano aplique com exatidão sua técnica revolucionária e siga as regras de segurança, não deixa de ser vulnerável aos erros. Não há guerrilheiro urbano perfeito. E a única coisa que pode fazer é esforçar-se para diminuir a margem de erros, pois não atingirá a perfeição.

Um dos meios de que devemos nos utilizar para diminuir a margem de erros consiste em procurar conhecer os sete pecados do guerrilheiro urbano e tratar de combatê-los.

O primeiro pecado do guerrilheiro urbano é a inexperiência. O guerrilheiro urbano ofuscado por este pecado julga o inimigo bobo, subestima sua inteligência, julga as coisas fáceis, e em consequência deixa pistas que poderão conduzir ao desastre.

Em face de sua inexperiência, o guerrilheiro urbano pode superestimar as forças do inimigo, considerá-lo mais poderoso do que realmente é.

Deixando-se enganar por sua presunção, o guerrilheiro urbano acaba intimidando-se, permanece inseguro e indeciso, amarrado e sem audácia.

O segundo pecado do guerrilheiro urbano é vangloriar-se das ações que realiza e alardeá-las aos quatro ventos.

O terceiro pecado do guerrilheiro urbano é envaidecer-se. O guerrilheiro urbano que padece deste pecado pretende resolver os problemas da revolução desencadeando ações na cidade, mas sem se preocupar com o lançamento e a sobrevivência da guerrilha na área rural.

Cego pelos êxitos obtidos, acaba organizando uma ação que considera decisiva e na qual joga todas as forças e recursos da organização. Como a cidade é a área do cerco estratégico, que não podemos evitar ou romper, enquanto a guerrilha rural não for desencadeada e não estiver prestes a ser vitoriosa, sobrevém sempre o erro fatal, por onde será dada ao inimigo a chance de atacar-nos com golpes certos.

O quarto pecado do guerrilheiro urbano é exagerar sua força e querer fazer coisa para as quais não tem condições e não está a sua altura, por não possuir uma infraestrutura adequada.

O quinto pecado do guerrilheiro urbano é a precipitação. O guerrilheiro urbano que comete este erro perde a paciência, é atacado de nervosismo, não espera por nada e lança-se intempestivamente às ações, sofrendo reveses inesperados.

O sexto pecado do guerrilheiro urbano é atacar o inimigo quando este está assanhado.

O sétimo pecado do guerrilheiro urbano é não planejar as coisas e agir na base da improvisação.

O APOIO POPULAR

Um dos permanentes cuidados do guerrilheiro urbano é identificar-se com as questões populares, para conquistar o apoio popular.

Onde atuação do governo se revelar inépcia e corrupta, o guerrilheiro urbano não deve vacilar em interferir para mostrar que combate o governo e ganhar a simpatia das massas.

O governo atual, por exemplo, faz pesadas exigências financeiras ao povo e cobra impostos altamente onerosos. Cabe ao guerrilheiro urbano atacar o sistema de arrecadação da ditadura para embaraçar sua atividade fiscal, lançando contra ela todo o peso da violência revolucionária. Não só contra os impostos e o aparelho de arrecadação se volta o guerrilheiro urbano. É preciso que o braço da violência revolucionária atinja igualmente os órgãos do governo que aumentam os preços e os responsáveis por esses órgãos, bem como os mais ricos negociantes nacionais e estrangeiros ou grandes proprietários de imóveis, enfim, todos os que acumulam lucros fabulosos com a carestia de vida, os salários de fome, a alta dos preços e aluguéis.

Os trustes estrangeiros, como frigoríficos e empresas dos norte-americanas que monopolizam o mercado e a fabricação de gêneros alimentícios, devem ser sistematicamente atacados pelo guerrilheiro urbano. A rebelião do guerrilheiro urbano e sua persistência em interceder nas questões populares constituem a melhor maneira de assegurar o apoio do povo à causa que defendemos.

Vamos repetir e insistir em repetir: é a melhor maneira de assegurar o apoio do povo.

Desde quando uma parte razoável da população começa a levar a sério a ação do guerrilheiro urbano, a partir daí o seu sucesso está garantido. Para o governo não resta outra alternativa senão intensificar a repressão.

As batidas policiais, invasões de lares, prisões de inocentes e suspeitos, fechamento de barreiras nas estradas tornam

a vida na cidade insuportável. A ditadura militar engaja-se na perseguição política em massa. Os assassinatos políticos e o terrorismo policial transformam-se em rotina.

Apesar disso, a polícia fracassa sistematicamente. As forças do exército, marinha e aeronáutica passam a ser mobilizadas, exercendo funções policiais de rotina. Mesmo assim não conseguem encontrar pistas, paralisar as operações guerrilheiras, ou acabar com a organização revolucionária dos grupos fragmentários, que se movem e atuam no território nacional, de maneira persistente e contagiosa.

O povo recusa-se a colaborar com as autoridades, e o sentimento geral é que o governo é injusto, não tem meios para enfrentar as dificuldades e recorre pura e simplesmente à liquidação física dos seus opositores. A situação política do país transforma-se numa situação militar, em que os gorilas surgem cada vez mais como os responsáveis por todos os desastros e violência, enquanto as dificuldades de vida do povo se tornam verdadeiramente calamitosas.

Vendo os militares e a ditadura à beira do abismo e temendo pelas consequências da guerra revolucionária, já então num plano bastante avançado e irreversível, os apaziguadores, que sempre existem entre as classes dominantes, e os oportunistas de direita, partidários da luta pacífica, se dão as mãos e passam a murmurar nos bastidores, implorando aos algozes por eleições, “redemocratização”, reformas de cartaz constitucionais e outros ingredientes destinados a enganar as massas e a fazer cessar o impacto revolucionário nas cidades e nas áreas rurais do país.

Já agora, porém, com os olhos nos revolucionários, o povo passa a compreender que é uma farsa ir votar em eleições, cujo único objetivo é garantir a continuidade da ditadura militar e dar cobertura aos seus crimes. Atacando em cheio essa farsa das eleições e da chamada “abertura política”, tão ao gosto dos oportunistas, o guerrilheiro urbano deve tornar-se mais agressivo e violento, recorrendo sem cessar à sabotagem, ao terrorismo, às expropriações, assaltos, sequestros, justicamentos, etc. Isto anula qualquer pretensão de enganar

as massas com a abertura do Congresso e a reorganização dos partidos do governo e da oposição consentida, uma vez que tanto o parlamento como esses partidos, são chamados a funcionar por obra e graças a um alvará da ditadura militar, num autêntico espetáculo de bonecos de engonço e cães adestrados. O papel do guerrilheiro urbano, para conquistar o apoio do povo, é prosseguir lutando, tendo em vista os interesses das massas, e tornando desastrosas as circunstâncias em que o governo tem de agir.

São estas circunstâncias desastrosas para a ditadura que permitem aos revolucionários desencadear a guerrilha rural, em meio ao incremento incontrolável da rebelião urbana.

O guerrilheiro urbano tem em vista a ação revolucionária a favor do povo, e com ela busca a participação das massas na luta contra a ditadura militar e pela libertação do país do jugo dos Estados Unidos. Partindo da cidade e com o apoio do povo é que se chega rapidamente à guerrilha rural, cuja infraestrutura vai sendo montada cuidadosamente à medida que a área urbana mantém sua rebelião.

A GUERRILHA URBANA – ESCOLA DE SELEÇÃO DO GUERRILHEIRO

A revolução é um fenômeno social que depende dos homens, armas e recursos. As armas e os recursos existem no país e podem ser tomados e manejados, mas para isso é necessário contar com homens. Sem eles, as armas e os recursos não têm sentido nem valor.

Os homens, por sua vez, precisam de dois requisitos fundamentais e obrigatoriamente indispensáveis: a) devem ter uma motivação política-revolucionária; b) devem possuir o preparo técnico-revolucionário adequado.

Homens com motivação política-revolucionária, nós os encontramos entre o imenso e inconfundível contingente dos inimigos da ditadura militar e da dominação do imperialismo dos Estados Unidos.

Tais homens afluem quase que diariamente à guerrilha urbana, e é por isso que a reação não para de anunciar que já desbaratou os grupos revolucionários, e está sempre passando pelo dissabor de vê-los retornar das próprias cinzas. Os homens melhor treinados, mais experientes e dedicados da guerrilha urbana e simultaneamente da guerrilha rural constituem a espinha dorsal da guerra revolucionária, e, por isso mesmo, da revolução brasileira.

Desta espinha dorsal se constitui o cerne do exército revolucionário de libertação nacional, oriundo da guerrilha.

É este o núcleo central, não de burocratas e oportunistas escondidos nos “aparelhos”, não de conferencistas vazios, de rabiscadores de resoluções no papel, mas de homens de luta. Dos homens da primeira hora, decididos e dispostos a tudo, que participam pessoalmente das ações revolucionárias, não vacilam e não tergiversam.

É o núcleo doutrinado e disciplinado, com uma visão estratégica e tática de longo alcance, condizente com a aplicação da teoria marxista do leninismo e do castro-guevarismo às condições concretas da realidade brasileira. É o núcleo que lidera a rebelião através do estágio da guerrilha. Daí surgirão os homens e mulheres de formação político-militar una e indivisível, que terão a seu cargo conduzir no futuro, após a vitória da revolução, a construção da nova sociedade brasileira.

Os homens e mulheres que a guerrilha urbana seleciona desde já estão entre os operários, os camponeses que a cidade atraiu para o mercado de mão-de-obra e que retornam ao campo doutrinados e preparados política e tecnicamente, os estudantes, os intelectuais e os eclesiásticos. É este o material com que se constrói, a partir da guerrilha urbana, a aliança armada de operários e camponeses, com estudantes, intelectuais e eclesiásticos.

Os operários têm infinito conhecimento na esfera da indústria e são ótimos para as tarefas revolucionárias urbanas. O guerrilheiro urbano operário participa da luta atual fabricando armas, sabotando e preparando sabotadores e dinami-

tadores, e entrando pessoalmente nas ações à mão armada ou organizando nas fábricas, oficinas ou outros locais de trabalho, greves e paralisações parciais com características de violência por parte da massa.

Os camponeses têm um instinto formidável para o conhecimento do terreno, a astúcia para enfrentar o inimigo e a permeabilidade indispensável à comunicação com as multidões de humilhados. O guerrilheiro camponês já é participante de nossa luta, e é ele que percorre os eixos guerrilheiros, estabelece pontos de apoio no campo, encontra esconderijos para pessoas, armas, munições, mantimentos, organiza o plantio e a colheita de cereais para uso na guerrilha, escolhe os locais de pouso e os postos de criação de gado e fornecimento de montaria, prepara os guias que ensinarão os caminhos aos guerrilheiros rurais e cria o serviço de informações no campo.

Os estudantes são dotados de rudeza e rusticidade, com isso fazem em pedaços todos os tabus. Incorporados à guerrilha urbana, como já acontece em larga escala, revelam um talento especial para a violência revolucionária e logo adquirem um elevado preparo político-técnico-militar. Os estudantes têm uma capacidade ociosa imensa, pois são sistematicamente afastados, suspensos e expulsos das escolas pela ditadura, e passam a dispor de tempo, vantajosamente aproveitado em favor da revolução.

Os intelectuais constituem as colunas mestras da resistência ao arbítrio, à injustiça social e à incongruência desumana da ditadura dos gorilas. Insuflam a chama revolucionária e tem enorme poder de comunicação e influência sobre as pessoas. O guerrilheiro urbano intelectual ou artista é a mais moderna aquisição da guerra revolucionária brasileira.

Os eclesiásticos, ou seja, os padres ou sacerdotes das várias hierarquias e confissões, representam um setor com uma qualificação especial para a comunicação com o povo, particularmente operários, camponeses e a mulher brasileira. O guerrilheiro urbano eclesiástico é um integrante ativíssimo

da guerra revolucionária brasileira em curso, e constitui uma arma poderosa na luta contra o poder militar e o imperialismo norte-americano.

Quanto à mulher brasileira, sua participação na guerra revolucionária, e em particular na guerrilha urbana, tem se caracterizado por combatividade e tenacidade inexcedíveis, e não é por acaso que tantas mulheres têm sido acusadas de participação em ações de guerrilheiras contra bancos, pedreiras, quartéis, etc., encontrando-se muitas delas no cárcere, enquanto outras são procuradas pela polícia.

Como escola de seleção do guerrilheiro, a guerrilha urbana prepara e põe no mesmo nível de responsabilidade e eficiência os homens e mulheres que correm os mesmos perigos, combatendo, juntando suprimentos, servindo como mensageiros ou correios, como motoristas, embarcações ou pilotos de avião, obtendo informações secretas, ajudando na propaganda e na tarefa de doutrinar.

FIM

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE AS GUERRILHAS NO BRASIL

*Outubro de 1967**

Com este trabalho queremos homenagear a memória do Comandante Che Guevara, cujo exemplo de Guerrilheiro Heroico perdurará pelos tempos e frutificará em toda a América Latina.

A luta de guerrilhas, através da história, sempre foi um instrumento de libertação dos povos e a experiência provou, inúmeras vezes, quão importante é e que valor tem na mão dos explorados.

Além desta inapreciável importância, a guerrilha assumiu, nos dias de hoje, uma nova dimensão, ao lhe ser atribuído o papel estratégico decisivo na libertação dos povos. Quer dizer, a guerrilha incorporou-se definitivamente à vida dos povos como a própria estratégia de sua libertação, o caminho fundamental, e mesmo único, para expulsar o imperialismo e destruir as oligarquias, levando as massas ao poder.

Tal formulação do problema, como seja o do papel estratégico da guerrilha, não surgiu casualmente e sim porque a revolução cubana o introduziu no cenário da história.

Até então a experiência das revoluções de caráter marxista-leninista assentara suas bases na transformação da guerra anti-imperialista mundial em guerra civil pela tomada do poder. Esta situação, com suas indispensáveis variantes, assinalou o desenvolvimento da história dos povos pelo menos durante quatro décadas, a partir do triunfo da Grande Revolução Socialista de Outubro.

* Artigo de Carlos Marighella publicado no Jornal do Brasil na edição de 5 de setembro de 1968. Revisado a partir da versão do original mimeografado disponível no Arquivo BNM. O artigo foi escrito em 10 de outubro de 1967, em Cuba, sendo parte das "Cartas de Havana", logo após a captura e assassinato do Comandante Che Guevara, entre os dias 8 e 9 de outubro desse mesmo ano, na Bolívia.

A revolução cubana, como parte integrante da revolução socialista mundial, trouxe ao marxismo-leninismo um novo conceito: o da possibilidade de conquistar o poder através da guerra de guerrilhas, e expulsar o imperialismo quando não há guerra mundial e não se pode, portanto, transformá-la em guerra civil.

Esta contribuição teórica e prática da revolução cubana ao marxismo-leninismo elevou a um plano inteiramente novo a guerrilha, colocando-a na ordem do dia por toda parte, em especial na América Latina.

No Brasil este assunto é da maior atualidade e, por isso, apesar da vigilância e da repressão da ditadura militar que massacra nosso povo, em todo o país aumenta o interesse sobre a guerrilha e são discutidos os temas mais importantes. Que há de fundamental e ao mesmo tempo de mais elementar nas guerrilhas no Brasil? Quais os problemas que nos chamam a atenção?

É uma visão geral desses problemas o que pretendemos apresentar a seguir, tomando como apoio a incipiente experiência brasileira sobre guerrilhas.

ANIQUILAR AS FORÇAS DO INIMIGO: TAREFA FUNDAMENTAL DA GUERRILHA

O Brasil é um país de quase 90 milhões de habitantes, dispondo de uma imensa extensão territorial. Em área contínua, no mundo, só é superado pela União Soviética, a China e o Canadá.

As condições histórico-sociais e geográficas favorecem no Brasil – tal como aconteceu com a URSS e a China – o desencadeamento da revolução e sua vitória.

Em nossa maneira de pensar, a revolução no Brasil é a guerra revolucionária, em cujo centro se encontra a luta de guerrilhas.

A tarefa estratégica fundamental da guerrilha brasileira é a libertação do Brasil, com a expulsão do imperialismo dos Estados Unidos. Falando em termos de guerra, essa tarefa es-

tratégica fundamental consiste em aniquilar as forças do inimigo, compreendendo-se como tal não só as forças militares do imperialismo dos Estados Unidos, como as forças militares convencionais dos “gorilas” brasileiros.

“Aniquilar” quer dizer tirar ao inimigo a capacidade de agir militarmente, destruindo e capturando suas armas e impossibilitando-o de prosseguir na guerra de manobras.

Quando se trata das forças militares dos “gorilas” brasileiros, “aniquilar” também quer dizer desgastá-las, esgotá-las, desmoralizá-las e separá-las, no final, das forças militares dos Estados Unidos, deixando os imperialistas sozinhos e as reacionárias forças armadas nacionais completamente destruídas. Sempre que os Estados Unidos estiverem acompanhados de forças militares “gorilas” de países latino-americanos, é necessário “aniquilar” o inimigo um a um e deixar os imperialistas combatendo isolados. Será este sempre o sentido em que empregamos o termo “aniquilar”.

A ESTRATÉGIA GLOBAL DA GUERRILHA

O imperialismo norte-americano adota uma estratégia global contra os povos e aplicará tal estratégia contra a guerrilha brasileira, que será combatida pelas forças militares dos Estados Unidos e seus títeres latino-americanos.

Responderemos com a mesma moeda, combatendo o imperialismo e sua estratégia global com uma estratégia global latino-americana.

A estratégia global da guerrilha, no Brasil, baseia-se no internacionalismo proletário dos revolucionários brasileiros e no seu elevado espírito de solidariedade aos povos que lutam de armas na mão.

Em consequência desse internacionalismo, um dos objetivos da estratégia global de nossa guerrilha é lutar para tornar efetiva a palavra de ordem de “criar dois, três... muitos Vietnãs”.

Outro objetivo de nossa estratégia global é concretizar a solidariedade a Cuba através da luta armada em nosso país. A revolução cubana e Cuba socialista são vanguardas da revolução latino-americana, constituem nossos aliados fundamen-

tais e nosso mais firme ponto de apoio em virtude de sua luta contra o imperialismo norte-americano. Para nós, é uma questão de princípio estar a favor da revolução cubana e encaminhar a guerrilha brasileira por uma estratégia global, capaz de criar obstáculos ao bloqueio e à posição agressiva dos Estados Unidos contra Cuba.

Nossa guerrilha visa, fundamentalmente, à conflagração em toda a América Latina. Quer dizer, trata-se de entrelaçar as guerrilhas dos países limítrofes, e de que os revolucionários dos países em luta se apoiem uns nos outros para o aniquilamento dos “gorilas” latino-americanos.

O imperialismo dos Estados Unidos, nosso inimigo comum, deverá ficar reduzido à situação de ver seus aliados destruídos e ter que lutar sem eles contra todos os povos latino-americanos.

A OFENSIVA ESTRATÉGICA COMO PRINCIPAL MÉTODO DE CONDUÇÃO DA GUERRILHA NO BRASIL

Nos países que estão em guerra regular com o inimigo e onde ocorrem guerrilhas, estas desempenham um papel de complemento da guerra regular em curso. Temos dois exemplos clássicos desse tipo, na Segunda Guerra Mundial, com os casos da URSS e da China.

Este não é o caso do Brasil atual, onde a guerra de guerrilhas não desempenha o papel de complemento de uma guerra regular, que não existe, não é para se desincumbir de uma missão tática, e sim para cumprir uma função estratégica.

O problema do Brasil é que as forças populares e revolucionárias sofreram uma derrota com o golpe de abril de 1964 e bateram em retirada com pesadas perdas.

Para livrar-se da ditadura e do imperialismo e de suas forças armadas de repressão, as forças populares e revolucionárias têm que sair da defensiva e passar à luta de guerrilhas, enfrentando o inimigo. Nesse caso, o principal método de condução da luta armada é a ofensiva estratégica.

O Brasil é um país de área continental e, por conseguinte, apropriado para a ofensiva estratégica da guerrilha, que precisa de espaço para mover-se.

A guerrilha brasileira tem que estar educada para operações móveis, desde as mais elementares até as mais complexas, pois uma guerra revolucionária prolongada no Brasil será uma guerra de movimento.

A ofensiva estratégica, como método principal de conduzir a luta armada, proporciona o máximo de iniciativa à guerrilha e uma liberdade de movimentos que não é permitida ao inimigo, lançado aos azares de uma perseguição interminável, em áreas rurais tremendamente hostis e desconhecidas.

Além disso, a diversidade de territórios e a variedade de ocupações da numerosa população do país possibilitam à guerrilha dispor de reservas estratégicas tais como: recursos em potencial humano amplamente reforçados pelos contingentes de operários e camponeses, recursos provindos das atividades dos trabalhadores rurais e recursos oriundos do potencial econômico das áreas urbanas.

Contando com tais reservas estratégicas e pugnando por objetivos políticos patrióticos, como a expulsão do imperialismo e a tomada do poder para a total libertação do país e sua radical transformação, a guerrilha brasileira tem na ofensiva estratégica um método invencível de condução da guerra revolucionária.

EVITAR O CERCO ESTRATÉGICO DO INIMIGO

Devido às condições históricas brasileiras, a concentração da superestrutura das classes dominantes e de suas forças repressivas se verifica na extensa faixa à margem do Atlântico, a região mais bem povoada do Brasil, de maior penetração do capitalismo, servida por modernas ferrovias e rodovias.

Esta é a região do cerco estratégico. Tal cerco ocorre por diversos fatores, dentre os quais destacamos os dois seguintes:

1. o inimigo tem suas tropas acampadas em toda a região litorânea, onde proliferam as relações capitalistas, com inumeráveis facilidades para comunicações e transportes, além dos recursos da técnica moderna;

2. o inimigo domina com suas forças militares o relevo norte-sul, bem como o mais importante sistema orográfico do país, projetado sobre o Atlântico, e erguido dentro da faixa litorânea, entre os maiores centros urbanos brasileiros.

A guerrilha brasileira deve evitar o confronto com a esmagadora superioridade do inimigo na faixa Atlântica, onde este tem suas forças concentradas. Se optar por esta solução, a guerrilha, mesmo que disponha de meios para instalar-se no sistema orográfico existente dentro da área inimiga, estará por sua própria iniciativa dentro das condições de um cerco estratégico.

Ao contrário, lançar a luta guerrilheira na área fora das condições do cerco é iniciar o caminho da ofensiva estratégica contra o inimigo, obrigando-o a deslocar-se da faixa litorânea para perseguir a guerrilha.

Tal situação permitirá o crescimento da ação das forças revolucionárias urbanas, que poderão cortar vias de abastecimento e comunicações, dificultar o transporte de tropas e intensificar o apoio logístico à guerrilha.

Assim, as consequências para as forças armadas convencionais serão desastrosas, não só por terem de combater fora do seu "habitat" natural, como porque se verão obrigadas a enfrentar o castigo das forças urbanas revolucionárias na retaguarda.

AS FASES FUNDAMENTAIS DA LUTA DE GUERRILHAS

A luta de guerrilhas não se desenvolve jamais de um só jato, isto é, desde quando se inicia até quando termina, com a vitória ou o fracasso. Pensar que isto pudesse ser assim significaria considerar a guerrilha como uma luta improvisada e arbitrária e não como uma luta de classes que se desenvolve segundo as leis da guerra.

Ainda que seja um prolongamento da política, a guerra tem suas leis específicas. Quando estamos em guerra, devemos saber que sua lei básica é a preservação de nossas próprias forças e o aniquilamento das forças do inimigo.

Nenhuma destas duas coisas pode se obter de uma só vez, e é obrigatoriamente necessário passar por um certo número de fases para atingir os objetivos previstos.

É por isso que o desenvolvimento da luta guerrilheira se processa por meio de fases distintas e bem características, interdependentes e relacionadas entre si.

Não se trata de fases determinadas arbitrariamente, mas presididas por leis inerentes à atividade consciente dos homens e das classes em luta. Essas leis têm traços comuns. O traço comum fundamental de qualquer delas consiste em sua subordinação total à lei básica da guerra: preservar nossas próprias forças e aniquilar as do inimigo.

Mas cada fase tem seus objetivos e suas particularidades e deve conter em si mesma os elementos e requisitos indispensáveis para a passagem à fase posterior.

Assim, na luta guerrilheira no Brasil distinguem-se três fases fundamentais.

A primeira é a do planejamento e preparação da guerrilha. A segunda é a do lançamento e sobrevivência da guerrilha. A terceira é a do crescimento da guerrilha e sua transformação em guerra de manobras.

O tempo de duração de todas ou de cada uma dessas fases não importa, como ensina a história, pois os povos que lutam pela libertação jamais se preocupam com o tempo de duração de sua luta.

PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DA GUERRILHA

Um dos requisitos básicos para a primeira fase da guerrilha é a existência de um pequeno núcleo de combatentes, surgido em condições histórico-sociais determinadas. Esse requisito constitui uma regra geral. Sua única exceção é em caso de guerra regular, quando a guerrilha preenche um papel tático, e o seu surgimento se dá por variadas maneiras.

O núcleo inicial de combatentes deve ser imune ao convencionalismo dos partidos políticos de esquerda tradicional e suas lideranças oportunistas, e ter condições para enfrentar e conduzir a luta ideológica e política contra o grupo de direita oposto ao caminho armado.

A luta ideológica deve ser levada ao conhecimento do povo com enorme audácia, confiança e amplitude, tendo em vista assegurar o apoio político e revolucionário das massas.

Deve ser exposto às massas com muita clareza o objetivo político da guerrilha, ou seja, a expulsão do imperialismo dos Estados Unidos e a destruição total da ditadura e suas forças militares, para, em consequência, estabelecer-se o poder do povo.

Não se deve, entretanto, empreender a guerrilha sem um plano estratégico e tático global, com base na realidade objetiva. Tal plano é necessário para que a guerrilha não venha a ser uma iniciativa isolada, desligada dos grandes objetivos patrióticos perseguidos por nosso povo, e sem a imprescindível visão do processo de aniquilamento das forças do inimigo.

Além do plano, a guerrilha requer preparação. Uma boa preparação começa com a seleção cuidadosa dos homens, que devem advir, isto é chegar depois, particularmente, do setor de operários e camponeses.

A preparação da guerrilha exige ainda o adestramento do combatente, sobretudo para o tiro e a marcha a pé, algumas armas e munições, a exploração do terreno, noções de sobrevivência e orientação, e a organização inicial de apoio logístico, incluindo a coleta de recursos de todos os tipos.

O que caracteriza o planejamento e a preparação da guerrilha é o segredo, a vigilância e a segurança mais absoluta, a proibição rigorosa do uso de papéis e cadernetas com nomes e endereços escritos, planos e apontamentos que podem vir a cair nas mãos do inimigo.

Sem esses cuidados, a primeira fase da guerrilha não tem condições de ir adiante.

LANÇAMENTO E SOBREVIVÊNCIA DA GUERRILHA

Apesar de que o inimigo no Brasil já está prevenido e reprime violentamente as tentativas de guerrilha, a primeira fase da luta guerrilheira ainda prossegue.

Quanto à segunda fase, está é a do lançamento e sobrevivência da guerrilha, e se destina a converter uma situação política em situação militar.

Com esta segunda fase, as tarefas políticas convencionais propostas pelos direitistas, como sejam eleições, "frente am-

pla”, luta pacífica, etc., caem no descrédito público. Surgem métodos de luta revolucionários e de apoio à guerrilha, com a finalidade de aniquilar as forças do inimigo.

Esta mudança é muito violenta e produz um impacto em todos os setores da luta.

Os “gorilas” se defrontarão com uma situação militar, que procurarão resolver segundo os métodos convencionais do militarismo profissional. Estes métodos serão confrontados com os métodos não convencionais da guerrilha. A vitória será de quem melhor o emprego fizer da lei básica da guerra. Ou de quem tenha melhores condições no meio do povo para fazê-lo. A vitória será da guerrilha.

O lançamento da guerrilha deve constituir obrigatoriamente uma surpresa para o inimigo, como decorrência de dois fatores. Um deles é que, na segunda fase da luta de guerrilhas no Brasil, a forma principal das ações de combate consiste nas ações de surpresa e na emboscada. O outro é que o método principal de condição da luta de guerrilhas nesta fase reside na ofensiva, cujo papel decisivo se revela no aniquilamento das forças do inimigo.

Em matéria de formas de ação de combate e métodos de conduzir a luta armada, a derrota da guerrilha no ato de seu lançamento é produzida pelos seguintes erros:

- a) não utilizar a surpresa contra o inimigo;
- b) deixar-se surpreender pelo inimigo ou cair no seu cerco tático;
- c) travar combates decisivos em pontos onde o inimigo, mesmo eventualmente, tenha superioridade;
- d) começar a luta nas condições do cerco estratégico do inimigo e não ter plano estratégico e tático global, não conhecer o terreno e violar grosseiramente as leis da guerra.

Na maioria desses casos estão incursas as tentativas de guerrilhas fracassadas no Brasil, incluindo Caparáó.

FATORES DE QUE DEPENDE A SOBREVIVÊNCIA

Quando a guerrilha é lançada com êxito, o problema da sua sobrevivência passa a ter prioridade e uma importância fundamental e decisiva. A sobrevivência da guerrilha depende então:

- a) dos seus objetivos políticos;
- b) do método de condução da luta armada;
- c) da estreita relação entre a guerrilha e o povo.

QUANTO AOS OBJETIVOS POLÍTICOS

Nesse particular, os princípios são os seguintes:

- a) procurar despertar o povo e particularmente os camponeses com a contínua presença dos combatentes guerrilheiros e a repercussão de sua ação política e revolucionária;
- b) tornar conhecido do povo o objetivo político da guerrilha (a expulsão do imperialismo dos Estados Unidos e a destruição total da ditadura e suas forças “gorilas”). A guerrilha deve contar para isso com aparelhamento e organizações revolucionárias clandestinas, além de pontos de apoio em todo país.

QUANTO AOS MÉTODOS DE CONDUÇÃO DA LUTA ARMADA

Sob tal aspecto, são estes os princípios:

- a) o princípio básico da guerrilha é partir de uma situação em que temos inferioridade e o nosso inimigo superioridade, e chegar a uma situação em que temos superioridade e o nosso inimigo inferioridade. Nesse caso não só as armas decidem. O fator decisivo mesmo é o homem, que maneja as armas e captura o inimigo. Se o decisivo fossem as armas, venceriam os “gorilas”;
- b) subordinar todas as ações de combate à lei básica da guerra, não se deixando aniquilar e aniquilando o inimigo nas variadas oportunidades, para crescer às suas custas e preservar as forças da guerrilha;
- c) a ofensiva é o melhor meio de aniquilar o inimigo, porém jamais devemos esquecer o princípio de combinar a ofensiva e a retirada;
- d) toda operação estratégica deve ser bem planejada para nunca nos determos a meio caminho;
- e) o objetivo de nossa estratégia não é solucionar problemas econômicos no curso da guerra de guerrilhas, e sim ani-

quilar o inimigo. Daí por que jamais devemos ter bases fixas, ocupar ou defender territórios;

f) devemos deixar ao inimigo a tarefa de defender suas bases fixas e territórios ameaçados de incursão, ocupá-los ou recuperá-los. Isto põe o inimigo na defensiva, enquanto a guerrilha goza de liberdade de ação e iniciativa, desde que não se deixe aniquilar e preserve suas forças;

g) os combates, ações de surpresa, emboscadas e pequenas manobras táticas têm como objetivo principal capturar armas e munições;

h) além da extrema mobilidade, rapidez e decisão nas ações de combate, a norma de conduta da guerrilha é o permanente deslocamento, favorecido pela extensão continental do país e a diversidade das condições do terreno;

i) a guerrilha deve exercer severa vigilância e exigir rigoroso cumprimento das normas de segurança.

QUANTO ÀS RELAÇÕES ENTRE A GUERRILHA E O POVO

Os princípios da sobrevivência aqui são os seguintes:

a) a guerrilha deve ter uma conduta honesta e leal, não fazer injustiças e dizer a verdade. Estimar, respeitar, ajudar o povo e jamais violentar os seus interesses;

b) a guerrilha deve viver e nutrir-se no meio dos camponeses, identificando-se com eles e respeitando seus costumes e religião. Explicar-lhes a natureza de classe do inimigo, o papel da guerrilha e o seu objetivo político. Organizar entre eles o trabalho de informação e o apoio logístico da guerrilha;

c) a guerrilha deve abster-se de aplicar qualquer método de banditismo, levar a efeito qualquer ato próprio de bandido ou juntar-se a eles.

Quando a segunda fase da guerrilha é conduzida de tal modo que os erros são corrigidos no processo da luta, a estagnação e a passividade são abolidas e a sobrevivência da guerrilha fica assegurada; estão preenchidas as condições para a passagem à terceira fase.

O CRESCIMENTO DA GUERRILHA E SUA TRANSFORMAÇÃO EM GUERRA DE MANOBRAS

A terceira fase da guerrilha é a última da guerra revolucionária.

É a fase do crescimento da guerrilha e sua transformação em guerra de manobras, a fase decisiva de aniquilamento do inimigo.

O desenvolvimento desta fase é impossível sem uma série de condições entre as quais se destacam:

- a) o crescimento político da guerrilha;
- b) o crescimento de sua potência de fogo;
- c) o aparecimento da retaguarda;
- d) a criação do exército revolucionário;
- e) a mudança na forma principal das ações de combate.

O CRESCIMENTO POLÍTICO DA GUERRILHA

Na terceira fase, o objetivo político da guerrilha passa a ser conhecido do povo, terminando a situação em que era conhecido apenas um círculo limitado de pessoas.

O objetivo político da guerrilha transforma-se, então, no mesmo objetivo de grandes massas do povo. Decorre daí o crescimento da autoridade política do comando da guerrilha. Seu trabalho ideológico se torna mais eficiente. As palavras de ordem da guerrilha passam a influir nas cidades. O comando total da luta se transfere para a guerrilha.

O CRESCIMENTO DA POTÊNCIA DE FOGO DA GUERRILHA

Com o sucesso das formas de ações de combate da segunda fase, a guerrilha passa a ter novos tipos de armas. Melhora a qualidade do armamento. Pode dispor de mais animais de transporte, chegar à motorização e a operações com aviação.

Melhora o serviço de comunicações e informações e de socorro médico. Consolida-se a rádio rebelde clandestina, cuja instalação pode fazer parte da fase anterior da luta. Aumenta a experiência da guerrilha. Seu heroísmo, perseverança e capacidade combativa se reforçam.

Todos estes fatores combinados determinam o aumento da potência de fogo da guerrilha.

Quando aumenta sua potência de fogo, a guerrilha deve aplicar os dois princípios seguintes, tendo em mira o aniquilamento do inimigo:

1. Passar de uma situação sem muita capacidade de fogo para a situação de estender a linha de fogo.

2. Aumentar o espírito combativo da guerrilha e fazer vacilar o espírito combativo do inimigo.

O APARECIMENTO DA RETAGUARDA

A característica da guerrilha em suas duas fases anteriores é operar sem retaguarda e somente com pontos de apoio. O crescimento político da guerrilha lhe dá pontos de apoio coletivos e leva à criação de uma retaguarda.

Na fase final, a guerrilha brasileira dispõe de uma retaguarda interna e de uma retaguarda externa, esta última pelas forças dos países socialistas, as forças dos países do Terceiro Mundo e as forças progressistas do mundo capitalista.

A retaguarda interna da guerrilha brasileira será constituída por toda a área do apoio logístico e da luta complementar da guerrilha.

A guerrilha passará, assim, de uma situação sem retaguarda para uma situação em que terá retaguarda. Isto levará o apoio logístico a um avanço jamais atingido em qualquer fase anterior e, graças ao apoio do povo, o abastecimento da guerrilha se transformará num sistema regular de abastecimento.

Dispondo de retaguarda, a guerrilha terá em suas mãos reservas estratégicas que poderá, então, manejar em larga escala.

A CRIAÇÃO DO EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO

Para que seja atingido o objetivo fundamental da guerrilha, é necessário criar o exército de origem guerrilheira, exército revolucionário capaz de aniquilar as forças armadas convencionais e de conduzir as massas à tomada do poder, destruindo o aparelho burocrático-militar do atual Estado brasileiro e substituindo-o pelo povo armado.

A criação de um exército dessa natureza é um princípio geral da revolução, princípio sobre o qual Lenin insistia, ao afirmar o seguinte: “O exército revolucionário corresponde a uma necessidade porque os grandes problemas históricos só podem resolver-se pela força, e a organização da força é, na luta moderna, a organização militar.” (Artigo publicado no *Proletari*, em 1905, sob o título “Exército Revolucionário e o Governo Revolucionário”).

No mesmo artigo, Lenin acrescenta: “O governo revolucionário é necessário para assegurar a direção política das massas do povo”.

Partindo do marco zero, a guerrilha possibilita a organização da força do povo, a princípio sob a forma de um pequeno núcleo de combatentes que se lança à luta, dentro de um plano estratégico e tático global. E, em seguida, sob a forma de um exército combatente, que nada tem a ver com o convencionalismo militar.

Uma das indispensáveis tarefas da estratégia da guerrilha no Brasil é a criação desse exército genuinamente popular, que parte do nada e, através da guerra revolucionária, chega a uma organização militar capaz de praticar a guerra de manobras, vencer o inimigo, e, em consequência, conquistar o poder para o povo.

O crescimento da guerrilha em prestígio político, potência de fogo e apoio de massas produz modificações no curso da luta, atingindo a organização militar, os métodos de conduzir a guerra, as ações de combate e o emprego das forças da guerrilha.

A guerrilha dá um salto para a frente. E passa do tipo de organização de grupos guerrilheiros para o tipo de organização de um exército revolucionário. Mas um exército revolucionário não convencional, surgido da guerrilha, com base na

aliança armada de operários e camponeses, aos quais se reunirão estudantes, intelectuais e outras forças da revolução brasileira.

Destacamentos, coluna e outras formas revolucionárias de organização militar constituirão o exército do povo que libertará o país.

A MUDANÇA DA FORMA PRINCIPAL DAS AÇÕES DE COMBATE

Na terceira fase da guerrilha, a forma principal das ações de combate são as ações de manobras e não mais as ações de surpresa da segunda fase.

Isto significa uma mudança de qualidade na luta de guerrilhas. Trata-se agora da transformação da guerrilha em guerra de manobras. É possível agora à guerrilha concentrar forças ou deslocá-las para aniquilar o inimigo e realizar operações de cerco e aniquilamento.

O método principal de conduzir a guerra de manobras continua sendo a ofensiva. Mais do que nunca, porém, nesta fase a guerrilha deve estar atenta a dois princípios:

1. Não somente avançar, mas também admitir a retirada.
2. Não expor as forças principais da guerrilha a um golpe inimigo de relevo na condução da luta ou no desfecho da guerra revolucionária.

A sorte da guerra se decide por suas ações de manobras. O inimigo, em inferioridade de forças, é obrigado a passar para a guerra de posições ou render-se e desintegrar-se, com o aniquilamento total.

O NÚCLEO OPERÁRIO-CAMPONÊS E O APOIO DO POVO – SEGREDO DA VITÓRIA

Quando se desencadeou o golpe de abril de 64 no Brasil, não houve resistência. O imperialismo norte-americano e os “gorilas” nacionais se aproveitaram disso e estão massacrando o nosso povo. Se fizermos a resistência, eles tentarão

aniquilá-la, para que tenha prosseguimento a exploração do Brasil. Mas a resistência deve ser feita. A resistência do povo brasileiro é a guerrilha.

A guerrilha é para defender a causa dos pobres, dos humilhados e ofendidos, dos homens e mulheres de pés descalços. É para conquistar a libertação do Brasil, expulsar o imperialismo norte-americano, aniquilar a ditadura e suas forças armadas, derrubar seu poder, e instaurar o poder do povo.

Nossa guerrilha não tem base fixa. Sua base é o povo, é o homem brasileiro. Seu principal sustentáculo é o núcleo operário-camponês, a aliança armada de operários e camponeses brasileiros, que constituem a maioria da nação.

A guerrilha brasileira não ocupará terras nem adotará a tática de autodefesa dos camponeses, para não ter que defender territórios e bases fixas e desviar-se de sua rota de ofensiva estratégica, caindo na defensiva. A defensiva é a morte.

As dívidas dos camponeses serão canceladas. Os papéis e comprovantes de suas dívidas serão queimados. Os camponeses que ocupam terras, os arrendatários, os parceiros, posseiros que lutam contra os despejos, os assalariados agrícolas que queimam canaviais, os trabalhadores rurais que fazem greve no campo, lutam por suas reivindicações e são perseguidos pela polícia e o exército, por sua atividade organizando sindicatos, ligas camponesas e associações, podem ingressar na guerrilha e, dentro dela, prosseguir na luta pela revolução agrária, pelo aniquilamento do inimigo e a tomada do poder.

A guerrilha brasileira castigará os latifundiários norte-americanos que são donos de terra no Brasil e os latifundiários brasileiros contrarrevolucionários, bem como os seus capangas e os que abusam das mulheres dos camponeses.

O que a guerrilha deve fazer é convulsionar o campo, levando aí a bandeira da luta armada.

A guerrilha brasileira incursionará nos povoados, mas só em defesa dos interesses do povo e em busca de seu apoio político e logístico. Para isso, formará secretos destacamentos armados da população local e organizará o povo sob formas revolucionárias.

A guerrilha brasileira será dotada de um espírito político avançado e progressista, guiando-se pelos princípios do marxismo-leninismo, com o que conquistará o apoio do povo. O apoio da população deve existir para excluir a possibilidade de filtração de informação da guerrilha ao campo inimigo. A tarefa de eliminar os delatores será confiada ao povo.

A causa do inimigo é injusta. E ele sabe disso, pois tem consciência de que é um explorador. Ao ver-se acuado no campo pela guerrilha, o inimigo tornar-se-á mais cruel. Essa crueldade nos dará o apoio de milhões de pessoas. A guerrilha será o oposto da crueldade, dará um tratamento humano aos prisioneiros, os respeitará e socorrerá os feridos.

No seio do inimigo há muitos militares que individualmente apoiam o povo. Esses militares, no momento oportuno, devem desertar com suas armas e apetrechos e ingressar na guerrilha. O fator decisivo da vitória da guerrilha está no apoio do povo, na confiança cega e absoluta nas massas. A guerrilha deve fazer a mobilização política do povo, uma ardente agitação no meio dele. Nos ombros de milhões de mulheres e homens do povo, particularmente entre a juventude, devem ser colocadas as tarefas de responsabilidade: coletar fundos, conseguir armas, munições, remédios, recursos de toda natureza, enviar combatentes e voluntários à guerrilha.

Para vencer é preciso unidade. O povo deve unir-se pela base, em suas organizações, e com isto chegar à unidade das forças populares e revolucionárias e jamais permitir o engodo das frentes burguesas do tipo "frente ampla".

O segredo da vitória é o povo.

QUESTÕES DE ORGANIZAÇÃO – CARACTERÍSTICAS DE NOSSA ATUAL ESTRUTURA

*Dezembro de 1968**

Nossa organização foi constituída para levar à prática uma linha revolucionária que tem como estratégia a guerrilha. Os princípios de tal organização não se confundem com os das organizações políticas de esquerda tradicionais no Brasil, cujo funcionamento se dá à base de reuniões para elaborar documentos, e vez por outra controlar tarefas mais ou menos burocráticas, ditadas pela cúpula, e que nunca se realizam.

O funcionamento de nossa organização, pelo contrário, é de baixo para cima, e se faz à base do desencadeamento da ação e da luta revolucionária, dando ênfase à iniciativa tomada pelos grupos que constituem nossas bases.

O pequeno núcleo inicial de combatentes que se lançou à ação e constituiu nossa organização revolucionária, partiu de princípios revolucionários opostos aos princípios oportunistas de organização.

Daí porque desde o primeiro momento se orientou para a construção de uma infraestrutura que permitisse a ação, em vez de preocupar-se com a construção de uma estrutura orgânica e hierárquica, originária de reunião de delegados ou da convocação de antigos órgãos dirigentes convencionais.

* Versão completa do texto original publicado em dezembro de 1968 e assinado por Carlos Marighella. O texto foi dividido e duas versões foram publicadas, uma versão simplificada como “Questões de Organização” em dezembro de 1968, e depois, outra versão com a parte retirada foi publicada com o título “Características de nossa atual estrutura”, em abril de 1969. Publicamos aqui, portanto, a versão inédita e completa do texto, revisada a partir dos originais, mantendo os dois títulos e usando como fontes todas as versões disponíveis no Arquivo BNM e Arquivo Nacional para efeito de comparação e o máximo de fidelidade histórica.

ESTRUTURA INICIAL DE NOSSA ORGANIZAÇÃO

Dadas essas premissas, nossa organização – ao surgir – contava com um setor estratégico e tático dedicado a realizar o trabalho secreto na área estratégica das operações de guerrilha e a iniciar a montagem clandestina de um centro de aperfeiçoamento guerrilheiro. Este setor de nossa organização tem um caráter móvel, pois, pelo papel que desempenha, funciona de acordo com os interesses estratégicos e táticos imediatos da guerrilha e está sujeita a operações complexas de deslocamento.

Nossa organização ficou constituída desse setor e de grupos revolucionários locais classificados em dois tipos: I) grupos provenientes da transformação de nossos antigos órgãos convencionais em grupos revolucionários; II) grupos não convencionais, desvinculados de compromissos partidários que optaram por nossos princípios e vieram reforçar nossas fileiras.

Simultaneamente, em vários pontos do país, pequenas organizações revolucionárias com vida própria, alguns setores de atividades revolucionárias, incluindo eclesiásticos e revolucionários independentes decidiram integrar nossa organização. Articulando os grupos existentes, surgiu a antiga coordenação urbana.

A IMPORTÂNCIA DO APERFEIÇOAMENTO DESSES QUADROS

Nosso conceito de organização não é estático, nem dogmático, pois não existe – segundo ensina a teoria marxista-leninista – nenhuma organização abstrata. A organização está sempre a serviço de uma linha política. A nosso ver, qualquer mudança de qualidade do movimento revolucionário determina mudanças de qualidade na organização revolucionária.

Com o avanço do movimento revolucionário foram sendo introduzidas mudanças na organização revolucionária. Por sua vez, certas mudanças no quadro da organização revolucionária influíram no avanço do movimento.

Em nossa organização produziu-se uma mudança, quando o centro de aperfeiçoamento guerrilheiro começou a dar os primeiros frutos, fornecendo alguns quadros para tarefas estratégicas e táticas, e para o reforçamento da atividade local. Nossa preocupação em dar prioridade ao centro de aperfeiçoamento e em selecionar melhor o pessoal que dele se beneficia produzirá mais adiante resultados compensadores. Tais resultados serão capazes de provocar nova mudança de qualidade na nossa organização revolucionária e no conteúdo e forma das operações e táticas guerrilheiras, bem como na atividade local.

O SURGIMENTO DE UNIDADES MÓVEIS

Outra mudança em nossa organização foi determinada pelo surgimento de unidades móveis, com o grupo de trabalho estratégico e o grupo tático armado.

O grupo de trabalho estratégico e o grupo tático armado desenvolveram atividades essenciais, independentemente um do outro, estabelecendo-se entre eles apenas um elo de ligação. O grupo tático armado foi um grande apoio do trabalho estratégico, e assinalou em nossa organização a passagem de uma situação em que estávamos na estaca zero e não tínhamos potência de fogo para uma situação em que temos razoável potência de fogo.

O grupo tático armado foi, até quando cumpriu sua missão, o instrumento especial das operações de deslocamento, cuja efetivação sempre exige potência de fogo mais considerável, maior técnica e mais conhecimentos especializados.

Do grupo tático armado, cumprido seu papel, passamos às operações de deslocamentos, sob normas determinadas e controladas pelo comando estratégico.

O SURGIMENTO DAS TRÊS FRENTES URBANAS

Em 1968, surgiram no movimento revolucionário três frentes de atividades contra a ditadura: a frente guerrilheira urbana, a frente urbana de massas e a rede de sustentação.

Dada, porém, a peculiaridade de que o movimento revolucionário se desenvolve desigualmente no território nacional, resultou que, em alguns pontos importantes do país, uma ou outra dessas frentes deixasse de manifestar-se ou que uma predominasse em prejuízo das demais.

Nosso próximo objetivo é fazer que as três frentes surjam em todo o país e que da conjugação delas três resulte na intensificação da guerrilha urbana.

A FRENTE GUERRILHEIRA URBANA

A frente guerrilheira urbana caracterizou-se pela captura de armas e explosivos, pelos atos terroristas revolucionários, pela sabotagem, pelas ações armadas de todos os tipos, pela ação anti-imperialista, pelo volume da agitação através dos grupos armados que pintaram muros e distribuíram volantes ou fizeram comícios-relâmpagos, pelo aparecimento da imprensa clandestina de combate à ditadura. A frente guerrilheira urbana surge como resultado da criação de uma infraestrutura, apoiada na fabricação e produção de armas e artefatos caseiros de destruição, é um dos fatores decisivos na mudança de qualidade do movimento revolucionário e de sua organização. Uma frente guerrilheira urbana que cresce incessantemente deve ir até à execução de uma política de terra arrasada, para pôr em sobressalto a ditadura e reter uma boa parte de suas forças de repressão, impedindo-as de perseguir a guerrilha.

Em qualquer ponto do país, é preciso contar com a existência da frente guerrilheira urbana e é nesse sentido que se devem voltar os esforços da organização revolucionária local.

A FRENTE URBANA DE MASSAS

A frente de massas – encabeçada pelo movimento estudantil – desempenhou um papel sem precedentes na luta antiditadura. Ocupações, passeatas, protestos, greves, a luta contra a censura, a prisão de policiais para a troca por prisio-

neiros políticos, constituíram formas de luta de massas de nível elevado. O prosseguimento da atividade dos grupos revolucionários locais entre os operários, os camponeses e as camadas exploradas da população significará um grande avanço na luta antiditadura. O papel dos estudantes e dos eclesiásticos foi notório, o que quer dizer que a classe média brasileira repudia a ditadura e constitui uma das forças mais combativas no atual processo revolucionário.

A frente urbana de massas exige a organização de grupos revolucionários nos locais de trabalho e de estudo, na cidade e na área rural. Ao lado disto, é preciso dar à frente de massas uma potência de fogo razoável. As ações do movimento de massas devem ser ações armadas, e uma infraestrutura idêntica à da frente guerrilheira urbana deve ser montada na frente urbana de massas. Mas é sobretudo nas fábricas, nos meios operários e entre as massas camponesas que devemos cuidar de erguer tal infraestrutura, dada a necessidade de radicalizar as greves e as lutas na área rural.

Não devemos confundir “frente de massas” com “trabalho de massas”. Frente de massas é frente de luta, é frente de ação de nível elevado indo até a ação armada. O trabalho de massas é o trabalho de penetração entre as massas operárias urbanas e faveladas ou das massas camponesas, através da conscientização dos meios culturais e da motivação reivindicatória. Os revolucionários não desprezam esses meios, mas não os confundem com a frente de massas.

A REDE URBANA DE SUSTENTAÇÃO

A rede urbana de sustentação é a grande frente logística de apoio da revolução brasileira e da guerrilha. Aí também são necessários os grupos revolucionários de sustentação, os pontos de apoio individuais e coletivos, na cidade e principalmente no campo.

Casas, endereços, esconderijos, sistema de comunicação, viaturas, equipamentos, recursos financeiros, mantimentos, informações, tais são os meios com que deve contar a rede urbana de sustentação, cuja formação merece o carinho especial dos revolucionários.

CARACTERÍSTICAS DE NOSSA ATUAL ESTRUTURA

Devido as mudanças e aos fatos novos ocorridos, a estrutura de nossa organização evoluiu da fase inicial, e na fase atual apresenta as seguintes características fundamentais:

I. Dispomos de um comando estratégico, ao qual estão afetados os problemas da guerrilha rural, o manejo das áreas estratégicas secretas, o trabalho de campo, o controle do centro de aperfeiçoamento técnico do combatente, a realização das operações de deslocamento e o estabelecimento de apoio estratégico.

II. Em cada grande área urbana importante para o nosso trabalho, dispomos de uma coordenação regional. A coordenação regional é responsável pela guerrilha urbana e, para desempenhar seu papel, cumpre os seguintes encargos: a) mantém em funcionamento uma infraestrutura de luta armada; b) cria uma potência de fogo adequada à guerrilha urbana; c) promove na área urbana sob seu comando o funcionamento a guerrilha urbana; d) dá impulso à frente de massas e a organização de sua cidade; e) organiza a rede urbana de sustentação; f) mantém a seu lado as coordenações locais e quaisquer outras como a estudantil, operária, etc., sempre que isto se tornar necessário para complementar a infraestrutura da luta armada e intensificar a guerrilha urbana.

Quem se liga com a coordenação regional diretamente é o comando estratégico, através de um elo de ligação.

III. Pequenas organizações ou grupos com vida própria e militantes revolucionários solitários ou franco-atiradores também integraram nossa organização, gozando de inteira liberdade da ação de liberdade tática, sob a condição de aceitarem, defenderem e cumprirem sem reservas todos os nossos princípios estratégicos, táticos e orgânicos.

IV. A espinha dorsal de nossa organização são os grupos revolucionários que se caracterizam por sua combatividade e iniciativa.

Os grupos revolucionários são constituídos de poucas pessoas, aproximando-se mais das características de minigrupos, estanques e compartimentados, para evitar que, em casos de imprevistos e prisões, as pistas de uns não venham a comprometer os outros.

Quando se tratam das ações complexas, envolvendo mais de um grupo, cabe à coordenação articular as operações. Seja qual for o grupo revolucionário, tem, entretanto, o direito de rejeitar quem quer que, em nome do comandamento ou de coordenação, tente tolher qualquer atividade revolucionária dos grupos, planejada de acordo com os princípios táticos de nossa organização.

V. Em nossa organização não existe uma cadeia de comandamento de natureza complexa, exatamente para não liquidar a simplicidade do funcionamento, a rapidez da ação, a mobilidade e a capacidade de iniciativa dos grupos. Também não existe entre nós qualquer tipo de assistência ou assistentes, como nas organizações tradicionais, repousando nossa organização na aplicação dos princípios com os quais estamos comprometidos e no desenvolvimento audacioso da capacidade de iniciativa dos revolucionários.

VI. A cúpula, em nossa organização e, em particular, qualquer coordenação ou comandamento é muito simples e sempre se compõe de número reduzido de companheiros que, para merecer confiança, devem destacar-se pelo desprendimento, pela participação nas ações mais arriscadas e responsáveis, pela capacidade de iniciativa, pela intransigência na defesa e aplicação concreta dos princípios revolucionários com os quais estamos comprometidos.

UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA E A ORIGEM DE SEU COMANDAMENTO

Com este tipo de organização revolucionária, estamos em face de uma experiência inédita no movimento revolucionário brasileiro. Subsistem, assim, problemas meio amadurecidos no que diz respeito ao funcionamento nacional e global de nossa organização, que só podem ser resolvidos depois de avançarmos mais na execução de operações e táticas guerrilheiras. Em qualquer circunstância, ainda que a autonomia e a liberdade de ação política e revolucionária sejam necessá-

rias e mesmo imprescindíveis ao funcionamento da organização local, o comandamento revolucionário – e por isso mesmo político-militar – não é espontâneo. Tal comandamento é decorrência direta da ação estratégica e tática móvel, de caráter global, bem como de sua potência de fogo, do seu maior volume, eficiência e capacidade técnica.

PORQUE NÃO ADOTAMOS UMA SIGLA GERAL

Um fato notório consiste em que até agora nossa organização não tem uma sigla. É que para nós uma organização revolucionária se afirma pela ação que desenvolve e não pela sigla que adota. Por outro lado, nossos grupos revolucionários e pequenas organizações com vida própria aderentes à nossa organização ficam livres para adotar a sigla que desejarem, sem a obrigação de submeterem-se uma sigla geral ou modificar suas siglas de origem.

Tão logo aumente o volume das ações revolucionárias que desenvolvemos e mude a qualidade do conteúdo das operações e táticas guerrilheiras, será indicado efetuarmos trocas de experiências e avaliarmos até que ponto atingiu nosso grau de crescimento.

Há ainda um longo caminho a percorrer antes que a revolução brasileira venha a ter um comando único, em face da dispersão das organizações em luta e da disparidade de seus objetivos.

Quanto a nós, somos uma organização que acredita na força do exemplo e busca cumprir seu dever revolucionário. E tanto mais nos empenhemos na ação, quanto mais e melhores condições teremos para atrair revolucionários decididos e dispostos a tudo.

NOSSOS PRINCÍPIOS DE ORGANIZAÇÃO

A) O princípio básico de nossa organização revolucionária é partir da guerrilha e, uma vez assentada tal premissa, fazer da organização um instrumento da linha política que segue esta estratégia;

B) Para ser revolucionária, uma organização deve exercer permanentemente a prática revolucionária, mas jamais deve deixar de ter sua conceituação estratégica, seus princípios ideológicos e de organização e sua disciplina própria;

C) A organização revolucionária não se torna vanguarda pelo fato de intitular-se como tal. Para isso precisa passar à ação e acumular uma prática revolucionária convincente, pois só a ação faz a vanguarda;

D) Nossa atividade principal não é a construção de um partido, mas desencadear a ação revolucionária;

E) O fundamental na organização revolucionária não é fazer reuniões improdutivas sobre temas gerais e burocráticos, mas, sim, dedicar-se sistematicamente a planejar e executar sob o seu comando até mesmo as menores ações revolucionárias;

F) O elemento propulsor decisivo para o funcionamento da organização revolucionária é a capacidade de iniciativa dos seus grupos revolucionários. Nenhum comando ou coordenação tem autoridade para impedir qualquer iniciativa dos grupos revolucionários visando a desencadear a ação revolucionária;

G) Não temos uma linha política e uma linha militar separadas, com a linha militar submetida à linha política. Nossa linha é uma linha revolucionária única, que contém em si como uma só coisa, a linha política e a linha militar fundidas;

H) A guerrilha não é braço armado de um partido ou de uma organização política, seja qual for. A guerrilha é o próprio comando político e militar da revolução;

I) O que determina o surgimento e a afirmação do comando político é a prática das ações revolucionárias, seu acerto e consequência, e a participação definitiva, constante, direta e pessoal dos integrantes do comando na execução dessas ações;

J) Não há comando político sem desprendimento e capacidade de sacrifício, e sem participação direta na ação revolucionária. O comando político não significa um mérito nem um reconhecimento pela importância e hierarquia na ocupação de cargos. Os cargos não têm valor, na organização revolucionária só há missões e tarefas a cumprir. O dever de todo revolucionário é fazer a revolução;

L) Não pedimos licença a ninguém para praticar atos revolucionários;

M) Só temos compromissos com a revolução;

N) O limite de nossa organização revolucionária vai até onde alcançam nossa influência e a nossa capacidade revolucionária;

O) Manter a mais estrita vigilância contra o inimigo de classe e em particular contra a polícia é o dever mais elementar da organização revolucionária. Delatores, espiões, deduzidos e informantes dentro de uma organização revolucionária devem ser punidos exemplarmente;

P) Nosso princípio básico em matéria de vigilância é que cada um só deve saber aquilo que diz respeito ao seu trabalho. Sem isto é impossível garantir o funcionamento clandestino da organização revolucionária.

A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA E A FRENTE UNIFICADA – OPERAÇÕES E TÁTICAS GUERRILHEIRAS

*Janeiro de 1969**

Nós não somos a única organização que luta no Brasil. Muitas outras organizações inscreveram a luta armada no seu programa. Mas, alguma coisa de concreto surgiu quando nós decidimos empregar a tática de pequenos grupos armados. Ao contrário de muitos outros países, a luta revolucionária de armas na mão, não surgiu no Brasil de uma frente unificada. Esta frente é uma necessidade vital. Mas as disparidades das posições tornou impossível a sua realização, antes que um grupo se lance efetivamente na ação armada. Nós cumprimos nosso dever revolucionário, mesmo se nos acusarem de precipitação ou de aventura. Uma vez desencadeada a luta, a via revolucionária está aberta. A unificação da frente é possível.

É a criação e o reforçamento do poder de fogo revolucionário e sua atividade permanente que permitem o reagrupamento das forças combatentes de armas na mão.

* Documento escrito por Carlos Marighella, datado apenas com o ano de 1969, mas sendo publicado em duas versões em janeiro deste ano, como está citado no texto “O papel da ação revolucionária na organização”. Uma versão completa com o título “A ação revolucionária e a frente unificada” (Arquivo BNM) e outra apenas com parte do texto original, pequenas revisões e título diferente: “Operações e táticas guerrilheiras” (Arquivo BNM). Preservamos aqui os dois títulos e mantivemos as correções feitas na segunda versão, onde houve pequenas alterações, por exemplo, o termo “comandos” foi substituído por “pequenos grupos de homens armados”, a palavra de ordem “governo popular revolucionário” foi alterada para “governo revolucionário do povo” e a expressão “propriedades de bens de raiz” foi trocada por “grandes extensões de terras” ou “latifúndios”.

OS PROBLEMAS DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO

Até agora o problema essencial é a dispersão das organizações revolucionárias, cada uma delas lutando para obter a liderança. A prática é o único critério. É a prática que nós tomamos como critério quando iniciamos a luta armada na zona urbana. Depois começou o processo de seleção entre as organizações através da capacidade de ação e aquelas que estavam desprovidas de tal.

Há ainda os grupos que perseguem a luta pelo comando. Mas agora, temos as armas na mão e não é mais possível chegar a um papel de direção através das discussões como as que se faziam recentemente em volta dos programas, de proposições doutrinárias desligadas da realidade social brasileira.

Mas nós também conhecemos o defeito contrário. Na luta pela liderança uma tese tornou-se corrente: aquela que disparar antes arrasta as outras. Esta tese leva atualmente certas organizações a empreender ações ou que ultrapassam suas forças ou inadequadas ao momento. Os erros deste tipo arriscam-se a serem fatais. As organizações que cometem esses erros arriscam-se a perder a vida de seus militantes e a sua própria.

OPERAÇÕES E TÁTICAS GUERRILHEIRAS

As operações e táticas guerrilheiras não foram sistematicamente empregadas no Brasil senão após haver superado a surpresa e perplexidade provocadas pelo golpe de Estado de abril de 1964. Se 1964 e 1965 foram anos de regressão para o movimento revolucionário brasileiro, pelo contrário, os anos de 1966 e 1967 viram desenrolar vivos debates ideológicos no seio das organizações de esquerda, enquanto neste período teve lugar a cisão entre os partidários da luta armada e os oportunistas da direita que defendem a via pacífica.

A Conferência da OLAS que ocorreu em Havana em meados de 1967 teve uma profunda repercussão no Brasil. Suas teses sobre a luta armada conquistaram importantes setores revolucionários brasileiros.

Em 1968, graças ao resultado da luta ideológica e a Conferência da OLAS nós desencadeamos a luta. Éramos um setor revolucionário e, portanto, nós tomamos a iniciativa. Outras forças puseram-se em movimento também, arrastando algumas vezes as massas: o movimento estudantil cheio de combatividade e coragem, desempenhou um papel preponderante. O ano de 1968 viu lutas importantes contra a ditadura. Foi um ano de ação. Foi a primeira vez que se empregou no Brasil operações e táticas guerrilheiras na luta geral do povo brasileiro contra a opressão. Mais precisamente, 1968 foi um ano de desencadeamento da guerrilha urbana.

Era o fim de um período de conspirações e o começo da guerra revolucionária, lenta e prolongada, entrecortadas por operações e táticas guerrilheiras. Nós não éramos apressados, nós não temos programa. Nosso objetivo é desmoralizar as forças dos gorilas; levá-las ao desespero e finalmente derubar a ditadura fascista e tomar o poder.

Até onde podemos ir nessa guerra? Atingiremos os objetivos fixados? A resposta está no exame das forças adversas. Quais as forças que estão conosco, e quais as que apoiam a ditadura? Como elas reagirão face à ação revolucionária?

O APOIO MILITAR DA DITADURA

A ditadura militar conta com as forças militares do país e as forças policiais legais e secretas. Estas são as forças da repressão. As contradições que existem no seio das forças armadas não mudam nunca seu caráter repressivo, porque se tratam de contradições secundárias.

A ditadura tem nas suas forças militares e policiais seu apoio concreto fundamental, este apoio garante-lhe o poder. Isto quer dizer que a ditadura é dotada de fortes e possantes contingentes armados. Seu potencial de fogo é infinitamente mais importante que o dos revolucionários.

O IMPERIALISMO DOS ESTADOS UNIDOS: APOIO EXTERNO E INTERNO DA DITADURA

Além de contar com a força armada organizada e de ter à mão as forças policiais, a ditadura conta ainda com a força do imperialismo dos Estados Unidos. Deve-se isto ao fato de que os círculos dirigentes dos Estados Unidos têm no regime militar brasileiro um instrumento dócil de sua política. Uma particularidade do apoio norte-americano aos gorilas brasileiros são os empréstimos. Tais empréstimos só fazem empobrecer mais nosso país, com a agravante de que nossas riquezas minerais continuam sendo permanentemente transferidas para os Estados Unidos.

Os militares brasileiros que detêm o poder servem aos interesses dos Estados Unidos. Esses militares estão identificados ideologicamente com os setores imperialistas estadunidenses e seguem a linha política do Pentágono. Em relação aos acontecimentos e ao desfecho da situação internacional, acompanham os Estados Unidos. Daí porque entregam a Amazônia aos americanos do norte e não tem reservas à ocupação econômica, política e militar posta em prática pelos americanos no Brasil.

É ilusão crer que estes militares se revoltarão contra os EUA, porque esta nação imperialista, seus governos e seus monopólios são a fonte de abastecimento do aparelho militar às ordens dos gorilas. Os militares no poder são os agentes dos norte-americanos na América Latina. Eles fazem do governo brasileiro uma ponta de lança dos EUA contra os interesses dos povos latino-americanos.

A OLIGARQUIA BRASILEIRA: OUTRO APOIO DA DITADURA

A outra força que apoia a ditadura é a representada pelos grandes capitalistas brasileiros e o setor latifundiário.

Os grandes capitalistas brasileiros e os grandes latifundiários constituem uma oligarquia, fundem os interesses de clas-

se dos grandes responsáveis da exploração, da miséria e da dominação do povo brasileiro. Os grandes capitalistas brasileiros estão hoje associados ao capital norte-americano; os que ainda não estão tendem a se tornarem, e os maiores latifundiários do Brasil atualmente são os norte-americanos.

Os grandes capitalistas e latifundiários tem privilégios a defender. Associados aos EUA eles tem em consideração a estes uma posição de submissão, que se explica pelo medo que possuem da revolução popular. Com efeito, a vitória da revolução popular significará a transformação radical da estrutura econômica do país e da sociedade brasileira.

A decisão extrema tomada pelos grandes capitalistas foi o acordo em transferir o poder aos militares em troca da salvaguarda dos interesses das classes dominantes.

O PODER MILITAR

Chegando ao poder pela violência, em seguida do golpe de Estado de 1964, os militares quiseram levar a ordem burguesa existente em seus paroxismos, realizando o mais ignóbil, mais brutal gesto contra o descontentamento do povo e a possibilidade de vitória da revolução popular. A ordem militar-fascista é igualmente burguesa, mas representa a ditadura abertamente terrorista das classes dominantes brasileiras.

A nova ordem militar-fascista é o resultado da crise política permanente que se realiza no país após o final da segunda guerra mundial. O resultado do agravamento da crise crônica de estrutura e da crise geral do capitalismo.

O poder militar e a nova ordem estabelecida no Brasil têm as seguintes características:

1ª) O Estado brasileiro foi transformado num aparelho burocrático e político-militar com caráter repressivo evidente e direto. As forças armadas tornaram-se as forças da polícia para a repressão interna, e elas continuam a treinar para combater guerrilhas e não para defender a soberania nacional. Polícia, prisões e tribunais são agora de competência dos militares. O Estado tornou-se também um aparelho fiscal de levantamento parcial dos impostos e taxas de todos os gêneros, visando manter uma pletórica estrutura policial.

2º) Os centros de decisão da economia são transferidos aos militares e aos norte-americanos. O monopólio do Estado foi apagado e está arriscado a ser abolido. As empresas do Estado têm, doravante, uma direção militar ou são vendidas pelo poder militar ao capital estrangeiro.

3ª) Os centros de decisão política são transferidos aos militares, tal como o poder executivo. O parlamento e os partidos políticos executam as ordens dos militares. Se eles não fazem assim são punidos.

4ª) Os principais postos de comando são ocupados pelos militares ou pelos homens de confiança que aceitam incondicionalmente suas decisões.

OS ATOS INSTITUCIONAIS

Nas novas condições de crise permanente que caracterizam a situação política do país, novas leis são promulgadas acompanhando a sucessão dos acontecimentos. Numa destas leis autoriza a proliferação de golpes de Estado.

Apressados de salvaguardar os interesses das classes dominantes, os militares realizam o golpe de Estado fascista e se investiram imediatamente do poder pela violência, isto é, empregando seu poder de fogo. Em seguida, eles promulgam atos institucionais para se dotar de poderes excepcionais que eles já haviam em verdade adquirido pelo golpe de Estado. Os atos institucionais devem abrir aos militares a via da repressão, suprimindo os últimos traços de liberdade, permitindo ao mesmo tempo o ataque contra as instituições burguesas liberais e os políticos tradicionais que poderiam enterrar o caminho da ditadura.

Um dos exemplos da autoridade que estão investidos os militares é o Ato Institucional nº 5.

Empregando a técnica do “golpe de Estado no golpe de Estado”, os militares realizaram um golpe do Estado fascista no dia 13 de dezembro de 1968. Esta vez foram mais longe do que em 1964, porque eles decretaram “férias” do parlamento e aferrolharam ainda mais solidamente a imprensa, fazendo prisões sem distinção, derrubando os focos, matando, infringindo sevícias aos prisioneiros, deportando-os nos campos de concentração, privando dos direitos políticos e suprimindo os direitos civis.

O Ato Institucional nº 5 constitui ainda um ato de força face a protestação das massas contra a iniquidade da atual estrutura econômica do país e seu caráter desusado. Isto significa um ataque violento contra os políticos tradicionais que formavam uma oposição a algumas pretensões da ditadura. Isto justificou o Ato Institucional nº 5 por duas razões fundamentais: a) o desencadeamento da crise política no país e a “falência do poder político”; b) a necessidade de evitar no país o “irremediável da desordem e da guerra civil”.

A ditadura se viu forçada a reconhecer que durante quatro anos de poderes extraordinários, ela não tinha conseguido impedir o processo do movimento revolucionário, nem obter sucesso na organização de um regime político estável e isento de crises cíclicas.

Por esta razão, a ditadura se mostrou disposta a perseguir a política da mão de ferro; ela põe fim à esperança dos que julgavam possível uma saída pacífica com anistia, eleições diretas ou através de um retorno ao processo democrático (e isto sem falar da “frente ampla”, cujo principal autor foi privado de seus direitos civis).

O OBJETIVO DOS REVOLUCIONÁRIOS

O objetivo dos revolucionários brasileiros é a destruição do atual regime fascista-militar, isto é, a queda da ditadura instalada no poder.

Para os revolucionários, a destruição da ordem atual é legítima e necessária, porque ela é insuportável e visa defender os interesses dos grandes capitalistas, dos latifundiários e imperialistas norte-americanos. Nós devemos destruir a ordem estabelecida pelos inimigos do nosso povo.

O primeiro passo deve ser a derrubada dos militares que representam o poder das classes dominantes. Consequentemente, derrubá-los é derrubar o poder dos grandes capitalistas brasileiros e dos latifundiários e expulsar os norte-americanos do país e das posições-chaves que eles conquistaram na estrutura econômica brasileira.

É preciso distinguir os objetivos dos revolucionários e os da oposição burguesa. A oposição burguesa é proveniente da

contradição entre o poder civil e o poder militar. Tal contradição é fruto da lei da proliferação dos golpes de Estado militares e o resultado imediato dos atos institucionais promulgados.

A burguesia chama de poder civil, seus representantes tradicionais no executivo, judiciário e legislativo que não vem das forças armadas, mas da elite civil das classes dominantes. Esta elite foi afastada do poder e substituída pelos militares, mas ela espera retornar sua antiga posição.

A luta dos revolucionários nada tem a ver com a substituição do poder militar pelo poder civil. Ela busca a transformação radical da estrutura econômica e social atual, a derrubada das classes do poder e não somente a substituição de certos homens por outros. Ela quer abolir o poder das classes dominantes, destruir o aparelho burocrático, militar-policial e fascista do Estado dos grandes capitalistas e latifundiários vendidos aos norte-americanos, e instituir o poder do povo em armas.

AS FORÇAS QUE APOIAM OS REVOLUCIONÁRIOS

Os revolucionários não podem atingir seus objetivos se não com o apoio das classes capazes de lutar pela conquista do poder. No Brasil, em continuação das condições históricas e da motivação patriótica, estas classes são o proletariado, os camponeses e a classe média. Graças aos seus interesses e à sua posição, seja face ao socialismo, seja face à libertação nacional, estas classes se opõem aos grandes capitalistas e latifundiários e são inimigos do imperialismo norte-americano. O proletariado é a única classe cujo interesse imediato é o socialismo, mas todas as classes que se opõem as classes dominantes e ao imperialismo estão unidas pelo interesse pela libertação nacional.

Em 1968, quando irrompeu a guerrilha urbana no país e as operações táticas guerrilheiras se multiplicaram por todas as partes, foram estas classes que em escala menor ou maior se puseram em ação. Tanto nas zonas rurais como nas urbanas, os revolucionários contarão com elas para empreender a luta contra a ditadura e expulsão dos imperialistas norte-

americanos. Os revolucionários continuarão a contar com tais forças no seu prosseguimento da luta pela conquista do poder.

GUERRA REVOLUCIONÁRIA E POTÊNCIA DE FOGO

Praticar a guerra revolucionária é o meio que dispomos para atingir nossos objetivos porque ela é a melhor forma de violência organizada do povo contra seus inimigos. A guerra revolucionária é organizada de princípio ao fim e de baixo para cima. Esta será uma guerra prolongada, uma vez que não nos interessamos por combates decisivos e queremos levar o inimigo até o esgotamento total. Nós levaremos a guerra revolucionária até a destruição da potência de fogo do inimigo.

A manifestação concreta da guerra revolucionária é o desencadeamento da guerrilha urbana e rural – inicialmente com as operações e táticas guerrilheiras e em seguida com operações mais vastas.

No Brasil, as operações e táticas guerrilheiras desencadeadas em 1968, indicam uma mudança no conteúdo e na qualidade das formas de luta. Nós passamos de uma situação onde preponderavam as formas de luta de massas para uma situação onde preponderam as formas de luta de grupos de homens armados. Todavia a passagem de uma forma de luta a outra não significa o abandono de qualquer uma delas. Ao contrário, a experiência mostrou-nos que ambas podem se combinar. As formas de luta de massas, entretanto, foram inferiorizadas diante do emprego sistemático do poder de fogo da reação contra o movimento de massa desarmado.

Ao se organizarem em grupos armados os revolucionários se preparam para suprir a inferioridade das formas de luta de massas face ao inimigo. Graças a esta preparação, nós dispomos hoje de um poder de fogo que nos permite enfrentar a ditadura e suas forças armadas repressivas adotando uma estratégia revolucionária e empregando táticas de luta armada. A tendência é pôr fim a preponderância dos grupos armados sobre outro tipo de luta. As mudanças das formas de luta no Brasil foi o resultado imediato dos revolucionários em utilizar seu poder de fogo.

CERCO ESTRATÉGICO E GUERRILHA URBANA

No que diz respeito à forma concreta da ação da guerrilha urbana no quadro da guerra revolucionária – as operações e táticas guerrilheiras realizadas no Brasil constituem uma inovação e uma audaciosa iniciativa de comandos. Eles são as formas de luta armada empregadas no quadro de circundamento estratégico permanente das grandes cidades brasileiras. O fechamento estratégico inimigo estabeleceu-se em volta das cidades, pois a colonização brasileira foi feita da costa para o interior e sobre o litoral que surgiram e se desenvolveram as grandes cidades do país.

Ao mesmo tempo do crescimento das cidades costeiras foi criado o desenvolvimento da superestrutura da reação; as forças armadas reacionárias controlam as cidades sob pretexto de assegurar a segurança nacional, mas na verdade com o propósito de não permitir qualquer rebelião das massas contra o poder das classes dominantes. Desencadeando a guerrilha na área do litoral, os revolucionários começam a luta sob as condições de cerco estratégico. Eles não podem esperar que suas operações e táticas guerrilheiras possam destruir o cerco da reação, mas o que podem atingir neste gênero de luta é que ela desempenhe um papel tático de distração das forças armadas do inimigo, imprimindo-lhes perdas e cuidados, tornando difícil a concentração de seus efetivos na guerrilha rural.

Pode ser também que o inimigo, abatido pelas operações e táticas guerrilheiras, procure aumentar os efetivos de repressão e venha empregar sistematicamente o exército, a marinha e a força aérea em expedições punitivas e caçadas humanas. Isto aumentaria incrivelmente as despesas da ditadura, criando-lhes novas dificuldades e fazendo-lhes perder vantagem num aspecto, impossibilitando a parada das operações táticas guerrilheiras de um inimigo que não deixa traços e se recusa a combater em campo aberto.

O CONTEÚDO E A FORMA DAS AÇÕES ARMADAS

As ações armadas que constituem as operações guerrilheiras atuais têm um caráter urbano definido, são adequadas às grandes cidades brasileiras.

O conteúdo dessas ações se revela pelos propósitos políticos de classe dos objetivos que elas determinam, pois tratam-se de ações engendradas pela guerra revolucionária do povo contra seus inimigos, contra os interesses dos grandes banqueiros nacionais e estrangeiros, contra o imperialismo norte-americano e suas empresas no Brasil, contra os capitães da CIA, contra o patrimônio do Estado, contra as forças armadas e contra o aparelho repressivo da ditadura.

A guerrilha rural se dirigirá contra os interesses dos latifundiários, semeando o pânico entre os grandes proprietários nacionais ou estrangeiros.

Em 1968, nós tínhamos conseguido atingir na zona urbana os interesses das classes dominantes e o conteúdo das operações que nós efetuamos determinou a forma das ações armadas.

As ações armadas tomaram em nosso país as formas de expropriações, sabotagens, capturas de armas e explosivos, rapto de policiais para obter a libertação de presos políticos; elas foram destinadas a fornecer recursos materiais à revolução, a atingir os interesses das classes dominantes e abater a reação.

AS EXPROPRIAÇÕES

As expropriações são operações armadas destinadas ao financiamento e municiamento da revolução. Algumas ações efetuadas pelos comandos em 1968 são excelentes exemplos de expropriações.

A característica da revolução brasileira consiste desde agora, na prática de uma política de expropriação das classes dominantes e do imperialismo, anunciando hoje o que se fará amanhã após a vitória e instauração de um governo popular revolucionário.

Pelas expropriações efetuadas antes da vitória da revolução, nós queremos demonstrar que uma vez no poder, nós expulsaremos os norte-americanos do país, nacionalizaremos suas empresas, bancos e grandes extensões de terras. Nós expropriaremos as empresas nacionais que colaboram com os norte-americanos, acabando o monopólio da terra. Nós expropriaremos as fortunas dos exploradores do povo.

Ao lançar mão das expropriações, os revolucionários brasileiros põem em prática o IOR, isto é, o Imposto Obrigatório da Revolução, em contraposição ao ICM, o Imposto de Circulação de Mercadorias, cobrado pela ditadura. Os recursos do IOR destinam-se à libertação do Brasil, enquanto os recursos do ICM se constituem como uma pilhagem, que tem a finalidade de sustentar a ditadura militar que massacra nosso povo. Os maiores banqueiros, empresários, comerciantes, latifundiários brasileiros ou estrangeiros serão obrigados a pagar o IOR e se estes não fizerem por bem, serão expropriados.

Em 1968 os revolucionários fizeram grandes e pequenas expropriações, outras foram levadas a efeito por marginais. Estas formas de luta armada se assemelham, a diferença fundamental, entretanto, é que os revolucionários jamais expropriam os trabalhadores e pessoas simples. Elas não violam seus interesses, e não lhes dão prejuízos. Também jamais cometemos assassinatos, ferimos pessoas ou infligimos castigos. Os revolucionários se limitam a expropriar as classes dominantes e apropriar-se das armas dos guardas de bancos, sem maltratar ou machucar os funcionários. Os revolucionários não atacam o povo, mas combatem a ditadura, as classes dominantes e o imperialismo, é por isso que eles ganham a simpatia da população.

No princípio, os revolucionários realizavam suas operações como os assaltos de bandidos, procurando não identificá-las para não denunciar suas origens, os revolucionários brasileiros procuraram ganhar tempo, deixando a reação em dúvida. Graças a este ardil a revolução brasileira obteve um ano de avanço e pode se preparar tranquilamente para as novas iniciativas.

TERRORISMO REVOLUCIONÁRIO E SABOTAGEM

Quando nós recorremos aos atos terroristas revolucionários, sabemos que só com eles conquistamos o poder. Todo ato terrorista revolucionário, punição de espões ou sabotagem que praticamos é uma operação tática tendo por objetivo a desmoralização das autoridades, o fechamento das forças repressivas, prejuízo das propriedades do Estado, dos grandes capitalistas e latifundiários.

Os atos terroristas revolucionários e a sabotagem não visam matar homens do povo, inquietá-los ou provocar-lhes medo. Eles devem ser utilizados como táticas para combater a ditadura que lança contra o povo as organizações de extrema-direita tais como o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e MAC (Movimento Anti-Comunista). Implacável e impiedosa, a ditadura recorreu à violência brutal. Ela persegue, bate e atira nas ruas; o medo e a insegurança prevalecem. Nos cárceres, as torturas são indescritíveis. Assassina e fuzila prisioneiros e suspeitos.

Ao terrorismo que a ditadura emprega contra o povo, nós contrapomos o terrorismo revolucionário. Os revolucionários que praticam terrorismo e sabotagem devem construir uma infraestrutura adequada à execução de sua missão. Eles necessitam de meios próprios de fabricação de material bélico e eles devem dividir seu trabalho. Os nomes, endereços, números de telefone, itinerários, nada deve ser escrito. Os planos não devem ser comunicados a ninguém, e só os que tem algo a executar é que podem aquilo que diz respeito às suas tarefas.

A área privilegiada do terrorismo revolucionário é a capacidade de iniciativa que o engajará numa atividade permanente. Quanto maior for o número de terroristas decididos e de grupos revolucionários engajados no terror contra a ditadura e na sabotagem, maior o tempo que os militares perderão à procura de pistas, maior seu medo, e maior a angústia em não saber onde o próximo golpe será dado e qual o objetivo escolhido.

A APREENSÃO DE ARMAS E EXPLOSIVOS

Esta opção tática é indispensável à criação e desenvolvimento do poder de fogo dos revolucionários. As experiências recentes mostram que as apreensões de armas, dinamites e explosivos efetuadas em 1968, contribuíram para passar de uma situação onde não possuímos nem armamentos nem fundos para comprá-las, para uma situação que conseguimos concentrar um considerável poder de fogo.

A captura de armas e explosivos deve ser uma operação sigilosa. O mais importante deste gênero de ação é o problema dos depósitos de armas. Nós nunca devemos ter grandes depósitos, nunca concentrar todo o material. A técnica correta é possuir vários pequenos depósitos, esconderijos descentralizados e secretos. Nas operações de envergadura, o material obtido pode ser destinado ao uso do pessoal ou do comando.

É fundamental escolher bem o momento para realizar estas expropriações. É preciso saber que estas operações exigem um certo poder de fogo por parte dos militantes. Com a compra de uma arma, a captura de outra, nós podemos avançar pouco a pouco. O essencial é preparar e realizar operações que vão do mais elementar ao mais complexo.

Utilizando a esperteza ou a violência ou os dois ao mesmo tempo, as operações não devem ser jamais empreendidas se os revolucionários não têm certeza de um êxito total. É preciso evitar ser preso na própria armadilha.

AS OCUPAÇÕES DE LOCAIS E A CAPTURA DE POLICIAIS

A guerrilha urbana, tal como a guerrilha rural tem um caráter essencialmente móvel e não pode defender posições fixas ou territórios delimitados. Portanto, certas condições nos obrigam algumas vezes a definir posições, sobretudo quando nós estamos engajados na luta de massas, quando manifestações, encontros ou greves acontecem. Neste caso nós nos encontramos diante da necessidade de ocupar locais escolares ou de trabalho.

Estas ocupações devem ser feitas, mas elas têm um caráter estritamente tático e por isso mesmo é provisório. Para dizer a verdade, trata-se de ocupar os locais e distrair a reação o maior tempo possível. Quando se esgotam as possibilidades deve-se abandonar a posição, e o plano de retirada deve ser minuciosamente elaborado anteriormente.

Não se deve realizar uma ocupação sem ter previamente acumulado um estoque de explosivos e de coquetel molotov, e sem ter um certo poder de fogo. Um exemplo deste gênero de luta foi a ocupação da Praça da Sé em São Paulo no dia 1º de Maio de 1968, quando os revolucionários e a massa operária retiraram da tribuna o governador do Estado e obrigaram-no a se refugiar com seu grupo e os policiais no interior da catedral.

Durante as ocupações, tem-se sempre a possibilidade de recorrer a outro tipo de luta que consiste em capturar os policiais e exigir troca de prisioneiros políticos ou parar a tortura no cárcere. Os policiais têm o hábito de se infiltrar nos lugares ocupados, e quando eles não fazem isso é preciso atraí-los para uma armadilha. Uma vez feitos prisioneiros, deve-se guardá-los como reféns até que nossas condições sejam aceitas. As armas dos policiais devem ser apreendidas e não se deve restituí-las. As capturas de policiais em 1968 tais como as da “Maçã Dourada” e “Pêra Dourada” demonstram a eficácia deste meio de luta do movimento de massa.

OS MÉTODOS DE COMBATE

O método de combate é uma coisa diferente de forma de luta. Nós entendemos método de combate como o modo de dirigir a forma de luta. Uma expropriação ou qualquer outra forma de luta deve ser executada segundo o método de combate escolhido. Para os revolucionários, o método principal consiste no emprego da emboscada e das operações de surpresa.

Surpreender o inimigo é um método revolucionário privilegiado, que respeita o princípio da economia de forças e da preservação de quadros. Toda ação armada de guerrilha urbana ou rural, exige uma aplicação rigorosa dos métodos de combate. Tais métodos são mais eficazes quando são subordinados ao método de combate principal. Eis os métodos aos quais não se pode renunciar jamais:

- a) informação;
- b) observação;
- c) as buscas, explorações, o conhecimento do terreno;
- d) o estudo das vias de acesso;
- e) o plano detalhado;
- f) a seleção do poder de fogo;
- g) a repetição e cronometragem;
- h) o recuo;
- i) a proteção, a cobertura;
- j) o resgate;
- k) o cerco no cerco.

ALGUNS PRINCÍPIOS TÁTICOS

1. No princípio, as operações guerrilheiras devem ser dispersadas, esta é a fase de dispersão de forças de reação. Na fase seguinte, trata-se de concentrar as forças revolucionárias para realizar operações mais amplas.

2. Não se deve jamais lutar numa só frente, é por isso que nós realizamos simultaneamente operações estratégica e tática e nos revezamos nestas atividades.

3. A tática guerrilheira não pode ter nenhuma rigidez: ela é livre, ataca e recua, persegue e recua, ocupa e recua.

4. Quando nós realizamos uma operação guerrilheira nosso objetivo é de atacar os interesses da classe dominante. Nunca atacamos os operários ou o povo, nem prejudicamos seus interesses. Não se deve empregar a violência senão contra os delatores e os espiões a serviço do inimigo.

5. Desde que um grupo revolucionário comece a agir, outros grupos devem segui-lo por iniciativa própria. O inimigo desorientado e perplexo face a vários grupos em ação, não saberá contra quem concentrar as forças da repressão.

6. Quando a luta revolucionária é desencadeada pela ação de comandos isolados é um sinal claro de que a formação anterior de uma frente unificada não foi possível. A frente unificada é uma necessidade, mas ela só é viável quando já existe ativo poder de fogo. A criação e fortalecimento do poder de fogo, tal como sua atividade permanente, são os elementos que permitem o reagrupamento das forças em ação.

7. A guerrilha se aprende na prática da guerrilha como a ação se aprende na ação. Não há profissão ou atividade humana que possa ser aprendida exclusivamente nos livros sem experiência viva.

8. As operações devem partir do mais elementar para chegar ao mais complexo.

9. Não se deve isolar num único gênero de ação. Quando o inimigo crer que vamos limitar-nos a um tipo de ação, passamos a outro.

10. Quando o inimigo acreditar que estamos num lugar nós surgiremos em outro lugar.

11. Quando o inimigo acreditar que estamos longe, estamos perto e vice-versa.

12. Quando a via está livre avançamos; quando nós encontramos obstáculos, nós os contornamos, quando o obstáculo é intranponível nós o abandonamos. Não se deve jamais aceitar um combate descoberto, para não desperdiçar as forças, expondo-as aos golpes do inimigo.

13. Nós devemos pegar o inimigo desprevenido, quando ele está alerta nós recuamos.

14. Quando o inimigo nos ataca nós repousamos, quando ele descansa nós atacamos.

15. Se o inimigo puder ser vencido pela astúcia não é preciso recorrer à violência; o poder de fogo será reservado para momentos difíceis.

16. Para realizar uma operação nós devemos ter sempre um poder de fogo maior que o necessário a fim de que nossa superioridade seja evidente e assim possamos economizar a violência e as munições.

17. O inimigo não deve nunca ter a menor ideia da nossa força. Ignorando nossa força, ele se entrega à especulação, mas fica num labirinto escuro, enquanto nós observamos seus movimentos e não fazemos o assalto antes que tenhamos certeza de abatê-los.

18. O inimigo não deve saber nunca nem quando, nem onde, nem como nós vamos atingi-lo. Se o inimigo vier a saber de nossos planos é preciso modificá-los imediatamente.

19. Nós nunca desafiamos o inimigo. Se ele nos desafia, nós o matamos. Nós só respondemos ao inimigo no momento escolhido, quando estamos certos de nossas forças.

20. Após ter feito uma quantidade considerável de ações ou uma ação de grande envergadura, nossa primeira preocupação deve ser o repouso e o balanço de tudo que foi feito para estabelecer novos planos.

21. Nós não iniciamos nunca combates decisivos. É por isso que nós organizamos cuidadosamente o recuo. O recuo é mais importante que a ação.

22. Não se deve nunca deixar o menor traço nas operações, se ficar, a operação só terminará quando forem apagadas as consequências deste erro inicial.

23. Quanto ao dinheiro proveniente das expropriações, não se deve distribuí-lo ao povo pois dará a ilusão às massas de que nós podemos substituí-los na luta pela conquista do poder e que a libertação dos oprimidos depende da ação caridosa dos revolucionários. Nós cairíamos assim no paternalismo, deixando o povo em ilusões e afastando-os da luta. O dinheiro das expropriações deve ser gasto em armas, munições e treinamento de combatentes.

24. Quando dispomos de um estoque considerável de armas, não devemos concentrá-lo num único ponto. Mas ao contrário, é preciso descentralizar os esconderijos para evitar as grandes perdas nas situações já previstas.

25. Quando nós dispomos de um comando numeroso é preciso dividi-lo em pequenas equipes e não é preciso que todos se lancem à ação ao mesmo tempo. É preciso evitar também que todos saibam tudo, que todos conheçam todos. Cada homem deve saber apenas o que se refere ao seu trabalho, seguindo o exemplo de Lampião que mesmo quando tinha 150 homens, distribuía-os em pequenos grupos, dando-lhes missões específicas e diferentes.

26. Nós nunca aceitaremos na nossa organização um militante, sem saber todo o seu passado e suas origens revolucionárias. É uma medida para evitar infiltrações policiais.

27. Os revolucionários engajados na via da luta armada sabem que eles enfrentam um inimigo perigoso, e que a revolução não é um piquenique. Deve-se renunciar de uma vez por todas às agendas, cadernos de endereços, documentos, esquemas, esboços e planos escritos. Os revolucionários trabalham só com a ajuda da memória.

28. Quando nós organizamos reuniões ou conferências, os participantes não devem ser numerosos, o lugar deve ser cuidadosamente escolhido para permitir e facilitar a defesa. Se o inimigo nos surpreende, devemos reagir e executar o plano de retirada anteriormente elaborado, do qual todos devem participar.

29. Quando há uma aglomeração popular cercada pela polícia e quando um grupo de policiais se destaca para perseguir alguém na multidão nós devemos cercar o grupo de policiais com um grupo de manifestantes maior. Esta opção é o cerco no cerco e visa reduzir os policiais a impotência, a tomar suas armas e facilitar a fuga dos perseguidos.

30. Quando um companheiro falta a um encontro não devemos nunca ir à sua casa; ele pode ter sido preso pela polícia e a polícia pode estar emboscada à busca dos que vão procurá-lo.

31. Quando nós sofremos estragos materiais ou uma perda de homens nós não respondemos apenas por vingança ou demonstração de força. Nós tratamos primeiro de pôr em ordem nossas fileiras, cicatrizar as feridas antes de retomar os assaltos.

32. O comando não é resultado de uma eleição, baseada em critérios pessoais de simpatia. É o exemplo e a ação que comandam.

SOBRE PROBLEMAS E PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS

*Janeiro de 1969**

O problema mais importante da revolução brasileira é o de estratégia, e sobre isto, quer dizer, sobre o sentido em que deve ser encaminhada, não há completo acordo entre os revolucionários. Nossa organização adotou uma determinada conceituação estratégica e por ela vem se orientando, mas é evidente que outras organizações têm pontos de vista diversos.

Os conceitos e princípios que expomos aqui dizem respeito, por conseguinte, àquelas questões sobre as quais nossa organização pode emitir uma opinião adquirida da própria experiência.

Para nós, a estratégia da revolução brasileira é a guerrilha. A guerrilha, por sua vez, faz parte da guerra revolucionária do povo. Em “Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil” já havíamos estabelecido os princípios que norteiam nossa estratégia, e para os que desejarem conhecê-los basta recorrer ao referido trabalho.

Àqueles princípios já enumerados queremos juntar outros, cujo enunciado ajudará a formar uma ideia da nossa conceituação estratégica sobre a revolução brasileira.

* Este é o primeiro texto em que a organização fundada por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira aparece com o nome de Ação Libertadora Nacional, e, portanto, a data de apresentação pública da ALN como tal. O texto circulou em duas versões, uma delas incompleta, a versão completa do documento foi a que recuperamos para esta publicação. Todas as fontes encontradas no Arquivo BNM foram usadas para fins de comparação e fidelidade histórica. O texto foi publicado também em espanhol na edição 37 da revista *Pensamiento Crítico*, em fevereiro de 1970, págs. 37-44 (Cuba).

O estudo e confronto desses princípios com a prática dos grupos revolucionários e a experiência pessoal dos militantes poderá contribuir para melhor compreensão não só dos objetivos pretendidos em nossa luta como dos meios fundamentais para alcançarmos. São os seguintes os princípios estratégicos aos quais nos importamos.

1. ESTRATÉGIA DA AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL

a) Em um país como o Brasil, onde existe uma crise política permanente, originária do agravamento da crise crônica de estrutura e do agravamento da crise geral do capitalismo, e onde em consequência, surge um poder militar, nosso princípio estratégico é transformar a crise política permanente numa luta armada do povo contra esse poder militar.

b) O princípio básico da estratégia revolucionária, nas condições de uma crise política permanente, é desencadear tanto na cidade como no campo, um volume tal de ações revolucionárias que o inimigo se veja obrigado a transformar a situação política do país em uma situação militar. Então, o descontentamento atingirá todas as camadas e os militares ficarão responsáveis absolutos por todos os desacertos.

c) A principal finalidade da estratégia revolucionária, ao transformar a crise política em luta armada e a situação política em situação militar, é destruir a máquina burocrático-militar e substituí-la pelo povo armado.

d) Para destruir a máquina burocrático-militar do Estado brasileiro, a estratégia revolucionária parte da premissa de que essa máquina, dentro das condições de crise política permanente que caracteriza a situação do país, tem uma vinculação cada vez mais íntima com os interesses do imperialismo norte-americano. Não se pode destruir tal máquina sem que o golpe principal de nossa estratégia seja desfechado contra o imperialismo norte-americano, o inimigo comum da humanidade e principalmente dos povos latino-americanos, asiáticos e africanos.

e) Em nosso conceito, a estratégia revolucionária é uma estratégia global, quer no sentido de que sua função consiste

em contrapor-se à estratégia global do imperialismo, quer no sentido de que a estratégia política e a estratégia militar existem e atuam como uma coisa só e não como coisas separadas.

Por sua vez, a tática funciona subordinada à estratégia, não havendo nenhuma possibilidade do seu emprego fora dessa subordinação.

f) Dado o caráter global de nossa estratégia, ao empreender e para derrubar o poder militar, devemos ter em vista, como princípio estratégico, transformar radicalmente a estrutura de classes da sociedade brasileira e chegar ao socialismo. Ao mesmo tempo, temos o imperialismo norte-americano como nosso inimigo principal e devemos transformar a luta contra ele numa ação nacional-libertadora e antioligárquica.

Assim, em face dos ataques desfechados pelos revolucionários, o poder militar será compelido, por seu lado, a tomar a defesa do imperialismo e da oligarquia brasileira, desmoralizando-se perante o povo.

Por outro lado, com a derrubada do poder militar e o aniquilamento de suas forças armadas, expulsaremos os norte-americanos e destruiremos a oligarquia brasileira, eliminando os obstáculos à marcha para o socialismo.

2. ESTRATÉGIA DA LUTA NA CIDADE E NO CAMPO

a) A cidade é a área de luta complementar e, por isso, toda a luta urbana, provém da frente guerrilheira ou da frente de massas, com o respectivo apoio da rede de sustentação, assume sempre o caráter de luta tática.

b) A luta decisiva se trava na área estratégica, quer dizer, na área rural e não a que se desenvolve na área tática, ou seja, na cidade.

c) Se por qualquer equívoco, a luta na cidade for encaminhada como luta decisiva, a luta estratégica na área rural, onde estão os camponeses, ficará relegada a um plano secundário. Vendo a pouca ou nenhuma participação dos camponeses na luta, a burguesia se aproveitará de tal circunstância

para torpedear a revolução e deixá-la a meio caminho. Quer dizer, para manobrar com o proletariado, desprovido do apoio de seu aliado fundamental, o camponês, e tratará de conservar intacta a máquina burocrático-militar do Estado.

d) Só quando as forças armadas da reação já estão destruídas e o aparelho do Estado militar burguês não mais pode agir contra as massas, é que deve ser decretada na cidade a greve geral, em combinação com a luta guerrilheira prestes a ser vitoriosa.

Este princípio, derivado daquele outro que afirma ser a principal finalidade da estratégia revolucionária destruir a máquina burocrático-militar e substituí-la pelo povo armado, é empregado com o propósito de evitar que a burguesia manobre na cidade com a greve geral – e lance mão do golpe de Estado para anteceder-se aos revolucionários – cortando-lhes o caminho do poder.

3. ESTRATÉGIA DA GUERRILHA URBANA

a) Sendo a cidade a área de luta complementar, a guerrilha urbana exerce um papel tático em face da guerrilha rural.

Devemos, assim, fazer da guerrilha urbana um instrumento de inquietação, distração e retenção das forças armadas da ditadura, para evitar sua concentração nas operações repressivas contra a guerrilha rural.

b) Ao desencadear a guerrilha urbana, as formas de luta que empregamos não são formas de luta de massas e sim de pequenos grupos armados, dotados de potência de fogo e empenhados na luta contra a ditadura.

Nosso princípio estratégico é jamais violar os interesses das massas e sempre empregar a violência contra a ditadura.

Sentindo que a potência de fogo dos revolucionários é para combater os seus inimigos, as massas, até então impotentes em face a ditadura, verão a guerrilha urbana com simpatia e lhe darão seu apoio.

c) As formas de luta que caracterizam a guerrilha urbana são as táticas guerrilheiras e ações armadas de todos os tipos, ações de surpresa e emboscadas, expropriações, capturas de armas, atos terroristas revolucionários, sabotagens, ocupa-

ções, incursões, punição de agentes norte-americanos e policiais torturadores, além de comícios relâmpagos, de distribuição de volantes e pinturas murais por grupos armados e outras.

Ao desencadear a guerrilha urbana, devemos partir da premissa de que tais formas de luta são empregadas nas condições do cerco estratégico do inimigo na cidade e que não podemos decidir com eles na luta final.

d) Tanto a infraestrutura da guerrilha urbana como da guerrilha rural tem pontos comuns obrigatórios, tais como adestramento e aperfeiçoamento do guerrilheiro, aumento de sua resistência física, defesa pessoal, utilização da capacidade profissional, aparelhagem técnica para artefatos caseiros e outros fins, criação e aumento da potência de fogo, capacitação para seu manejo, rede de informações, meios de comunicação e transporte, recursos de medicina e primeiro socorros.

Nosso princípio é contar sempre tanto com uma como com outra infraestrutura, para não ficarmos reduzidos somente à guerrilha urbana ou à guerrilha rural, e podermos fazer corretamente a combinação das duas.

e) Os revolucionários que travam a luta de guerrilha dão uma enorme importância ao movimento de massas na área urbana e suas formas de luta, tais como ações reivindicatórias, greves, passeatas, protestos, boicotes e outras.

Nosso princípio estratégico em face do movimento de massas urbano é dele participar com o objetivo de criar uma infraestrutura da luta armada no meio dos operários, dos estudantes e de outras forças a fim de passar ao emprego da guerrilha urbana, desencadeando as operações e táticas guerrilheiras com grupos de massa armados.

4. ESTRATÉGIA DA GUERRILHA RURAL

a) As lutas dos camponeses por suas reivindicações contra os latifundiários e pela organização dos sindicatos rurais poderão degenerar em choques armados, e nesse sentido são positivas. Mas, sem a potência de fogo, os camponeses serão esmagados pela força de reação.

É improvável que das lutas reivindicatórias surjam guerrilhas rurais de sentido estratégico. Os camponeses brasileiros têm consciência política reduzida e a tradição de lutas não vai além do misticismo ou do banditismo, sendo ainda recente e limitada sua a experiência de luta de classes, sob a direção do proletariado.

Nas atuais condições do país, dominado pela ditadura, a luta estratégica na área rural surgirá e se desenvolverá como fruto da infraestrutura guerrilheira montada no meio dos camponeses. Vendo surgir no meio deles uma potência de fogo que combate os latifundiários e não viola os interesses da massa camponesa, os camponeses apoiarão a guerrilha e ingressarão nela.

b) O principal princípio estratégico da luta guerrilheira é que não pode ter consequência nem caráter decisivo na guerra revolucionária, se não for estruturada e consolidada a aliança de operários e camponeses, a qual devem se unir os estudantes.

Com tal aliança, dotada de crescente potência de fogo, a guerrilha disporá de alicerces firmes e irá adiante. A aliança armada do proletariado com os camponeses e a classe média urbana é a chave da vitória.

c) A guerrilha rural tem caráter decisivo porque, além de dotada de extrema mobilidade na área continental do país e além de levar à formação do exército revolucionário de libertação nacional é aquela que pode ser estruturada a partir de um embrião constituído pela aliança armada de operários e camponeses, com os estudantes. Na guerrilha urbana é impossível incorporar os camponeses, sem os quais a revolução não irá até as últimas consequências.

d) Em nenhum momento a guerrilha brasileira deve defender áreas, territórios, regiões ou qualquer base de operação fixa. Se agirmos assim, permitiremos ao inimigo concentrar suas forças em campanhas de cerco e aniquilamento contra alvos conhecidos e vulneráveis.

e) A guerrilha rural brasileira deve estar sempre em movimento. Mesmo a guerrilha urbana deve ser extremamente móvel e jamais fará qualquer ocupação sem organizar antes, meticulosamente, a retirada. Em qualquer circunstância, no Brasil, a guerra revolucionária é uma guerra de movimento.

f) Fazendo parte da guerra revolucionária, a guerrilha nela desempenha o papel estratégico principal, tendo como finalidade política, constituir o exército nacional de libertação popular e conquistar o poder. Na luta revolucionária devemos evitar a distorção dessa finalidade política, impedindo que a guerrilha urbana ou rural se transforme em instrumento do banditismo ou empregemos seus métodos.

5. ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO

a) A extensão continental do país, a diversidade da importância estratégica de suas áreas, além da desigualdade do movimento revolucionário e outros fatores determinam, em mais de um lugar, a existência ou aparecimento de centros revolucionários, que tem como cúpula uma coordenação regional. Tais centros revolucionários se dedicam à implantação de uma infraestrutura guerrilheira, desencadeiam a luta revolucionária e tem liberdade de ação tática e política em plano regional.

b) A direção estratégica e tática global de nossa organização, ou seja, a direção política e militar unificada, não surge de uma vez desde o primeiro momento. Ela se forma através de um processo permanente, em cujo desenvolvimento a luta armada assume a forma fundamental de guerrilha, indo do campo estratégico ao tático e do tático ao estratégico, até afirmar-se um conjunto de homens e mulheres identificados com a ação revolucionária e capazes de levá-la até as últimas consequências.

c) A unidade revolucionária de nossa organização é em torno dos princípios estratégicos, táticos e orgânicos que adotamos e não em torno de nomes ou pessoas.

É esta identidade de concepções ideológicas, teóricas e práticas que faz com que, em vários pontos do país, revolucionários desligados uns dos outros acabam fazendo coisas que os identificam como pertencendo à mesma organização.

O PAPEL DA AÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA ORGANIZAÇÃO

Maio de 1969*

Este trabalho é dedicado à nova esquerda e aos companheiros revolucionários e antifascistas europeus.

A nossa organização é a Ação Libertadora Nacional. O que ela hoje representa não o conseguimos de uma hora para outra, nem sem sacrifícios, mas através de um esforço decidido e abnegado. A esse esforço não faltaram a bravura e o desprendimento daqueles que tombaram, mortos no cumprimento do dever revolucionário, dos que foram arrastados às masmorras da reação e barbaramente torturados ou caíram assassinados pela polícia.

A ação revolucionária desencadeada por pequenos grupos de homens armados foi o grande esforço de onde proveio a nossa organização.

Já não resta dúvida, agora, depois de termos passado à ação revolucionária que é somente através dela que pode surgir a organização capaz de tornar a revolução vitoriosa.

Dessa ação revolucionária, do seu papel na organização, trataremos a seguir.

* As fontes usadas nesta publicação foram as versões originais do Arquivo BNM e a versão publicada no livro *“Imagens da revolução – documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971”* (Marco Zero, 1985). O mesmo texto de Carlos Marighella foi publicado em português com o título “O papel da ação revolucionária na constituição da organização revolucionária” e em francês como *“Du rôle de l'action révolutionnaire dans la constitution de l'organisation révolutionnaire”* na revista de política e cultura parisiense, dirigida por Jean-Paul Sartre, *Les Temps Modernes*, em novembro de 1969, na edição nº 280, ano 25, assim como, na *Revista Tricontinental*, no primeiro semestre de 1970, *Édition Française*, *“Hommage a Carlos Marighella”*.

1. AS PRIMEIRAS AÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Em 1968 não éramos ainda uma organização nacional. Éramos apenas um grupo revolucionário de São Paulo, não tínhamos praticamente nada. As nossas ramificações no território nacional eram quase inexistentes. Estávamos a partir da estaca zero, com um núcleo inicial de combatentes, e não tínhamos ainda realizado qualquer ação revolucionária que nos distinguisse dos numerosos grupos e organizações, até então empenhados em discussões improdutivas.

O nosso primeiro passo consistiu em sairmos a campo com um pequeno grupo de homens armados para uma ação expropriatória. Em virtude da ação revolucionária que travamos, criamos uma potência de fogo própria. Tudo o que conseguimos foi fruto da ação audaciosa e planificada de pequenos grupos revolucionários, que começaram com uma ou outra arma e foram aumentando o seu poder de fogo.

O que nos fez crescer foi a ação, única e exclusivamente a ação revolucionária. Baseados no princípio de que a ação faz a vanguarda, nós, na realidade, lançamo-nos às ações de guerrilha urbana, mas sem declarar que se tratava disto.

Ante as primeiras ações, o inimigo apanhado de surpresa supôs que enfrentava atividades de marginais. A partir daí, levou um ano em busca de pistas falsas. Quando descobriu o engano, e viu que se defrontava com uma ação revolucionária, era tarde. A guerra revolucionária estava desencadeada.

2. A GUERRA REVOLUCIONÁRIA E A NOSSA TRANSFORMAÇÃO NUMA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

As manifestações concretas da guerra revolucionária surgiram em 1968, nas grandes cidades brasileiras, através da guerrilha urbana e da guerra psicológica, prenunciadora da guerrilha rural no nosso país.

Com a guerra revolucionária, atacamos desde o início os interesses da ditadura militar e das classes dominantes e voltamo-nos contra o imperialismo norte-americano.

Mais tarde, fizemos ver às classes dominantes e ao imperialismo dos Estados Unidos que, da nossa parte, jogaríamos sobre eles os tributos da guerra revolucionária e suas implicações, tomando-lhes à força recursos e armas para o município da revolução.

A nossa estratégia revolucionária foi-se tornando mais clara no país à medida que aumentavam e se diversificavam as nossas ações na guerra revolucionária desencadeada.

Expropriando o governo e os grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, capturando armas e explosivos, prejudicando as iniciativas e a propaganda da ditadura, como no caso de sabotagem por bomba à exposição antissubversiva do Exército em São Paulo, atacando os bens e a propriedade dos imperialistas norte-americanos, participando em operações conjuntas para a punição dos espiões dos Estados Unidos, pusemos em prática, de fato e não por palavras, um plano concreto de combate ao inimigo.

Quanto à guerra psicológica, o que fizemos foi empregar contra a ditadura a técnica da desinformação e do rebate falso, contribuindo para levar o regime militar brasileiro quase ao desespero. Sobretudo depois que arrolhou a imprensa e os demais meios de comunicação social, vê-se num sobressalto constante para impedir a infiltração de qualquer notícia que pareça inconveniente aos interesses dos militares no poder.

Agindo dessa maneira, conseguimos num ano criar um volume razoável de ações diversificadas e caracterizar a nossa ação revolucionária como uma nítida ação libertadora antiditadura e anticapitalista.

A partir de então, as nossas forças, que não haviam cessado de crescer, tornaram-se maiores. Deu-se o aumento da nossa área de contatos de apoio político revolucionário. Fomos evoluindo, gradualmente, da condição de um grupo revolucionário até nos tornarmos uma organização com ramificações em todo o país.

A experiência brasileira sobre o papel da ação revolucionária na organização coloca-nos diante de duas conclusões importantes:

1ª) Uma organização revolucionária afirma-se pela ação que desenvolve;

2ª) O que faz a organização e lhe dá nome é a ação revolucionária.

3. SÍNTESE DO RESULTADO DAS PRIMEIRAS AÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

O desencadeamento da ação revolucionária no Brasil, através de pequenos grupos armados, quebrou os tabus existentes. Os argumentos inflexivelmente sustentados pelos oportunistas para negar as condições revolucionárias e a viabilidade da luta armada caíram por terra. Um ano após a deflagração revolucionária podemos assinalar os seguintes resultados:

- a) O nosso crescimento foi fruto da ação revolucionária;
- b) Criamos uma potência de fogo própria;
- c) Ganhamos um ano de vantagem sobre a reação, apanhando-a de surpresa com as expropriações e a captura de armas e explosivos, e evitando deixar rastros para não alertar sobre os nossos propósitos;
- d) Diversificamos as ações da guerra revolucionária, começando pela guerrilha urbana e a guerra psicológica, em vez de iniciar a luta através da guerrilha rural, o que teria atraído sobre ela a concentração das forças inimigas;
- e) Partimos do marco zero, passando da situação em que éramos um grupo, para uma situação em que nos tornamos uma organização nacional, agindo em seu próprio nome e identificando as suas ações.

4. CLIMA FAVORÁVEL AO NOSSO CRESCIMENTO E AO AVANÇO DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Enquanto realizávamos a guerrilha urbana com pequenos grupos de homens armados, o movimento estudantil ganhava a praça pública, dando combate à ditadura e lançando mão de táticas de luta de rua, que cada vez mais desmoralizavam o inimigo.

Tanto a nossa luta como a dos estudantes convergiam para o mesmo ponto, e os nossos esforços, na prática, apareciam somados. A área urbana foi, assim, motivada no país inteiro e as forças da ditadura tiveram que se empenhar a fundo no combate à guerra revolucionária.

Não tiveram dúvidas, então, em dar fim à controlada situação militar. Recorrendo à técnica do golpe dentro do golpe, desfecharam um novo golpe fascista em 13 de dezembro de 1968 e decretaram o Ato Institucional nº 5.

As novas medidas de combate à guerra revolucionária estão contidas no referido Ato Institucional nº 5, no relatório do general fascista Jaime Portela, chefe da Casa Militar do governo, e na nova Lei de Segurança Nacional. Tratam-se de medidas fascistas voltadas abertamente contra os atos revolucionários.

E pela primeira vez a ditadura menciona, nas suas leis, como atos revolucionários, o terrorismo, assaltos a bancos, justicamento de espões estrangeiros, ataques a quartéis, desvio e captura de armas e explosivos.

Na tentativa de impedir os atos revolucionários com o auxílio de leis de extrema violência, o inimigo tornou-se mais cruel, desencadeando um terror policial que nada fica a dever aos nazistas. A crueldade dos fascistas que detêm o poder favoreceu o clima de guerra revolucionária, arrastando contra os militares brasileiros e a atual ditadura um número cada vez maior de inimigos.

Os gorilas veem-se, por conseguinte, diante de um aumento considerável de descontentamento popular, defrontando-se com obstáculos cada vez maiores para justificar a política da ditadura. É dentro deste clima que a nossa organização vai ganhando terreno. O golpe fascista de dezembro não conseguiu deter a guerra revolucionária, nem paralisar o nosso avanço, a despeito do terror policial, das torturas e assassinatos dos militantes revolucionários.

5. CONFRONTO DAS EXPERIÊNCIAS DO PROCESSO DE CRESCIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

Entre as várias maneiras de crescimento das organizações revolucionárias há duas que se destacam. Uma delas é levada à prática através do proselitismo, preparando quadros políticos incumbidos de fazer proselitismo, discutir documentos e programas.

Esta maneira, já tradicional no Brasil, era própria das organizações que buscavam soluções políticas, acordos e entendimentos com personalidades ou grupos burgueses, visando enfrentar o inimigo dentro dos quadros do regime vigente e sem pretensão de modificá-lo na prática. Na maior parte das vezes, o militante recrutado através do proselitismo abandona as fileiras em que ingressou ao sentir que foi enganado com palavras.

As organizações revolucionárias que se dedicaram ao proselitismo no transcurso de 1968 não conseguiram avançar. A outra maneira do crescimento das organizações revolucionárias que rejeitam o proselitismo é dar ênfase ao desencadeamento das ações revolucionárias, apelando para a violência extrema e o radicalismo. Foi esta a maneira que preferimos, por ser a mais convincente, quando se trata de derrubar a ditadura com a força das massas e através da luta armada, repudiando o jogo político das personalidades e grupos burgueses.

Quando utilizamos o método da ação revolucionária, os elementos que vêm às nossas fileiras só o fazem porque desejam lutar e sabem que não encontrarão outra alternativa entre nós senão a luta prática e concreta.

Sendo o nosso caminho o da violência, do radicalismo e do terrorismo (as únicas armas que podem ser antepostas com eficiência à violência inominável da ditadura) os que afluem à nossa organização não virão enganados, e sim, atraídos pela violência que nos caracteriza.

Contribuiu muito para confirmar o acerto da nossa posição a participação dos estudantes na luta antiditadura. Durante o ano de 1968 o inimigo empregou contra o movimento estudantil e contra as massas uma potência de fogo cada vez maior, provocando um número crescente de baixas entre os combatentes de rua, em geral desarmados.

A experiência mostrou, então, que as nossas táticas de pequenos grupos de homens armados, incluindo expropriações e captura de armas e explosivos, eram as que, apesar das suas limitações, podiam enfrentar a superioridade da potência de fogo do inimigo.

O emprego das ações de pequenos grupos armados não exclui a luta de massas nem as ações de massa. Prova, entretanto, que sem potência de fogo e sem homens armados, nada podemos fazer contra a ditadura.

A rejeição do proselitismo e a concentração do nosso esforço fundamental na ação revolucionária, visando a criação de uma potência de fogo, tiveram um efeito decisivo no nosso crescimento. Vendo que só nos preocupávamos com a ação, muitos revolucionários dispostos a lutar até o fim vieram incorporar-se às nossas fileiras.

6. CRÍTICAS E OBJEÇÕES SURGIDAS CONTRA NÓS EM CERTOS MEIOS REVOLUCIONÁRIOS

O nosso aparecimento no cenário revolucionário brasileiro, com uma filosofia marcadamente oposta ao tradicionalismo convencional no país e baseada na prática da violência e da ação armada contra as classes dominantes e o imperialismo norte-americano, foi assinalado por críticas e objeções surgidas em certos meios revolucionários.

Tais objeções giravam em torno das seguintes questões:

a) que não dispúnhamos de qualquer estratégia e que não sabíamos o que fazer;

b) que éramos exclusivistas, isto é, só falávamos em guerrilha e nada mais;

c) que éramos partidários do foco, e como tal íamos fracassar e ser esmagados pela reação, prejudicando a revolução brasileira;

d) que não dávamos importância à luta de libertação nacional, não estando assim, positivados, quais o sentido e o conteúdo da nossa ação;

e) que não tínhamos nenhum trabalho de massa, subestimávamos tal atividade, e estávamos, por isso, isolados do povo;

f) que não constituíamos uma organização de caráter revolucionário;

g) que pretendíamos fazer a luta sozinhos e não dávamos importância à frente única.

Enquanto se desenrolava o ano de 68 e a luta revolucionária se intensificava com a nossa participação concreta, muitos dos que nos criticavam ficavam para trás, pois, ou eram desprovidos de capacidade de ação ou cometiam erros graves, que os levariam à beira do desastre. O que nos credenciou para rebater ao vivo as críticas infundadas foi a nossa ação revolucionária, toda ela baseada num plano estratégico.

7. O NOSSO PLANO ESTRATÉGICO

Sempre tivemos estratégia, e não fosse assim, jamais teríamos evoluído da situação de um grupo reduzido de companheiros para a situação de uma organização com ramificações nacionais, tanto na área urbana como na área rural.

Quando surgimos como grupo, já possuíamos uma estratégia (e uma tática subordinada a essa estratégia) e já tínhamos os nossos princípios de organização. Tudo isso foi claramente expresso no documento que assinou o nosso aparecimento e que foi publicado no primeiro número de “O Guerrilheiro”, nosso órgão oficial, lançado em circulação em abril de 1968.

O documento a que nos referimos tem o título de “Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo”. A este pronunciamento seguiu-se mais tarde a publicação do trabalho intitulado “Algumas questões sobre as guerrilhas no Brasil”. Este trabalho constitui o plano estratégico global que se-

guimos até hoje. Aqueles que o relerem agora verão que não nos afastamos dele um milímetro sequer. Dizemos ali que a guerrilha no Brasil é uma estratégia revolucionária e que o seu êxito depende da execução rigorosa de três fases: a do planejamento e preparação da guerrilha; a do lançamento da guerrilha, e por último, a da transformação da guerrilha em guerra de movimento, com a formação e o aparecimento do exército revolucionário de libertação nacional.

Foi trabalhando de acordo com este plano estratégico que chegamos à fase atual já com a guerrilha urbana desencadeada e ultimando a fase preparatória do lançamento da guerrilha rural.

Ao findar o ano de 1968, resumimos as nossas experiências de estratégia e tática revolucionária nos trabalhos cujos títulos enumeramos abaixo: “Operações e táticas guerrilheiras”, “Sobre problemas e princípios estratégicos”, “Sobre a unidade dos revolucionários”, “Questões de organização”.

8. OS PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS FUNDAMENTAIS DA NOSSA ORGANIZAÇÃO

Desde que aparecemos, temos tido o cuidado de não ocultar os nossos objetivos políticos e revolucionários. Jamais deixamos de assinalar que o meio fundamental para a conquista do poder é a guerra revolucionária. Por isso mesmo, na nossa trajetória, a partir do nosso surgimento, temos seguido à risca e continuaremos a seguir os princípios abaixo:

a) Admitimos a possibilidade de conquistar o poder e expulsar o imperialismo através de uma estratégia de guerra de guerrilhas. Na atual fase da crise geral do capitalismo em que não nos defrontamos com uma guerra mundial, é esta a única estratégia a ser aplicada.

b) Admitimos que a guerrilha se incorporou definitivamente à vida dos povos como a própria estratégia da sua libertação. É através da guerrilha que criaremos o exército revolucionário de libertação nacional, o único capaz de aniquilar as forças militares dos gorilas.

Fazendo parte da guerra revolucionária, a guerrilha é o caminho fundamental da luta armada para destruir a oligarquia e levar as massas ao poder. Os que dizem que só falamos em guerrilha e que, por isso, somos exclusivistas, dificilmente podem esconder atrás de tal conceito uma concepção oportunista sobre a emancipação do povo brasileiro. Na verdade, aceitam a tese da guerrilha apenas para constar, e somente como um meio para efetuar negociações e acordos políticos em torno de eleições e outras saídas conciliatórias de caráter burguês.

Para nós, ao contrário, a guerrilha tem exatamente a finalidade de não permitir qualquer negociação política de conciliação com a burguesia em detrimento dos interesses de classe dos operários, camponeses e seus aliados e em prejuízo da revolução destinada realmente a expulsar o imperialismo do país e eliminar os obstáculos para o socialismo.

c) O nosso combate ao imperialismo é enfrentado sob formas novas e com características próprias e por não nos preocuparmos em abrir no Brasil qualquer foco guerrilheiro.

O caminho que seguimos é o da estratégia global, que tem como finalidade o desenvolvimento da guerra revolucionária em tríplice aspecto de guerrilha urbana, guerra psicológica e guerrilha rural.

O nosso esforço principal concentra-se a favor da guerrilha rural; não um foco, mas o resultado da implantação da infraestrutura guerrilheira, por onde quer que apareça e se desenvolva a nossa organização revolucionária.

Partindo do fato de que o Brasil é um país continental pela imensidade da sua área, encaramos a guerrilha como guerra de movimento e não como foco.

d) A tarefa estratégica fundamental da guerrilha urbana é – segundo o nosso ponto de vista – libertar o Brasil e expulsar o imperialismo norte-americano. A nossa luta é de libertação nacional e antioligárquica, por isso mesmo anticapitalista.

O inimigo principal do nosso povo é o imperialismo norte-americano. Dado, porém, o entrelaçamento dos imperialistas norte-americanos com os grandes capitalistas e latifundiários brasileiros, não é possível libertar o país sem ao mesmo tempo expulsar do poder esses grandes capitalistas e latifundiários e substituí-los pelo povo armado, instaurando o governo popular-revolucionário.

9. TRABALHO DE MASSA E LIGAÇÃO COM O POVO

Nas atuais condições do Brasil, há entre os revolucionários duas concepções distintas sobre o trabalho de massa e ligação com o povo. Uma dessas concepções é a das organizações que partem das reivindicações imediatas e através dessa atividade procuram ganhar as massas para a revolução.

A ditadura militar, porém, não admite a luta reivindicatória e emprega contra ela decretos proibitivos e leis de exceção e, sobretudo, uma potência de fogo crescente, não vacilando em reprimir à bala manifestações de rua.

As organizações que restringem a sua atividade ao trabalho de massa, através da luta reivindicatória e tendo em vista a sua transformação em luta política, terminam reduzidas à impotência diante da superioridade armada do inimigo.

A outra concepção sobre o trabalho de massa e ligação com o povo é a das organizações cuja preocupação fundamental consiste em partir para a luta armada, visando enfrentar a ditadura através de uma potência de fogo, ainda que pequena, mas manejada pelos revolucionários e pelos movimentos de massa. Em torno dessa potência de fogo, que surge do nada e vai crescendo pouco a pouco, a massa aglutina-se, constrói a sua unidade e marcha para a tomada do poder. A essência de tal concepção consiste em proclamar a importância do movimento de massas em função do crescimento da luta armada.

Segundo este ponto de vista, o movimento de massas não tem condições de subsistir se não estiver escudado na sua própria potência de fogo e na potência de fogo de revolucionários.

A nossa organização segue esta concepção revolucionária, e nem por isto pode ser acusada de subestimar o movimento de massas. Em política é preciso avaliar o acerto ou desacerto das posições segundo os resultados no meio do povo. As organizações que nada fazem em virtude da impossibilidade de conduzir a luta reivindicatória ficam para trás e são esquecidas.

As organizações – como a nossa – que empregam a violência e a luta armada são as que conseguem fazer alguma coisa e acabam captando a simpatia e a confiança das massas. São estas que têm ligação com o povo.

10. O CARÁTER REVOLUCIONÁRIO DA NOSSA ORGANIZAÇÃO

O caráter revolucionário da nossa organização resulta antes de mais nada do fato de que toda a nossa ação é revolucionária e aspira à tomada do poder pela violência da guerra revolucionária. Os nossos métodos e formas de organização são subordinados à ação revolucionária e nada aceitamos que possa entrar ou limitar essa ação.

Eliminamos da nossa organização o sistema complexo da direção que abrange escalões intermediários e uma cúpula numerosa, pesada e burocrática. A nossa função principal não é fazer reuniões, e sim, desencadear a ação, para a qual se exige sempre rigoroso planejamento.

Na nossa organização é obrigatório planificar bem qualquer operação, a fim de nunca nos determos a meio caminho e irmos até as últimas consequências. Não realizamos nenhuma ação que não seja com a certeza e a decisão de alcançar o êxito previsto. Não participamos em nenhuma operação por espírito desportivo nem pelo desejo de nos exibirmos.

A nossa organização repousa maciçamente nos seus grupos revolucionários e na sua capacidade de fogo, nos homens que estão aptos no manejo dessa capacidade de fogo e à realização de operações e táticas de luta armada do povo.

Não há entre nós separação entre o político e o militar. Na guerra revolucionária brasileira não temos comissários políticos que assessoram os quadros militares. Todos os membros da organização são obrigatoriamente as duas coisas ao mesmo tempo e preparam-se para isso desde o primeiro momento. Os que não conseguem ser políticos e militares simultaneamente têm poucas condições de sobrevivência na nossa organização, tal é o seu tipo de ação.

Em particular para os que militam na nossa frente de massas ou na nossa frente logística; o problema não muda de figura. Estas duas frentes têm uma importância considerável na guerra revolucionária, e os seus militantes devem esforçar-se por adquirir conhecimentos políticos e militares, mes-

mo de natureza muito elementar, sob pena de não poderem acompanhar o ritmo de desenvolvimento da organização e aplicar a sua linha.

Os princípios, métodos e formas de organização que aplicamos não deixam dúvidas quanto ao caráter revolucionário da nossa organização.

11. AÇÃO REVOLUCIONÁRIA E FRENTE ÚNICA

Não somos a única organização que luta no Brasil. Muitas outras organizações incluem a luta armada nos seus programas. Não obstante existirem no nosso país tantas organizações pregando a luta armada, a guerra de guerrilhas ou a guerra revolucionária, só foi possível surgir qualquer coisa de concreto quando nos decidimos a empregar a tática de pequenos grupos armados para iniciar a ação revolucionária.

Ao contrário de vários países onde ocorreu ou ocorre a luta armada, no Brasil a luta revolucionária de armas na mão não surgiu da frente única. Para os revolucionários brasileiros, a frente única é uma necessidade. Mas no nosso caso, dada a disparidade de colocações e proposições das organizações revolucionárias, a frente única era impossível antes do surgimento da primeira ação armada.

Pela nossa parte, cumprimos o nosso dever revolucionário, e lançamo-nos à ação de armas na mão na área urbana, ainda que fôssemos acusados de precipitação e aventura.

Desencadeada a luta, está aberto o caminho revolucionário. Com a potência de fogo que os revolucionários põem em ação no Brasil é possível agora chegarmos à frente única.

A criação e o fortalecimento da potência de fogo revolucionário, bem como a sua atividade permanente, é que permitem a aglutinação das forças que lutam de armas na mão.

Frente única é potência de fogo, é ação revolucionária e nada mais. A nossa organização, entretanto, não é uma frente única. A sua estrutura, disciplina, métodos, princípios e formas não se confundem com a frente única.

Para estruturar tal frente única estamos dispostos a fazer todos os esforços, porque tentamos aumentar a nossa potên-

cia de fogo e aumentar o volume das ações revolucionárias que levamos à prática. Também temos procurado sistematicamente divulgar os nossos critérios para conseguirmos a frente única, e é com tais propósitos que prosseguimos na luta armada no nosso país.

12. FALHAS DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO E PERSPECTIVAS DE LUTA NO NOSSO PAÍS

A falha capital do movimento revolucionário brasileiro é a dispersão das organizações revolucionárias e a disparidade das suas colocações e objetivos.

Dentro desse quadro trava-se uma luta intensa pela disputa da liderança. Tacitamente cada organização reivindica para si a liderança da revolução, o que dificulta encontrar um denominador comum entre as que se propõem a lutar contra o nosso inimigo. Este é um fenômeno objetivo da revolução brasileira e das condições particulares em que ela se desenvolve.

É difícil encontrar a verdade, fora do critério concreto da prática. E foi para a prática que tivemos que apelar, a fim de chegarmos a algum resultado. Lançada a luta armada de pequenos grupos revolucionários na área urbana, começou o processo de seleção das organizações com capacidade de ação ou desprovidas de meios para tal.

Ainda há quem prossiga na disputa de liderança, mas agora já se luta de armas na mão e é impossível pretender exercer qualquer papel de líder apelando para discussões, como as que geralmente eram propostas, em torno de papéis escritos, programas subjetivos e colocações doutrinárias, desligadas da realidade social brasileira.

No prosseguimento dessa disputa de liderança, circula no Brasil a tese de que aquele que der o primeiro tiro arrastará os demais. Esta tese errônea leva a que, na atual fase de luta, algumas organizações e grupos frequentemente incorram em precipitações, marchando para ações superiores às suas for-

ças ou inadequadas para o momento. Os erros de tal natureza, em geral, são fatais e provocam invariavelmente sérios desastres com prisões, perdas de homens e armas e até destruições de grupos e organizações.

A questão no Brasil não está no mito de quem der o primeiro tiro. Aliás, o primeiro tiro já foi dado, pois encontramos em pleno curso da guerra revolucionária. O problema mais importante para nós consiste em que cada um cumpra o seu dever, e o dever de todo revolucionário é fazer a revolução.

Nenhuma organização revolucionária assume a liderança só pelo fato de se intitular líder ou se investir dessa função. Antes que cheguemos a estabelecer a indispensável liderança da revolução brasileira, é preciso aumentar o volume das ações revolucionárias e atingir um ponto capaz de abalar a máquina burocrático-militar do Estado brasileiro. Tal é o objetivo e é impossível alcançá-lo através da atividade de uma só organização.

Outra falha do movimento revolucionário brasileiro é a sua inexperiência. O movimento revolucionário no nosso país é muito jovem. O seu passado recente remonta ao ano de 1968, quando foi desencadeada a guerrilha urbana. É também um movimento integrado por jovens dos dois sexos. Entre os componentes, além da mulher brasileira, que até então não participava na ação revolucionária, mas que agora se incorporou nela, encontram-se estudantes, operários, camponeses, intelectuais, artistas, homens de profissões liberais. Todos esses componentes do movimento revolucionário do nosso país só a partir de 1968 se defrontaram com os complexos e sérios problemas de ordem revolucionária gerados por um tipo de luta a que não estávamos habituados, como seja enfrentar com armas na mão o inimigo, partindo de uma situação em que não tínhamos nada, nem armas, nem recursos.

A inexperiência tem nos levado a alguns erros e fracassos, inclusive na nossa organização, a Ação Libertadora Nacional. Tanto o erro como o fracasso são, porém, fontes de ensinamentos e ainda que não seja desejável errar, quando isso acontece é preciso saber extrair daí as devidas limitações.

O movimento revolucionário do nosso país ressentese igualmente da falta de elementos técnicos, de combatentes treinados no conhecimento de armas modernas e o seu manejo. O aperfeiçoamento técnico do combatente não se consegue de uma hora para outra, pede tempo, e é este fator que não nos permite avançar com maior rapidez e transformar com a urgência necessária a qualidade da luta que empreendemos contra o imperialismo norte-americano e a ditadura militar.

A perspectiva no Brasil é de uma luta prolongada, para cujo desfecho não há pressa nem há prazos. Iniciamos a guerra revolucionária com a guerrilha urbana marchando lenta, mas sistematicamente, atacando os interesses dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, levando a insegurança e a incerteza às classes dominantes, desgastando e desmoralizando as forças militares dos gorilas.

Da área urbana passaremos à luta armada direta contra os latifundiários, através da guerrilha rural. Da aliança armada de operários e camponeses com estudantes, através da guerrilha móvel no campo, cruzando o interior do Brasil em todas as direções chegaremos ao exército revolucionário de libertação nacional e ao confronto com o exército convencional da ditadura militar.

A conquista do poder e a instauração do governo popular-revolucionário são os nossos grandes objetivos, segundo os entendemos na Ação Libertadora Nacional.

Expulsaremos então os norte-americanos do país. Confiscaremos as empresas de capital privado nacional que colaborem com os norte-americanos. Confiscaremos a propriedade latifundiária e levaremos às últimas consequências a revolução agrária, libertando o campesinato. Retiraremos o Brasil da condição de satélite da política dos Estados Unidos, tornando-nos independentes da política dos blocos militares, seguindo uma linha de nítido apoio aos povos subdesenvolvidos e em luta contra a colonização.

AS PERSPECTIVAS DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

*Setembro de 1969**

Durante muitos anos o movimento revolucionário brasileiro não conseguiu progredir, porque estava apegado a modelos e métodos convencionais. O convencionalismo só foi abandonado em 1968. Um ano antes, no desenrolar da Conferência da OLAS, em Havana, esse convencionalismo sofrera um impacto.

Nas “Cartas de Havana” não só foi combatido o convencionalismo. Ali também foi apresentada uma opção para o movimento revolucionário brasileiro, através da preconização da estratégia da guerrilha como método para alcançar o poder.

O objetivo das “Cartas de Havana” não era cindir o Partido Comunista Brasileiro. Nem era arrastar a maioria do Partido ou mesmo uma pequena parcela dos seus militantes para a luta armada. Também não pretendíamos organizar outro partido comunista para substituir aquele que fracassara. Nosso único e exclusivo objetivo era reunir sob a bandeira da luta armada e da luta de guerrilha, revolucionários brasileiros de todos os grupos e de todos os matizes, aplicando o marxismo-leninismo às condições peculiares da realidade brasileira.

* Texto de Carlos Marighella datado de setembro de 1969, recuperado a partir da fonte original disponível no Arquivo BNM, foi apreendido e registrado pelo DOPS em fevereiro de 1970, juntamente com outros documentos e textos da organização em São Paulo, com a militante da ALN, Maria Luiza Locatelli Beloque. Foi publicado também em espanhol na edição nº 37 da revista *Pensamiento Crítico*, em fevereiro de 1970, págs. 87-92 (Havana, Cuba).

A ESCALADA REVOLUCIONÁRIA

Os resultados foram positivos. Começou, assim, no Brasil, a escalada da guerra revolucionária. Essa escalada se compõe de três degraus. O primeiro é a guerrilha urbana. O segundo é a guerrilha rural. O terceiro é o exército revolucionário de libertação do povo. Cada degrau escalado serve de preparação para a escalada do degrau superior.

Já escalamos o primeiro degrau. A guerrilha urbana foi desencadeada. Fizemos dos assaltos a bancos uma modalidade popular de ação revolucionária. Os grupos revolucionários justicaram o espião norte-americano Charles Chandler. Tomaram à mão armada a Rádio Nacional de São Paulo e irradiaram para o país um manifesto revolucionário. Sequestraram o embaixador norte-americano Charles Elbrick e fizeram ver ao povo brasileiro e ao mundo todo que o imperialismo norte-americano é o nosso principal inimigo.

A ENCRUZILHADA

Atingido o ponto em que estamos, verificamos que os militares se encontram numa encruzilhada. Conforme prevíamos, a situação política do Brasil se transformou numa situação militar. O que eles chamam de “classe política” acabou na marginalização. Os militares decidem tudo.

Entretanto, a inflação não foi dominada, a moeda nacional se desvalorizou ao limite mais inexpressivo. Os preços, os aluguéis, os impostos são exorbitantes. Os salários caíram aos níveis mais baixos. Os problemas de estrutura se agravaram. O país está mergulhado numa crise crônica e a crise política é permanente. O regime da ditadura militar nem ao menos procura encobrir-se com qualquer máscara. Não há liberdade de imprensa. O acesso às fontes de informação está proibido. A censura é o lema fundamental do governo. As cadeias estão cheias de presos políticos. O Brasil tem campos de concentração. A ditadura militar transformou os quartéis em sedes de Gestapo brasileira e em câmaras de torturas.

Com a atividade dos grupos armados revolucionários, esses fatores acabaram se tornando conhecidos do povo.

A PENA DE TALIÃO

Vendo que estão se desgastando, os militares se desdobram, na tentativa de salvar as forças armadas e justificar o poder militar. Agora aparecem dizendo que não há diferença entre os que usam farda e os que não a usam, e que uns e outros devem combater o terrorismo. A verdade, porém, é que os privilégios são para os que vestem farda e ocupam os cargos públicos. Ou para os militares que se destacam com a corrupção, como é o caso de Andreazza. A podridão corrói as forças armadas, e o povo naturalmente não vê nenhuma vantagem em acreditar na palavra de ordem de unidade dos fardados com os não fardados.

Os militares partidários de maior “endurecimento”, por sua vez, justificam a decretação de banimento e da pena de morte com o pretexto de que os revolucionários estão sequestrando e justificando. Estes militares omitem o fato de que foram eles que começaram matando, pois introduziram o método de assassinato político desde 1964, quando deram o golpe que derrubou João Goulart. De lá para cá, quantos patriotas foram assassinados pelos militares? Quantos tiveram direitos políticos suspensos e perderam empregos? Quantos foram parar no exílio? A lista dos patriotas assassinados pela ditadura é muito grande. Só de 1968 até agora eles já liquidaram Edson Souto, Marco Antônio Brás de Carvalho, Nelson José de Almeida, “Escoteiro”, o sargento João Lucas Alves, o estudante José Wilson Sabag e muitos outros.

Esta é a razão por que os revolucionários se acharam no direito de aplicar a pena de talião, e daí porque nossa resposta tem sido e será: olho por olho, dente por dente.

A “ABERTURA POLÍTICA”

Os militares mais temerosos das represálias dos revolucionários contra os crimes da ditadura querem outra saída. Propõem fazer a “abertura política”. Quer dizer, são pela abertura do Congresso. Mas esta é uma nova chantagem dos militares, o Congresso não representa nada. Os parlamentares já foram cassados em grande número, e os que forem convocados não farão outra coisa senão representar o papel de eunucos da ditadura militar, como aliás já faziam antes do recesso.

Os revolucionários brasileiros combatem a farsa da “abertura política” e não darão trégua à junta militar e à ditadura, prosseguindo com a guerrilha urbana e a guerra de desgaste. Nada nos fará desistir de continuar empunhando armas e de atacar com pequenos grupos de homens armados.

A DIVERSIDADE DOS GRUPOS

A ditadura militar e os ideólogos norte-americanos estão muito preocupados com a diversidade dos grupos revolucionários brasileiros e querem saber quem os inspira.

A diversidade dos grupos revolucionários brasileiros é uma peculiaridade de nossa revolução e uma consequência de nossas condições histórico-sociais. Essa diversidade decorre, também, da necessidade de enfrentar o inimigo através de organizações fragmentárias e não através de uma única organização compacta, que seria facilmente destruída pela polícia.

Os grupos revolucionários armados continuarão proliferando, enquanto tivermos que enfrentar um inimigo poderoso e armado até os dentes, como é a ditadura militar, associada e mancomunada com o imperialismo norte-americano.

Cada vez que a polícia afirma que um grupo revolucionário foi destruído, muitos outros já estão em plena ação ou em vias de se constituírem para o prosseguimento da atividade revolucionária.

AS FONTES DE RECRUTAMENTO

As fontes de recrutamento dos grupos revolucionários são inesgotáveis, a começar pelos estudantes.

Os operários, por sua vez, quando intensificarem as greves com ocupações de fábricas e sequestros de patrões e gerentes, serão outra grande fonte de recrutamento para os grupos revolucionários armados. O mesmo acontecerá com os camponeses, quando começarem a se armar às custas dos latifundiários, expropriando suas armas e munições, expropriando ou matando para comer o gado dos grandes pecua-

ristas, das invernadas e frigoríficos, incendiando as plantações dos grandes fazendeiros, invadindo suas terras, matando grileiros e justificando norte-americanos, donos de grandes fazendas no interior do país.

A INSPIRAÇÃO DOS GRUPOS

Não é difícil ver que a inspiração dos grupos revolucionários é anticapitalista e anti-imperialista. Cuba, Vietnã, o socialismo são os nossos polos de atração. Os grupos revolucionários, porém, não recebem orientação do estrangeiro.

Para assaltar bancos, capturar armas, desertar dos quartéis com armas e munições, libertar prisioneiros políticos, sequestrar embaixadores, justificar espíões, etc., os revolucionários brasileiros não precisam recorrer a seus irmãos de outros países.

Em nosso "Minimanual do Guerrilheiro Urbano" sistematizamos as experiências da guerrilha urbana brasileira, e todos podem ver que tais experiências são tipicamente brasileiras. O dever de cada povo é fazer sua revolução. O povo cubano fez a sua. O povo do Vietnã dá o exemplo na guerra contra os Estados Unidos, a nação agressora. Nós, brasileiros, devemos fazer a nossa revolução e seguir o exemplo dos que se libertaram.

Somos patriotas e internacionalistas proletários, e queremos unidade e a solidariedade dos povos que lutam pela sua libertação. Por uma questão de princípios, somos solidários com a revolução cubana e compreendemos que a revolução brasileira já encontrou o caminho aberto com a vitória daquela revolução. Cada êxito da revolução cubana, cada vitória do povo do Vietnã contra o agressor norte-americano ajuda a revolução brasileira, que segue seu próprio caminho.

Somos noventa milhões de brasileiros, massacrados pela ditadura militar e pelo imperialismo norte-americano. Com tamanho potencial humano e uma área geográfica continental, temos reservas suficientes e condições para derrotar o inimigo, usando recursos brasileiros e seguindo uma estratégia revolucionária inteiramente adequada à realidade concreta do país.

A UNIDADE DOS REVOLUCIONÁRIOS

Daqui por diante a unidade dos revolucionários brasileiros passa a ter uma importância muito maior.

A unidade já existe em torno de duas questões. A primeira é que todos os grupos revolucionários estão lutando não para substituir os militares por um poder civil ou por outro poder burguês-latifundiário. Todos os grupos revolucionários estão lutando pela derrubada da ditadura militar e pela mudança de regime. Todos querem que a atual estrutura de classes da sociedade brasileira seja transformada, e que o aparelho burocrático-militar do Estado seja destruído, para em seu lugar ser colocado o povo armado.

A segunda é que todos os grupos revolucionários querem expulsar do país os norte-americanos.

Os 15 presos políticos levados para o México em troca da liberdade do embaixador norte-americano Charles Elbrick simbolizam a unidade revolucionária em torno desses dois pontos.

PROGRAMA DE UNIDADE

Os revolucionários brasileiros e todo nosso povo devem reforçar o seu trabalho pela união, adotando uma estratégia comum de luta de guerrilhas e seguindo um programa de unidade.

A realidade brasileira mostra que um programa de unidade abrange necessariamente os seguintes pontos:

1. Derrubar a ditadura militar, anular todos os atos institucionais desde 1964, formar um governo revolucionário do povo com todas as forças que ajudarem a derrubar a ditadura.

2. Expulsar do país os norte-americanos, confiscar seus bens e propriedades e de todos os que com eles colaborem.

3. Extinguir o latifúndio, expropriar os latifundiários, dar terra ao camponês, libertá-lo da opressão e da miséria, valorizando o homem brasileiro.

4. Estabelecer a liberdade no país, extinguir a censura, transformar e melhorar as condições de vida do povo, liquidando a política de aumento de preços, impostos e aluguéis, enquanto os salários só fazem baixar.

5. Reatar relações com Cuba e todos os demais países socialistas, retirando o Brasil da condição de satélite dos Estados Unidos e seguindo uma política externa independente.

A NOVA ESCALADA

Os revolucionários brasileiros precisam constituir a espinha dorsal de sua revolução, adotando métodos revolucionários provados na prática, seguindo uma estratégia que coloque em primeiro plano a guerrilha rural e persistindo na formação de um exército revolucionário. Agora, devemos passar a lutar no campo, sem deixar de lutar na área das cidades e tornando mais agressivas e diversificadas as ações da guerrilha urbana.

O segundo degrau da guerra revolucionária está à nossa frente. O inimigo dá provas de que perdeu a cabeça, as forças armadas da ditadura militar afundam-se na indisciplina, na perplexidade e na incerteza.

É chegado o momento da nova escalada, com o lançamento da guerrilha rural.

ENTREVISTA À REVISTA FRONT

Novembro de 1969*

“O Brasil será um novo Vietnã”, declarou ao nosso enviado especial, Conrad Detrez, o líder revolucionário brasileiro, Carlos Marighella, na entrevista que concedeu antes da sua morte.

Em fins de setembro, em certa localidade de uma grande cidade brasileira, nosso enviado especial se encontrava com Carlos Marighella, o líder da nova vanguarda revolucionária do Brasil. Registrava a primeira entrevista concedida a um jornal europeu. E será a última. Hoje, publicamos nos jornais, Carlos Marighella morreu, abatido pela polícia brasileira.

A entrevista que publicamos tem, portanto, maior importância ainda. E é propositalmente que a conservamos tal como havia sido inicialmente redigida, apesar do destino trágico que fez caducar algumas das informações iniciais. Marighella é “inatingível”, escrevíamos. Era verdade, e no entanto, ele foi capturado – provavelmente porque a tortura fez afrouxar alguns dos seus camaradas. O inimigo, provisoriamente, foi o mais forte. E isso é uma informação essencial, nada mais, mesmo porque “considerando que outra mão se levante e outra voz reentoe o canto de guerra”.

Che Guevara morre assassinado a 8 de outubro de 1967. Antes de decorrido dez dias, em Havana, Carlos Marighella redige um pequeno trabalho de uma quinzena de páginas, no qual define os princípios básicos, que condicionam, conforme seu ponto de vista, o lançamento, o desenvolvimento e o sucesso da luta de guerrilha no Brasil. Dedicamos ao “heroico guerrilheiro” cujo “exemplo permanecerá e frutificará em toda A-

* Entrevista realizada em São Paulo, em setembro de 1969, pelo jornalista franco-belga Conrad Detrez para a revista mensal de política internacional *Front*, e publicada em francês na edição nº 3, em novembro de 1969. A íntegra da entrevista foi traduzida e revisada a partir das fontes no Arquivo BNM, Arquivo Nacional e da versão integral em francês publicada em *Pour la libération du Brésil*.

mérica Latina”. O golpe de partida foi dado; o dirigente que acaba de romper com o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro preferiu continuar a luta iniciada pelo ex-braço direito de Fidel Castro no coração do continente. Ele vai substituí-lo, mas não o imitará; é preciso sair do impasse a que foram levados pela famosa “teoria do foco” sistematizada por Régis Debray, que um pouco, em toda parte, está sendo posta em questão. A superação do “foquismo” não será realizada em reuniões ou em gabinetes, mas nas ruas e na ação. Carlos Marighella tem em mente algumas noções claras: guerrilha urbana, guerrilha rural, mobilidade, guerra de movimento. Por volta do final do ano de 1967, ele entra clandestinamente no Brasil para aí fundar, sob o nome de Ação Libertadora Nacional, grupos dispostos a desencadear com ele a luta armada. A partir de setembro-outubro de 1968, os ataques contra os bancos, quartéis e propriedades de agentes do imperialismo norte-americano multiplicam-se no Rio, São Paulo e Belo Horizonte. A guerrilha urbana começou. Golpes espetaculares ocorreram: o assassinato do capitão Chandler, agente da CIA, a ocupação de estações de rádio e a difusão de mensagens revolucionárias, a libertação de um grupo de militantes da prisão central no Rio, o sequestro em pleno dia, no centro da cidade, do embaixador dos Estados Unidos. “E ações ainda mais importantes se seguirão”, disse-me o próprio Marighella.

Encontrei-o no subúrbio de uma das grandes cidades do país. Há um mês que esperava até que a entrevista foi concedida. Pela primeira vez, desde sua entrada no Brasil, ele aceita responder às perguntas de um jornalista. Mas esse encontro não poderá ser realizado senão quando as condições de segurança forem suficientes; por volta do final de setembro. Todas as polícias o procuram, em colaboração com a CIA e agentes do FBI, chegados no dia seguinte do sequestro do embaixador. Não será fácil encontrá-lo. Guevara foi preciso ser encurralado em um recanto perigoso do solo bolivariano. Marighella encontra-se, um dia no Rio, dois dias após em São Paulo, no quinto dia em Porto Alegre, na semana seguinte em Belo Horizonte, depois em Brasília ou Recife, cidades de mais de 1 milhão de habitantes. Imaginem um homem que na segunda-feira estivesse em Londres, na quarta em Paris, na sex-

ta em Madri, na semana seguinte em Berlim e, alguns dias depois em Belgrado ou Atenas, uma vez que são essas as dimensões do Brasil e, além do mais, é infinitamente menos organizado que a Europa; um homem que ainda por cima, faz, desde há alguns meses, estadas no campo por tempo prolongado; a guerrilha urbana está bem lançada; agora é preciso preparar a guerrilha rural. Assim é Marighella, inatingível, onipresente, um forte e vivo mulato da Bahia. Tem 57 anos, trinta de Partido Comunista, e uns dez de prisão.

Já posso anunciar... Trazem-nos café. Retiro do bolso a minha lista de perguntas, algumas inspiradas pelo muito agitado mês de setembro que acaba de findar.

Conrad Detrez: O que sua organização traz de novo ao movimento revolucionário brasileiro?

Carlos Marighella: A ação! Para nós tudo nasce da ação: a vanguarda, os dirigentes... formamos grupos de combatentes armados. A vanguarda são eles. A direção conserva os mais sagazes (portanto, os mais políticos) e os mais corajosos. A organização vem depois. A maior parte dos outros grupos, mesmo os formados por pessoas oriundas do PC, todos querem, antes de tudo, fundar um partido – um novo PC, com centralismo democrático e tudo – e, por oposição ao PCB, inscrevem em seu programa a luta armada, isto é, a revolução que eles farão mais tarde.

Conrad Detrez: Direção política e direção militar são então uma só coisa?

Carlos Marighella: Absolutamente.

Conrad Detrez: E entre a direção e a base?

Carlos Marighella: Nada. Não há escalonamentos interdiários. Os grupos de base, desde que sejam dentro da perspectiva da nossa estratégia, podem tomar todas as iniciativas que quiserem, uma vez que se trate de ação. O marxismo, ou resulta em prática, ou então não servirá de nada.

Conrad Detrez: Podem haver várias direções político-militares, já que a Ação Libertadora Nacional que você está dirigindo não é a única que defende essas teses? Como então se situa o problema do comando único?

Carlos Marighella: Primeiramente nossa estratégia – uma estratégia de guerra revolucionária para o Brasil (*ele insiste nestas últimas palavras*) – não é algo fechado, acabado de uma vez por todas. Nossas orientações estão claramente definidas: guerrilha urbana, guerrilha rural, mobilidade, guerra de movimento, aliança armada operário-camponesa, papel tático e complementar da luta na cidade, articulada com a luta no campo, que é a base estratégica da revolução. Além de tudo isso, as organizações que, hoje, lutam com armas na mão, estão de acordo, sem que todas vejam exatamente da mesma maneira o desenvolvimento da luta. Mas elas combatem; é na prática que as coisas se esclarecem, que se fará uma unidade estratégica cada vez maior e que, então, se formará um comando único. O que é certo é que, em volta de uma mesa, nunca se chegará a isto. Um comando único nascido de simples discussões seria artificial; se decomporia logo em seguida.

Conrad Detrez: Nesta estratégia, você distingue três fases: a preparação da guerra de guerrilha, sua deflagração e a transformação da guerra de guerrilha em guerra de movimento. Onde estamos agora no Brasil?

Carlos Marighella: Entramos na segunda fase. A primeira foi formar grupos de combatentes armados, transformar a crise política permanente em uma situação militar, fazer os generais do governo admitirem que a guerra revolucionária tinha de fato começado. A guerrilha urbana está se instalando; a guerrilha rural será desencadeada este ano. Anunciamos a dispersão do inimigo que está organizando manobras antiguerrilha em várias partes do país. Estas regiões, e só estas regiões, ele as conhece bem. Nós não iremos lá.

Conrad Detrez: Por que começar com a guerrilha urbana?

Carlos Marighella: Na situação de ditadura que o país está vivendo, o trabalho de propaganda e divulgação só é possível, *a priori*, nas cidades. Os movimentos de massas, sobretudo os que haviam sido organizados pelos estudantes, pelos intelectuais, por certos grupos de militantes sindicais, criaram, nas principais cidades do país, um clima político favorável à aceitação de uma luta mais dura (as ações armadas). As medidas antidemocráticas tomadas pelo governo (fechamento do Con-

gresso, supressão das eleições, cassação do mandato parlamentar de mais de 100 deputados e senadores, censura da imprensa de rádio e de televisão) e inúmeros atos de repressão contra estudantes, muitos professores e jornalistas, criaram um clima de revolta. A cumplicidade da população foi conseguida pelos revolucionários. A imprensa clandestina progride. As emissões piratas são recebidas favoravelmente. A cidade reúne, pois, as condições objetivas e subjetivas requeridas para que se possa desencadear com sucesso a guerrilha. No campo, a situação está evidentemente menos favorável. A guerrilha rural deve, portanto, ser posterior à guerrilha urbana, cujo papel é eminentemente tático. Por outro lado, os combatentes que lutarão no campo terão sido testados antes, durante a luta urbana. Os mais corajosos entre eles serão enviados ao campo.

Conrad Detrez: Como você planeja continuar a guerrilha urbana?

Carlos Marighella: Podemos fazer muitas coisas: raptar, dinamitar, atirar nos chefes de polícia, especialmente naqueles que torturam ou assassinam nossos camaradas; depois continuar a expropriar armas e dinheiro. Desejamos que as forças armadas adquiram os mais modernos e eficientes armamentos, nós os roubaremos deles. Posso assegurar desde já que sequestraremos outras personalidades importantes e para objetivos mais amplos do que a libertação de 15 prisioneiros políticos, como foi o caso do sequestro do embaixador americano.

Conrad Detrez: Quem serão os guerrilheiros rurais?

Carlos Marighella: Grupos aos quais serão incorporados homens nascidos no campo e que foram à cidade para trabalhar. Eles foram politizados e treinados lá; agora eles estão voltando para casa. O êxodo rural, que é importante na América Latina, é um fator positivo a este respeito. Aliás, a incorporação dos camponeses à revolução é indispensável se quisermos transformar profundamente a sociedade brasileira. Uma luta que simplesmente opõe a burguesia ao proletariado urbano pode terminar em conciliação, não seria a primeira vez que o proletariado urbano se deixaria integrar neste sistema.

Conrad Detrez: O senhor é maoísta?

Carlos Marighella: Eu sou brasileiro. Sou o que a prática revolucionária realizada no contexto brasileiro fez de mim. Nós seguimos nosso próprio caminho e se chegamos à pontos de vista semelhantes aos de Mao, Ho Chi Minh, Fidel Castro, Guevara, etc., não foi algo de propósito.

Conrad Detrez: O senhor tem, naturalmente, algumas simpatias particulares?

Carlos Marighella: Estive na China entre 1953 e 54. Foi o partido que me mandou para lá. Eu começava, nesta época, a contestar a sua linha e era o mais forte candidato às eleições internas no Estado de São Paulo. O Partido afastou-me, portanto, por algum tempo. Na China estudei bastante a revolução. Mas, se formos falar de inspiração, a nossa vem especialmente de Cuba e do Vietnã. A experiência cubana, para mim, foi determinante, principalmente no que concerne à organização de um grupo inicial de combatentes.

Conrad Detrez: A sua ideologia?

Carlos Marighella: Marxista-leninista. Mas não “ortodoxa”, como dizem. Nós não seguimos nem seguiremos jamais, mesmo após a tomada do poder, nenhuma ortodoxia. Ortodoxia é assunto de igreja.

Conrad Detrez: O empreendimento revolucionário, o senhor mesmo espera realizá-lo?

Carlos Marighella: A questão não é essa. Sei apenas de uma coisa: a marcha revolucionária foi desencadeada, ninguém poderá detê-la. A revolução não é um assunto de alguns; mas sim de um povo e sua vanguarda. Faço parte, por haver dado, com outros camaradas, o golpe de partida. Mas é claro que a luta será longa e que virá o dia em que pessoas mais jovens que eu, deverão me substituir. Aliás, a maior da parte dos militantes que segue nossa orientação é pelo menos 25 anos mais moça do que nós. Chegada a hora, um deles levará minha bandeira ou meu fuzil, se assim preferir.

Conrad Detrez: Será que a guerrilha urbana exclui o movimento de massas, como por exemplo, as greves ou as manifestações estudantis?

Carlos Marighella: Absolutamente. Mas na atual situação de ditadura total, de fascismo absoluto, manifestar, ocupar uma fábrica, sem ser apoiado por grupos armados, seria suicídio. Por ocasião das últimas manifestações no Rio e em São Paulo, alguns estudantes foram mortos. A polícia atirou neles. Para se defender, eles não tinham senão alguns pedaços de pau ou simplesmente nada. Da próxima vez, será diferente; se os operários forem ocupar suas fábricas, eles serão armados previamente. É assim, aliás, que vejo a conjugação da guerrilha urbana e do movimento de massas. Por outro lado, os operários podem muito bem sabotar as máquinas, fabricar armas clandestinamente, destruir o material. Para os homens casados, pais de família, é a única forma de guerrilha possível atualmente.

Conrad Detrez: E o trabalho de massas, isto é, a tomada de consciência, a politização, a organização?

Carlos Marighella: É necessário, mas não necessariamente anterior à luta armada, salvo para a esquerda tradicional. Em termos de guerra revolucionária, trabalho de massas e luta armada são simultâneos e interdependentes; um age sobre o outro e vice-versa.

Conrad Detrez: Pode-se ler em um de seus documentos: “A aliança armada do proletariado, dos camponeses e da classe média urbana é a chave da vitória”. Ora, de acordo com uma revista local, sobre os 150 revolucionários presos ou identificados, 38% são estudantes, 20% militares ou ex-militares, 17% de profissão liberal, 16% funcionários públicos, comerciantes, etc., somente 8% são operários. É representativa a exposição acima? Em caso afirmativo, como equilibrar novamente a balança a favor do proletariado?

Carlos Marighella: Estes números se aplicam apenas à guerrilha urbana e particularmente aos grupos mais comprometidos de combatentes. Aqueles que fazem o trabalho de massa dificilmente foram alcançados, nem aqueles que constituem as redes de apoio logístico. Não deixa de ser verdade que os que mais nos apoiam são, na cidade, a classe média e no campo, os camponeses. Entre as pessoas que foram presas ou identificadas não se encontravam camponeses, simplesmente porque a guerrilha rural ainda não começou. E as bases clan-

destinas que estamos preparando no campo são ignoradas por todos. É preciso reconhecer que a classe operária ainda está pouco presente na luta, deve-se isso a circunstâncias históricas próprias do Brasil. Entre nós, o movimento sindical que começou por volta de 1930 foi sob impulso do presidente Vargas, chefe do Estado, portanto paternalista. Não houve conquistas operárias, portanto não houve lutas. Houve uma liberalidade por parte de Vargas. Os sindicatos sempre dependeram do Ministério do Trabalho; por conseguinte, sem autonomia. Além disso, nunca houve unidade sindical, o governo tinha o cuidado de fragmentar o movimento do qual, aliás, a base seguia cegamente a direção que por sua vez acompanhava cegamente o governo. Enfim, se nas suas fábricas os operários se mostrassem muito agressivos, havia sempre milhares de emigrantes chegados dos campos para substituí-los. Tudo isto não impediu o desenvolvimento de greves muito duras como, por exemplo, a de Osasco, nos arredores de São Paulo. De qualquer maneira, à medida em que a luta se desenvolver, o proletariado se encontrará um dia, todo ele, na encruzilhada dos caminhos e deverá escolher. Escolherá a luta, porque a burguesia é, historicamente, sua inimiga de classe.

Conrad Detrez: A guerrilha rural surgirá simultaneamente em diversos pontos do Brasil?

Carlos Marighella: Sim. Atacaremos os grandes proprietários de terras brasileiros e americanos. Sequestraremos ou mataremos os que exploram e perseguem os camponeses. Tomaremos os rebanhos e os víveres das grandes fazendas para dá-los aos camponeses. Desorganizaremos a economia rural e não defenderemos nenhuma área, nenhum território, nada disso. Defender é acabar por ser vencido. É preciso que, sempre, em toda parte, como para a guerrilha urbana, que tenhamos a iniciativa. A ofensiva é a vitória. Outro ponto importante é a mobilidade. É essencial para escapar ao cerco e à repressão; portanto, manter a iniciativa. Certamente devem ter reparado que anunciamos muitas vezes quais serão nossas próximas ações. É de propósito; faz parte da nossa estratégia. Isso força o inimigo a dispersar suas tropas e a traçar seus planos de ataque ou de defesa, portanto, a perder a inici-

ativa do combate. Ele sabe o que nós faremos, mas não sabe nem onde, nem quando, nem como, nós o faremos. Assim, sempre levamos a vantagem; esse é um dos aspectos mais importantes da guerra revolucionária. Um outro princípio importante é a astúcia, e o povo é astucioso.

Conrad Detrez: O senhor é contra as ideias de Régis Debray?

Carlos Marighella: Algumas ideias me foram úteis; no que concerne à teoria do “foco insurrecional” estou em desacordo.

Conrad Detrez: Os camponeses brasileiros aderirão mais facilmente à luta do que os bolivianos, que são índios e que, por razões históricas, desconfiam dos brancos e dos mestiços? Em outras palavras, o camponês brasileiro será mais permeável?

Carlos Marighella: No Brasil, este negócio de permeabilidade é um falso problema. O verdadeiro problema é o da infraestrutura da guerrilha. Há várias regiões do Brasil onde camponeses negros, brancos, mulatos, cafuzos, mamelucos participaram, com o apoio de estudantes ou de intelectuais, de movimentos políticos às vezes muito combativos como, por exemplo, as Ligas Camponesas de Francisco Julião. É com essa gente que é preciso preparar a infraestrutura de que falo; são eles que devem assegurar o transporte de homens e de víveres; são eles que servirão de guias. Posso mesmo dizer desde já que os setores de informação serão formados pelos próprios camponeses. Pode-se também partir dos seus movimentos de reivindicação, que também serão apoiados por grupos armados. E depois, os camponeses perseguidos virão se refugiar na guerrilha, o que engrossará nossa coluna.

Conrad Detrez: E o cangaço? Não poderá a guerrilha rural degenerar em banditismo de honra como foi o caso para os cangaceiros?

Carlos Marighella: Se ela for integrada dentro de uma estratégia global e conduzida em termos de luta de classes é impossível.

Conrad Detrez: A extensão continental do Brasil favorece ou desfavorece sua estratégia?

Carlos Marighella: Favorece. No Brasil a colonização se fez ao longo do litoral. Foi lá que as forças de repressão do poder burguês (tropas, armas, tribunais, prisões...) se instalaram. Do centro para o oeste elas são muito fracas; nesta região o cerco estratégico a partir do litoral é praticamente impossível; existem grandes obstáculos naturais que separam a faixa costeira (mais ou menos 500km de largura) do centro: rios, montanhas, matagais. E depois, o Brasil confronta deste lado com países onde a guerrilha já foi implantada. As dimensões continentais do Brasil desfavorecem a aplicação da “teoria foquista”, mas favorece nossa estratégia de guerra revolucionária.

Conrad Detrez: No transcurso deste ano, pôde o senhor notar uma evolução positiva no modo pelo qual a população considera a guerrilha urbana?

Carlos Marighella: Certos atos, como a leitura de manifestos pelo rádio, o sequestro do embaixador americano, porque esclarecem o povo sobre o sentido político da nossa luta, suscitaram um forte movimento de simpatia. O mesmo acontece em relação aos saques de dinheiro nos bancos; os pobres sabem muito bem que é o dinheiro dos ricos que nós tomamos e que vai servir para lutar contra aqueles que os oprimem.

Conrad Detrez: A estratégia para o Brasil faz parte de uma estratégia revolucionária continental?

Carlos Marighella: Naturalmente, pois é preciso responder ao plano global do imperialismo norte-americano com um plano global latino-americano. Nós estamos ligados à OLAS como muitas outras organizações revolucionárias do continente, e, em particular, aquelas que, nos países vizinhos, lutam com o mesmo objetivo que nós. Enfim, é um dever face à Cuba libertá-la do cerco imperialista ou aliviá-la da sua pressão, combatendo em toda parte. A revolução cubana é a vanguarda da revolução latino-americana; esta vanguarda deve sobreviver.

Conrad Detrez: Vocês recebem armas ou dinheiro de Cuba?

Carlos Marighella: Não. O Brasil tem muito mais armas e dinheiro do que Fidel Castro. É um imperativo da nossa estratégia tomar armas e dinheiro do inimigo, isto o enfraquece e cria um clima de guerra revolucionária.

Conrad Detrez: Por que acusar o imperialismo americano e nunca o alemão e o japonês?

Carlos Marighella: Porque é fundamentalmente sobre o americano que se apoiam a ditadura e a burguesia. Não morremos de amor pelos outros dois, mas é o imperialismo americano que devemos quebrar. A ruína dos outros se seguirá.

Conrad Detrez: Certos esquerdistas acusam a ALN, que o senhor dirige, de fazer uma luta anti-oligárquica e de libertação nacional, e não uma luta pela revolução socialista.

Carlos Marighella: Antes de fazer o socialismo, é preciso liquidar o aparelho burocrático e militar da reação e esvaziar o país do invasor norte-americano. Nisto seguimos, aliás, a Declaração Geral da OLAS. Como para Cuba, seguindo-se esta orientação chega-se necessariamente ao socialismo.

Conrad Detrez: O senhor acredita que a ditadura militar e a burguesia farão um apelo à intervenção militar americana caso a extensão da guerrilha chegasse a ameaçá-las seriamente?

Carlos Marighella: Creio que as tropas americanas intervirão. A ocupação econômica de agora se tornará também uma ocupação militar, e, portanto, evidente aos olhos de todos; o Brasil então se transformará em um novo Vietnã, algumas dezenas de vezes maior.

Conrad Detrez: É possível que surja no Brasil no seio dos setores armados uma corrente nacionalista ou “nasserista”, capaz de tomar o governo e aplicar uma política semelhante à dos generais peruanos? Em caso afirmativo, não precisaria rever a sua estratégia?

Carlos Marighella: Existe uma corrente nacionalista, mas que não tem nenhuma chance de se impor. Aliás, ser apenas anti-imperialista, no ponto que as coisas chegaram no Brasil, seria pura demagogia. A nossa fase de desenvolvimento é superior à do Peru; as relações econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil passam por mecanismos mais complexos. De qualquer forma, mesmo se a corrente dita “nasserista” se impusesse, isto não mudaria em nada nossa estratégia, pois um poder “nasserista” continua a ser um poder burguês; as estruturas da sociedade seriam as mesmas. Digo mais, o Brasil de hoje não é o Peru da véspera da tomada de poder pela

Junta; há aqui uma situação de guerra revolucionária que não existia lá. Esta situação leva antes à união das forças armadas do que à rivalidade entre suas diversas tendências. Os militares patriotas no Brasil só têm uma escolha, desertar ou sabotar.

Conrad Detrez: Li em um jornal brasileiro que o "Pravda" havia anunciado o sequestro do embaixador Burke Elbrick como "um ato de um pequeno grupo de desconhecidos". O que pensa o senhor?

Carlos Marighella: Que o "Pravda" está mal informado, embora disponha dos meios de conhecer a verdade.

Conrad Detrez: E a coexistência pacífica?

Carlos Marighella: É problema dos soviéticos. Para nós, povos do Terceiro Mundo, é inviável.

Conrad Detrez: Muda alguma coisa o restabelecimento da pena de morte?

Carlos Marighella: A ditadura apenas legalizou uma situação de fato. Antes disso, ela já assassinava nossos camaradas. Esta pena de morte, nós também a aplicaremos.

Conrad Detrez: O aparecimento de uma série de grupos revolucionários autônomos é, segundo sua opinião, positivo. Se assim for, como resolver os problemas de coordenação e unidade estratégicas?

Carlos Marighella: É positivo porque enfraquece os golpes da repressão; os pequenos grupos caem, mas a espinha dorsal do movimento revolucionário permanece intacta. A Ação Libertadora Nacional praticamente não foi atingida; ela está presente em todo o Brasil, desde a embocadura do Amazonas até a fronteira do Uruguai. Quanto à unidade e coordenação da luta, é função da identidade das concepções ideológica e estratégica; é a aplicação de uma mesma estratégia que os integra em um só vasto movimento. A direção deste movimento aparecerá e se afirmará no correr da luta. Um grupo de homens e de mulheres que podem vir de diferentes organizações, se destacará necessariamente e se revelará capaz de conduzir o empreendimento revolucionário a termo. Também, a posição da ALN consiste em ajudar, amparar, fornecer armas e treinar os militantes desses grupos autônomos.

Conrad Detrez: Poderá o eixo Rio-São Paulo representar o papel excepcional que representou o eixo Moscou-Leningrado na Revolução de Outubro?

Carlos Marighella: O triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte constitui doravante a base de sustentação do imperialismo, da burguesia e do latifúndio. É aí que se encontra concentrado todo o poderio do Estado (economia, finanças, forças armadas e policiais, órgãos de propaganda, cultura, etc.). Até pouco tempo, considerava-se que a zona mais propícia para o desencadeamento da revolução era a do Nordeste e esquecia-se de que o setor Rio-São Paulo-Belo Horizonte podia reunir os meios suficientes para sufocar qualquer tentativa revolucionária no Nordeste. Assim, decidimos transferir o centro de gravidade do trabalho revolucionário para o sul do país. A experiência prova que fizemos bem. Conseguimos abalar a referida base de sustentação; obrigamos as forças de repressão a não sair do triângulo onde já tem muito o que fazer e as impedimos, ao mesmo tempo, de ir reprimir as forças revolucionárias em ação no Nordeste e em qualquer outro lugar. Os golpes que desferimos contra as forças reacionárias do triângulo Rio-São Paulo-Belo Horizonte são decisivos; é aí que devem ser desferidos os mais violentos. Comparar o eixo Rio-São Paulo com Moscou-Leningrado não é assim tão válido uma vez que em 1917 o papel dessas cidades não estava incluído, como é o nosso caso, na estratégia de guerra revolucionária. Há, todavia, um ponto em comum, talvez sobre o plano de base da reação.

Ao término da entrevista, um casal de pessoas simples nos traz sanduíches, leite, café e frutas. “Eles são católicos” — disse-me Marighella; “nós nos entendemos bem porque eles sabem que eu sou pela liberdade religiosa e pela inteira separação da Igreja e do Estado. Aliás, uma das coisas que mais irrita os generais, é que eles não conseguem lançar a Igreja contra os revolucionários. E não são só grupos católicos que participam da nossa luta; há espíritas, protestantes e todas essas pessoas do povo que frequentam os centros de cultos africanos”. Pergunto-lhe por que ele esperou a Conferência da OLAS, em 1967, para romper com a direção do PCB — “É

porque nesta ocasião eu sustentava uma importante luta interna, sobretudo em São Paulo, de onde vieram os primeiros e melhores militantes da ALN. Agora, o partido está muito enfraquecido; Luís Carlos Prestes está velho e prisioneiro de um grupo de burocratas completamente corrompidos pela ideologia burguesa”.

Contou-me ainda sobre o escândalo que fez no Rio, em 1964, alguns dias depois do golpe de Estado. Tinha marcado um encontro com um camarada em um cinema. Na saída, agentes da polícia política o esperavam. Logo que percebeu tentou fugir. Os agentes atiraram, ele recebeu três balas em pleno ventre. Ensanguentado, no meio das pessoas que deixavam a sala, começou a gritar: “Estas balas que estão vendo, doravante serão revidadas contra a ditadura... Eu estava esperando por isso. Depois de dois meses de prisão, foi-me restituída a liberdade, pois a polícia não podia me acusar de outra coisa concreta. Desde então, venho me aprofundando na promessa desta frase”. Quanto à sua origem é assunto reservado. “Nasci na cidade do Salvador, na Bahia: meu pai era um imigrante italiano; minha mãe uma negra. Sou neto de escravos”, acrescentou com uma espécie de orgulho vingador.

Depois da refeição, fomos para um jardim que tinha várias saídas. Deu-me um grande e caloroso abraço e se retirou acompanhado de dois seguranças.



adandē





“

O guerrilheiro urbano é um homem armado que luta contra a ditadura militar com armas, empregando para isso meios não convencionais (...) é um lutador pela libertação de seu país, um amigo do povo e da liberdade. (...) O guerrilheiro urbano é um inimigo implacável do governo e sistematicamente causa prejuízos às autoridades e aos homens que dominam e exercem o poder. A tarefa principal do guerrilheiro urbano é distrair, desgastar e desmoralizar os militares, a ditadura militar e suas forças de repressão, além do ataque e saque devastador aos bens e à propriedade dos norte-americanos, dos empresários estrangeiros e da grande burguesia brasileira. O guerrilheiro urbano não teme dismantelar e destruir o atual sistema econômico, político e social brasileiro, pois o seu objetivo é ajudar e colaborar para que surja no país uma estrutura social e política inteiramente nova e revolucionária, com o povo armado no poder.

”



adandê

